

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO – FABICO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

AS REVISTAS SEMANAIS E A RENÚNCIA DE FIDEL CASTRO:

Análise de conteúdo de Carta Capital, Época, Isto É e Veja

Alexandre Freitas Haubrich

Porto Alegre, dezembro de 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO – FABICO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

AS REVISTAS SEMANAIS E A RENÚNCIA DE FIDEL CASTRO:

Análise de conteúdo de Carta Capital, Época, Isto É e Veja

Alexandre Freitas Haubrich

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito final para a obtenção da titulação de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Virginia P. S. Fonseca

Porto Alegre, dezembro de 2009

Sean capaces siempre de sentir, en lo más hondo, cualquier injusticia realizada contra cualquiera, en cualquier parte del mundo. Es la cualidad más linda del revolucionario.

Sueña y serás libre en espíritu, lucha y serás libre en vida.

Podrán morir las personas, pero jamás sus ideas.

Ernesto “Che” Guevara

RESUMO

A renúncia do presidente cubano Fidel Castro, em fevereiro de 2008, levou a imprensa mundial a uma série de especulações sobre o futuro de Cuba e do governo revolucionário que comanda o país caribenho. No Brasil, a reação não foi diferente. Na mesma semana, as quatro principais revistas semanais brasileiras – *Carta Capital*, *Isto É*, *Época* e *Veja* – dedicaram espaço considerável ao assunto, sendo que três delas destinaram a ele a manchete de capa. Analisar a imprensa de forma crítica, partindo-se sempre de noções de comparação, permite que se faça uma leitura mais qualificada de reportagens e dos fatos aos quais elas se referem. A sociedade de forma geral, porém, não costuma realizar esse tipo de leitura, rotineiramente entendendo como verdades absolutas o que está escrito em jornais e revistas ou é dito nas emissoras de televisão e de rádio. Demonstrar que existem variações nas versões, que discursos vêm sempre carregados de ideologia e que deve-se entendê-los dessa forma, é passo fundamental para que a sociedade avance em cultura e educação. A partir do entendimento de que a academia também possui, como o jornalismo, a função de educar e construir conhecimento, esta monografia propõe-se a analisar de forma crítica e comparativa a cobertura realizada pelas quatro principais revistas brasileiras de informação quando da renúncia do presidente cubano Fidel Castro.

Palavras-chave: comunicação; jornalismo; Revolução Cubana; Fidel Castro; Cuba.

LISTA DE TABELAS

Tabelas sobre a cobertura:

TABELA 1 – Manchete de capa.....	51
TABELA 2 – Chamada na capa.....	52
TABELA 3 – Subtítulo na capa.....	52
TABELA 4 – Editorial.....	53
TABELA 5 – Posição no editorial sobre a Revolução Cubana e/ou Fidel Castro.....	53
TABELA 6 – Páginas dedicadas ao tema.....	54
TABELA 7 – Quantidade de textos (unidades).....	55
TABELA 8 – Gêneros.....	55
TABELA 9 – Enfoque das reportagens.....	56
TABELA 10 – Visão expressa pelos entrevistados.....	57
TABELA 11 – Visão expressa pelos articulistas.....	57
TABELA 12 – Peças gráficas (quadros, linhas de tempo, infográficos).....	59
TABELA 13 – Conteúdo das peças gráficas.....	59
TABELA 14 – Fotografias (unidades).....	60

Tabelas sobre a matéria principal

TABELA 15 – Título.....	61
-------------------------	----

TABELA 16 – Linha de apoio.....	61
TABELA 17 – Presença de correspondente ou enviado especial.....	62
TABELA 18 – Número de páginas (unidades).....	63
TABELA 19 – Fotografias (unidades).....	63
TABELA 20 – Número de parágrafos (unidades).....	63
TABELA 21 – Parágrafos por assunto (unidades).....	64
TABELA 22 – Focos principais da reportagem.....	64
TABELA 23 – Formas de referência a Fidel Castro.....	65
TABELA 24 – Adjetivos relacionados diretamente a Fidel Castro.....	66
TABELA 25 – Expectativa quanto ao futuro de Cuba.....	67
TABELA 26 – Valoração da Revolução e de Fidel pelas citações e fontes expressas...68	
TABELA 27 – Fontes positivas ou autor das citações positivas em relação a Fidel Castro.....	68
TABELA 28 – Fontes negativas ou autor das citações negativas em relação a Fidel Castro.....	68
TABELA 29 - Fontes intermediárias ou autor das citações intermediárias em relação a Fidel Castro.....	68
TABELA 30 – Referências críticas à suposta falta de liberdade de expressão (unidades).....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CUBA E FIDEL CASTRO – duas histórias ligadas para sempre.....	12
1.1 Cuba pré-revolução.....	12
1.2 Fidel Castro pré-revolução.....	15
1.3 A Revolução parte da Sierra Maestra.....	19
1.4 A Revolução constrói um novo mundo.....	22
1.4.1 Os primeiros momentos.....	22
1.4.2 A nova organização social.....	24
1.4.3 Cuba e Estados Unidos – tão próximos, tão distantes.....	27
1.4.4 Cuba e União Soviética – tão distantes, tão próximas.....	30
1.4.5 A política do partido único e a democracia cubana.....	31
1.4.6 A pena de morte e a liberdade de imprensa.....	33
1.5 O afastamento de Fidel.....	35
2 METODOLOGIA.....	37
2.1 A análise de conteúdo.....	38
2.1.1 O desenvolvimento ao longo dos anos.....	38
2.1.2 Formas básicas de aplicação.....	42
2.2 A pesquisa bibliográfica.....	43
3 AS REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS E A RENÚNCIA DE FIDEL.....	50
3.1 Sobre a cobertura.....	51
3.2 Sobre a matéria principal.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
ANEXOS.....	77
ANEXO A – Revista Carta Capital.....	78
ANEXO B – Revista Época.....	91
ANEXO C – Revista Isto É.....	105
ANEXO D – Revista Veja.....	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho irá tratar da cobertura jornalística realizada pelas quatro revistas semanais brasileiras de maior circulação – *Carta Capital*, *Época*, *Isto É* e *Veja* – quando da renúncia do ex-presidente cubano Fidel Castro ao cargo que exercia, em 19 de fevereiro de 2008. A análise se dará tomando como *corpus* as reportagens relativas ao assunto publicadas nas respectivas revistas na semana em que a renúncia foi anunciada.

O tema escolhido justifica-se por mais de um motivo. A renúncia de Fidel Castro, após 49 anos como presidente de Cuba, possui uma gama muito extensa de significados políticos e históricos. Representa o fim de um ciclo marcante na história mundial, e o início de um novo momento que nem os principais especialistas e analistas políticos sabem ainda exatamente de que forma se apresentará e a que situação posterior levará o campo político internacional. O país que Fidel comandou durante quase meio século é uma experiência diferenciada de organização social e política, e não há como saber como o novo líder, Raúl Castro, irmão de Fidel, se comportará – colocará em marcha a abertura política e econômica de Cuba?, seguirá os preceitos da Revolução estabelecidos por Fidel quando este assumiu o poder?, abrirá negociações com presidentes de países contrários à política cubana?

Fazendo frente à dominação norte-americana - ideológica, cultural, econômica e política - Cuba isolou-se desde a tomada do poder pela Revolução de 1959. Em alguns casos, por opção própria; em outros, graças ao embargo econômico, comercial e financeiro imposto à ilha pelos Estados Unidos a partir de 1962. Por isso tudo, a renúncia de Fidel Castro representa um momento fundamental na história mundial.

Por sua vez, as quatro revistas semanais de maior circulação no Brasil fizeram coberturas distintas - ideológica, qualitativa e quantitativamente falando. Deram importância diferenciada ao fato, enfocaram alguns aspectos diversos e, principalmente, demonstraram posições diferentes, até opostas, sobre a situação de Cuba, a liderança de Fidel Castro, e o futuro da ilha, entre outros aspectos nos quais discordaram

frontalmente e que serão esmiuçados, analisados e interpretados no presente trabalho. Sendo veículos tão representativos – fato que também poderemos constatar objetivamente mais adiante -, *Carta Capital*, *Época*, *Isto É* e *Veja* possuem importante papel na formação de opiniões entre a população e na determinação de pautas jornalísticas, de forma que as coberturas apresentadas pelas quatro revistas ajudam a definir os posicionamentos de seus leitores e, através destes e de outros veículos, de uma parcela ainda mais significativa da população brasileira.

Além disso, analisar comparativamente é um exercício fundamental na prática jornalística. Não permite que os olhares se viciem, possibilita que os repórteres e seus leitores tenham suas perspectivas abertas, sua visão ampliada. Um olhar comparativo dá base para leituras críticas, torna relativo o que muitas vezes pode parecer absoluto e possibilita base intelectual para que a população e o repórter possam interpretar corretamente a notícia através da forma como é veiculada e tratada por determinados veículos.

A imprensa possui forte influência na constituição do chamado *zeitgeist*, que pode ser traduzido como o “espírito de um tempo”, as vivências culturais e sociais de determinadas comunidades. As opiniões dos indivíduos sociais formam a opinião da sociedade, e sua formação sofre ação direta de alguns pilares educacionais, entre eles a escola, a família, a igreja e a imprensa.

Essas instituições costumam ter suas posições encaradas como verdades absolutas por determinados grupos de indivíduos. Não se percebe que, por trás de aulas, pregações, ensinamentos e reportagens, estão pessoas, visões de mundo, fato que invariavelmente impregna suas ações de ideologia, intenção e falibilidade, ainda que, em alguns casos, nem o próprio produtor desses conhecimentos tenha consciência disso.

Analisar comparativamente a imprensa desmistifica o trabalho jornalístico, torna-o humano e, dessa forma, possibilita revelar que os jornalistas e os veículos onde trabalham são, sim, passíveis de erros e propensos a posicionamentos ideológicos, sejam estes propositais ou não, interessados ou não.

Exercer e transmitir um olhar crítico sobre a imprensa é uma questão de cidadania, como deveria ser toda e qualquer prática jornalística ou acadêmica. A imprensa criou sobre si, através da propagação histórica de conceitos como imparcialidade e isenção, um mito de neutralidade, de sobre-humanidade, que é prejudicial à qualidade da informação que a sociedade recebe. É prejudicial porque as pessoas passam a acreditar que, na prática jornalística, não existem as imperfeições tão

humanas que estão presentes em quaisquer profissões. Criar na sociedade uma visão crítica em relação à imprensa é fundamental para que aquela possa desenvolver-se - cultural e intelectualmente - sem que seja manipulada. A noção de que se está escrito no jornal ou na revista é verdade tem de ser repensada, e uma das formas de se fazer esse questionamento é, justamente, através de trabalhos de análise comparativa que dêem conta de diferentes abordagens sobre um fato aparentemente objetivo. O entendimento dessas variações e dessas subjetividades - inseparáveis da prática jornalística e textual - por parte dos indivíduos e, em seu conjunto, da sociedade, é pressuposto indissociável de uma mudança no paradigma social atual.

Justificada nos parágrafos anteriores a importância do estudo proposto nesta monografia, impõe-se a partir daqui a seguinte questão – ou problema - de pesquisa: considerando-se que, na semana em que o presidente cubano Fidel Castro renunciou ao cargo, as quatro revistas semanais brasileiras de maior circulação destinaram um espaço considerável daquela edição ao fato, quais as diferenças e semelhanças entre as respectivas coberturas?

Assim esclarecidas as motivações e definido o problema para o qual esta pesquisa busca resposta, delineiam-se os objetivos que deverão ser alcançados até a sua finalização. O objetivo geral é, dessa forma, comparar a cobertura realizada pelas quatro revistas semanais de maior circulação no Brasil – *Carta Capital*, *Época*, *Isto É* e *Veja* – quando da renúncia do presidente cubano Fidel Castro, em fevereiro do ano 2008.

Como forma de alcançar este objetivo geral, esta pesquisa persegue os seguintes objetivos específicos:

- Verificar quais os aspectos que cada uma das publicações considera mais relevantes na cobertura referida – se o histórico de Fidel como presidente cubano, se o futuro de Cuba com a saída de seu comandante, se a repercussão internacional da renúncia, entre outros que poderão aparecer com mais ou menos destaque nas revistas pesquisadas;
- Distinguir opiniões positivas ou negativas com relação à figura de Fidel Castro e sua atuação como presidente cubano, e o modo como estas posições são apresentadas em cada uma das publicações e comparativamente entre elas;
- Perceber a forma como as quatro revistas analisadas vêem o futuro de Cuba sem Fidel na presidência;

- Identificar, nos veículos já citados, as posições ideológicas sobre a Revolução Cubana e o contexto histórico / político da ilha em geral.

Para que tais objetivos – geral e específicos – sejam alcançados de forma concreta e total, utiliza-se os procedimentos de pesquisa bibliográfica e técnicas de análise de conteúdo.

Esta monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro, traça-se um panorama histórico da ilha de Cuba e, em seguida, da trajetória de Fidel Castro, evidentemente com foco em seus anos como presidente cubano. No segundo, será delineada a metodologia que será aplicada no terceiro. O terceiro capítulo será a análise em si, onde as metodologias serão aplicadas aos objetos em estudo.

Assim sendo, o primeiro capítulo vai traçar um panorama histórico e político de Cuba e de seu agora ex-presidente Fidel Castro Ruz. Começará oferecendo uma perspectiva geral de que país é esse, através da apresentação de alguns de seus mais importantes fatos históricos e do contexto que levou à tomada do poder pela Revolução Cubana de 1959, comandada por Fidel. Ainda nesse mesmo capítulo, serão apresentados dados biográficos do ex-presidente cubano cuja renúncia é objeto desta monografia, obviamente com foco em sua história política e suas posições ideológicas, especialmente em seus quase 50 anos à frente do governo cubano, quando sua história confunde-se com a da ilha. Tratar-se-á também de algumas das mudanças aplicadas pelo governo revolucionário e os conflitos políticos enfrentados desde lá até a renúncia de Fidel Castro, em fevereiro de 2008.

Essa contextualização político-histórica fornece as bases para que se entenda melhor o objeto das reportagens que serão analisadas posteriormente. Apenas dessa forma será possível pensar sobre as matérias: conhecendo seu objeto, sendo ele, nesse caso, a renúncia de Fidel Castro.

No segundo capítulo, explica-se a metodologia empregada durante a pesquisa. São definidos os autores usados como referência para que seja feita a comparação proporcionada pela análise de conteúdo. Ao fazer essa apresentação, também se justifica a pertinência dos métodos empregados na pesquisa.

O primeiro e o segundo capítulo servem, então, para contextualizar o tema Cuba e seu ex-presidente, Fidel Castro, assim como para explicitar a metodologia empregada na análise da cobertura das revistas. Tomando por base o que já terá sido desenvolvido nesses dois primeiros momentos, o terceiro capítulo apresenta a análise propriamente dita.

Com base nas teorias do jornalismo e após demonstrar os procedimentos que serão aplicados, analisa a cobertura feita pelas quatro revistas semanais brasileiras de maior circulação, quando da renúncia do então presidente cubano Fidel Castro Ruz.

Por último, nas considerações finais, apresentam-se as conclusões possíveis através da contextualização e análise realizada nos três capítulos, e faz-se um breve inventário das dificuldades encontradas para a realização deste tipo de investigação, bem como se apresentam novas questões de pesquisas que, por razão dos caminhos que a presente análise tomou a partir dos objetivos propostos inicialmente, terão de ser retomadas em outro momento, ainda que tenham mostrado relevância ao surgirem durante o processo de construção desta monografia.

1 CUBA E FIDEL CASTRO – DUAS HISTÓRIAS LIGADAS PARA SEMPRE

O presente capítulo pretende traçar um panorama histórico da ilha de Cuba, com mais atenção aos momentos pré-revolução cubana, ao processo revolucionário em si e, em especial, aos anos em que o país teve Fidel Castro como presidente.

Para isso, começa-se fazendo uma síntese do período pré-revolucionário para, a seguir, apresentar um resumo biográfico do líder Fidel Castro, suas idéias e suas posições políticas, e, por fim, sua atuação à frente do governo cubano até 2008, ano de sua renúncia.

1.1 Cuba pré-revolução

Cuba é um país insular, localizado no norte do Mar do Caribe, em um arquipélago com mais de quatro mil restingas, ilhas e ilhotas, sendo a maior delas a ilha de Cuba, com uma superfície de 104.945 quilômetros quadrados.

Cuba foi “descoberta” em 1492 por Cristóvão Colombo. Foram, a seguir, quatro séculos sob domínio espanhol, mesmo com alguns ataques ingleses, como ocorreu em boa parte da América Latina. Ocorreram duas guerras pela independência até que Cuba conseguisse libertar-se do domínio espanhol. A primeira delas teve início em 10 de outubro de 1868, tendo como principal liderança o advogado e proprietário de engenhos Carlos Manuel Céspedes, que morreu em combate. Durou dez anos, e terminou com a derrota dos defensores da independência (AYERBE, 2004, p.21)

Desde o início da ascensão econômica norte-americana, os Estados Unidos viam com atenção os recursos naturais da América Latina. O interesse comercial norte-americano em Cuba esteve presente em diversos setores, em especial na produção de açúcar. Esse interesse teve grande influência na segunda guerra de independência

cubana, liderada por cubanos, mas que teve seu resultado e seus desdobramentos definidos em boa medida pelos EUA.

Em 1895, uma expedição comandada por Máximo Gomes desembarcou em Cuba. José Martí, líder intelectual da ação, também estava presente. Assim teve início a segunda guerra de independência, que terminou com 400 mil cubanos e 80 mil espanhóis mortos (AYERBE, 2004, p.23). Martí morreu logo no início da guerra. Quando os independentistas estavam já próximos da vitória, os Estados Unidos, alegando que um navio seu fora explodido por uma mina submarina espanhola nas proximidades de Cuba, declarou guerra a Espanha, e entrou no conflito. A Espanha foi derrotada definitivamente. Os EUA, então, impediram que Cuba participasse das negociações de paz, e se estabeleceu na ilha um governo militar provisório norte-americano, que durou até 1902, “quando toma posse o primeiro presidente eleito do país, Tomás Estrada Palma, do Partido Revolucionário Cubano (PRC), fundado por José Martí em 1892” (AYERBE, 2004, p.24).

Mesmo com a república estabelecida então, o domínio norte-americano sobre o país não acabou ali. As tropas dos EUA se retiraram em 1903, mas já havia sido acrescentada, na Constituição Cubana, a Emenda Platt.

No dia 20 de maio de 1902 foi proclamada a República em Cuba, mas o governo norte-americano, em 1901, tinha convencido a Assembléia Constituinte cubana a incorporar um apêndice à Constituição da República, a Emenda Platt, pela qual se concedia aos Estados Unidos o direito de intervir nos assuntos internos da nova república, negando à ilha, bem como à vizinha ilha de Porto Rico, a condição jurídica de nação soberana, o que limitaria sua soberania e independência por 58 anos.¹

A Emenda Platt vigorou até 1933, e cairia apenas com a Revolução Cubana de 1959, liderada por Fidel Castro, cairia finalmente o controle dos Estados Unidos da América sobre Cuba, quando o país torna-se realmente independente, retomando o processo iniciado por Martí.. Até a chegada dos combatentes do Movimento Revolucionário 26 de Julho ao poder, em 1º de janeiro de 1959, muitas foram as intervenções norte-americanas em Cuba – tanto militares quanto de caráter político-econômico.

¹ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuba>

Durante as primeiras décadas do século XX, a participação direta dos Estados Unidos na vida econômica de Cuba, com investimentos na modernização da produção açucareira, por exemplo, desnacionalizou a economia cubana, tornando a ilha uma moderna feitoria agroindustrial. Com os problemas nacionais, decorrentes da dependência externa, a miséria no campo e a insatisfação social cresceu o sentimento anti-imperialista e nacionalista (...) ²

Após a Independência, vários foram os governantes da ilha até a chegada de Castro ao poder. O último deles foi Fulgêncio Batista, “um sargento do Exército estreitamente ligado aos interesses das oligarquias internacionais e dos investidores estrangeiros”³, que assumiu a presidência de Cuba pela primeira vez em 1933, em um golpe de Estado que derrubou o então presidente Gerardo Machado, durante a chamada *revolta dos sargentos*. O golpe ocorreu em meio a uma grave crise política. Na verdade, desde sua independência Cuba viveu quase em constante crise política. “Durante toda a primeira metade dos século 20, a política de Cuba foi marcada pela alternância de ditadores no poder, sendo raros os governos legais, ou de caráter popular”⁴. O primeiro governo de Fulgêncio Batista durou até 1944, período no qual centralizou em si as decisões de governo e as nomeações, além de multiplicar sua fortuna pessoal, tornando-se o homem mais poderoso do país.

Quando ascendeu ao poder em Cuba, em outubro de 1933, o coronel Fulgêncio Batista, líder da Revolução dos Sargentos, praticamente fora empossado a bordo de um cruzador norte-americano ancorado na baía de Havana. Na falta de coisa melhor, Summer Wells o procônsul dos EUA na ilha decidira dar o seu apoio a quem era o verdadeiro homem-forte da ilha – o melífluo e servil Batista (SCHILING, Voltaire, 2003).⁵

Em 10 de março de 1952, ele voltou ao poder através de um golpe de Estado, apoiado pelos norte-americanos e por setores da burguesia cubana, que derrubou o presidente Prío Socarras.

Passou então a governar como um verdadeiro ditador, contando com o reconhecimento diplomático e apoio militar dos EUA. Instaurou um regime autoritário, mandando prender os seus opositores e restringindo as liberdades através do controlo total da imprensa, das universidades e do Congresso Cubano.⁶

² Disponível em http://sti.br.inter.net/rafaas/revlatame/rev_cubana.htm

³ Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/cuba/cronologia.html

⁴ Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/cuba/cronologia.html

⁵ Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2003/07/25/001.htm>

⁶ Disponível em <http://www.diario-universal.com/2009/08/morreu/fulgencio-batista-y-zaldivar/>

Em 1953, o movimento estudantil cubano passou a realizar manifestações contra Batista. Foi nesse ano, no dia 26 de julho, que aconteceu o primeiro levante do grupo que, em 1959, alcançaria o poder na ilha ao derrubar a ditadura de Batista. Foi um ataque com 120 homens ao quartel Moncada. A ação fracassou, muitos rebeldes foram mortos, outros foram presos. Dentre estes estava um advogado de 27 anos de idade: Fidel Alejandro Castro Ruz.

1.2 Fidel Castro pré-revolução

Em 13 de agosto de 1926, às duas horas da manhã, nascia, na localidade de Birán, em Cuba, o filho de Ángel Castro e Lina Ruz, a quem foi dado o nome de Fidel Alejandro Castro Ruz. Ángel era um camponês pobre da Galícia, que fora a Cuba lutar contra os cubanos na 2ª Guerra de Independência. Voltou a Espanha ao final do conflito, mas o gosto que tomara por Cuba o fez regressar à ilha em 1899. Lina, cubana, também era filha de camponeses pobres. Ascendendo em cargos da empresa em que passou a trabalhar em Cuba, Ángel tornou-se um homem muito rico, dono de 11 mil hectares de terras: um latifundiário.

Porém, conforme relato de Fidel Castro a Ignacio Ramonet (2006), seu pai era um homem generoso, prezando sempre pelos vários pobres que trabalhavam e moravam no povoado que se formou ao redor de sua propriedade.

Fidel foi uma criança rebelde. São quatro as rebeliões mais explícitas que contabiliza durante sua infância, segundo depoimento transcrito no livro de Ramonet. Antes de narrá-las, porém, convém que aqui se apresente sua contextualização.

Aos quatro anos de idade, aprendeu a ler e escrever na mesma classe onde estudavam seus dois irmãos mais velhos. Era consideravelmente mais novo que os colegas e, acrescentado à idade o fato de ser filho de um latifundiário, o único rico da região, suas travessuras eram em maior quantidade que as dos outros. Recebia algumas punições severas, como ajoelhar no milho e levar “reguadas”. “Eu conheci as torturas escolares”, contou a Ignacio Ramonet (2006). “Vi-me na necessidade de resolver problemas desde muito cedo e isso me ajudou a adquirir certa consciência da injustiça e das coisas que aconteciam naquele mundo” (RAMONET, 2006, p. 60).

Ainda conforme relato transcrito na obra de Ramonet, aos seis anos Fidel foi mandado pela família a Santiago de Cuba (segunda cidade mais importante do país), para estudar. Foi morar na casa da antiga professora de Birán, e nunca ia para a aula,

tomando apenas algumas lições da irmã da professora. Morou ali por três anos. Nessa casa, a disciplina era rígida, a família era de educação francesa, muito rigorosa. Ao mesmo tempo, era uma família pobre. A mesada que o pai mandava para Fidel era “desviada” para despesas da casa, e, segundo narra o próprio, muitas vezes passou fome. Diz que era mal alimentado e maltratado. Então, resolveu parar de obedecer. Foi sua primeira rebelião, e acabou sendo mandado para um colégio interno, o La Salle, ainda em Santiago de Cuba.

Com menos de dez anos, de férias em Birán, lia nos jornais notícias sobre a Guerra Civil Espanhola para o cozinheiro da família, analfabeto como quase todos no povoado. Fidel interessava-se desde pequeno pelas guerras e pela História. Gostava também de esportes e, principalmente, de escalar montanhas, mas não era um bom aluno. Preferia aprender sozinho, não se interessava pelas aulas. Sempre foi um autodidata.

O La Salle era um colégio de jesuítas. Lá, sua personalidade começou a ser montada:

O jesuíta espanhol sabia inculcar um grande senso de dignidade pessoal, o senso da honra pessoal, sabia apreciar o caráter, a franqueza, a retidão, a coragem da pessoa, a capacidade de superar sacrifícios. São valores que sabiam exaltar (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.79).

A segunda rebelião infantil de Fidel, porém, aconteceu também no La Salle. Aos 11 anos de idade, apanhou por três vezes de um mesmo inspetor. Na terceira vez, revidou. Chamados ao colégio, seus pais decidiram que ele não voltaria mais à escola, o que provocou a terceira rebelião: o pequeno Fidel não aceitou a decisão e afirmou que eles tinham a obrigação de colocá-lo na escola, ameaçando os pais de atear fogo à casa de madeira onde a família vivia. Assim conseguiu voltar a Santiago.

Foi morar na casa da família de um comerciante, que exigia dele as melhores notas, o que o levou a falsificá-las, coisa que ele mesmo afirma que não gostava de fazer. Tanto é que, no ano seguinte, resolveu parar com a manipulação do desempenho escolar, e decidiu também parar de ir à escola. Foi sua quarta rebelião. Então seus pais o colocaram como interno.

As injustiças e dificuldades pelas quais Fidel passou, especialmente nesses períodos fora de casa, criaram no futuro comandante, segundo contou a Ramonet, um senso de justiça e questionamento, adquiridos com as próprias experiências e com o que via à sua volta, inclusos aí os primeiros tempos, em Birán. Acredita ter tido sorte por ser

filho de rico e não neto de rico, ou moraria em um bairro aristocrático e não poderia conviver com a realidade dos mais humildes ((RAMONET, 2006, p.58).

Graças aos privilégios de filho de latifundiário, foi direto do ensino fundamental para o pré-universitário, em Havana, vantagem a que pouquíssimos tinham oportunidade àquela época.

Com 19 anos recém completados, em setembro de 1945 Fidel Castro entrava na Universidade de Havana, onde se instruiria politicamente, onde se forjariam seus ideais e onde se iniciaria sua luta.

No livro “Fidel em pessoa”, de Roberto D’Ávila, o líder conta que foi apenas na universidade que atingiu uma consciência política, quando começou a ter contato com a literatura revolucionária (CASTRO apud D’ÁVILA, 1986, p. 22-23). A Ramonet, afirmou que quando chegou à universidade era uma analfabeto político (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.100). Na mesma publicação, conta que ingressou na faculdade como um típico “comunista utópico” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.105), sem bases teóricas ou históricas para defender suas ideias. Sabia, entretanto, que algo ia mal, tinha senso de justiça para ver que, se havia pobreza, miséria, desigualdade, algo estava errado e esse algo havia de ser confrontado e modificado.

Nessa universidade, onde cheguei apenas com meu espírito rebelde e algumas ideias elementares de justiça, tornei-me revolucionário, tornei-me marxista-leninista e adquiri sentimentos que ao longo dos anos nunca me senti tentado, o mínimo que seja, a abandonar. Por isso me atrevo a afirmar que jamais os abandonarei (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.100).

Na Universidade de Havana, Fidel foi líder estudantil. Primeiro, representante de curso; depois, na Federação Estudantil Universitária (FEU), foi nomeado presidente do Comitê Pró-Democracia Dominicana da FEU e presidente do Comitê Pró-Independência de Porto Rico. Isso tudo logo nos primeiros anos de faculdade. A partir desses cargos, aos 21 anos ingressou na expedição de Cayo Confites pela derrubada do ditador da República Dominicana, Rafael Trujillo. A expedição foi frustrada, mas serviu a Fidel como experiência de luta e trouxe a ele um *know-how* diferenciado.

Na universidade, o internacionalismo presente no pensamento político de Fidel já dava suas primeiras mostras. A luta na República Dominicana foi um exemplo, mas há outro que ocorreu na mesma época. Em abril de 1948, Fidel estava em Bogotá, na Colômbia, articulando a união dos estudantes da América Latina, quando o líder do Partido Liberal e favorito às eleições presidenciais colombianas, Jorge Eliécer Gaitán,

foi assassinado. Gaitán iria, inclusive, no mesmo dia, encontrar-se com Fidel para falar sobre o Congresso Latino-Americano da Juventude, mas o encontro nunca chegou a acontecer. Explodiu, então, o Bogotazo, famosa série de destruições e protestos provocados pelo assassinato de Gaitán. Fidel participou ativamente das manifestações, que resultaram na destruição de boa parte da cidade de Bogotá e no início de um conflito civil que se generalizou pelo país e durou até 1958, conhecido como “La Violencia”.

Em setembro de 1950, aos 24 anos, Fidel Castro concluía a faculdade de Direito. Segundo narra na entrevista a Ramonet, foram três os pontos fundamentais em sua formação política: a influência de José Martí e sua ética; a influência de Marx e sua concepção humana da sociedade; e as experiências pessoais.

Para 1952, estavam marcadas eleições em Cuba, e Fidel seria candidato a deputado, mas o golpe de Batista, no dia 10 de março, impediu o pleito.

Quando ocorreu o golpe de Estado de Batista, em 1952, elaborei uma estratégia para o futuro: lançar um programa revolucionário e organizar um levante popular. A partir daquele momento, já tinha toda a concepção de luta e as ideias revolucionárias fundamentais [...]. Eu já tinha a ideia de que era necessária a tomada do poder revolucionariamente (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.108).

Reuniu, então, 1200 homens, com o objetivo de voltar à situação de 10 de março. Destes, 165 foram selecionados para atacar os quartéis Moncada e Bayamo – 120 iriam ao Moncada, o restante ao Bayamo. “Com a tomada dos dois quartéis, pretendia-se convocar uma greve geral, desencadeando um processo insurrecional contra o regime que contaria com movimentos de massa e a deserção de soldados” (AYERBE, 2004, p.29). A ação fracassou. Segundo Ayerbe (2004, p.30), o número de mortes entre os insurgentes chegou a 90, muitos assassinados depois de dominados. As principais lideranças, como Fidel e seu irmão Raul Castro, foram presas.

Encarcerado, Fidel fez sua defesa através do documento “A História me absolverá”, onde defende a ação contra os quartéis como um direito constitucional contra um governo ilegítimo e delineia as diretrizes que seriam aplicadas caso a tomada dos quartéis resultasse em vitória e em tomada do poder. Dentre essas diretrizes, havia cinco leis revolucionárias, a partir das quais seriam aplicadas outras reformas.

A primeira reconhecia a Constituição de 1940 como lei fundamental do Estado. A segunda lei atribuía terras a camponeses que ocupassem pequenas parcelas, até um total de cinco *caballerías* (13.430 metros quadrados). A terceira dava o direito aos trabalhadores assalariados de participar em 30% dos lucros das grandes empresas industriais, extrativas e comerciais. A quarta concedia a todos os colonos 55% de participação nos lucros da cana-de-açúcar e uma cota mínima de quarenta mil arrobas àqueles que estivessem estabelecidos por um mínimo de três anos. A quinta lei confiscava todos os bens obtidos a partir da malversação dos recursos públicos, atingindo todos os governos (AYERBE, 2004, p.31).

Houve uma forte pressão popular pela anistia aos presos no assalto ao quartel Moncada. Em um clima favorável de abertura, no qual Fulgência Batista resolveu tentar legalizar seu governo, convocando eleições nas quais concorreu como candidato único, a anistia foi concedida.

Fidel partiu então para o México, onde passou um ano dedicando-se à organização de um grupo, com o objetivo de voltar a Cuba para, agora sim, tomar o poder de Batista. Era o começo efetivo da Revolução.

1.3 A Revolução parte da Sierra Maestra

No dia dois de dezembro de 1956, 82 rebeldes, comandados por Fidel Castro, desembarcavam em Cuba, nas proximidades da Sierra Maestra, vindos em uma barco onde cabiam apenas 25. Entre os rebeldes estavam também Raul Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Guevara de la Serna, o “Che”. Chegaram com dois dias de atraso em relação ao plano inicial e, com isso, o inimigo já estava em alerta.

Poucos dias depois, foram atacados, sofreram várias baixas e aconteceu a dispersão completa do grupo. Fidel continuou com apenas dois companheiros, e uma enorme decepção pelo primeiro grande revés após dois anos de intenso planejamento. Apenas dias depois o grupo conseguiu se reunir novamente, e se reorganizou para, agora sim, iniciar a ofensiva contra Batista, na Sierra Maestra.

Logo no começo da investida, um exemplo do pensamento e da conduta diferenciada adotada pela guerrilha liderada por Fidel, e que seria aplicada durante toda a Revolução: os líderes do grupo resolveram atacar um quartel (o quartel Uvero) para auxiliar um outro grupo de rebeldes, sem relação nenhuma com este, que acabava de desembarcar próximo ao local onde o Movimento Revolucionário 26 de julho (MR-16) desembarcara. Na tomada do quartel, alcançada pelos rebeldes, houve um grande número de feridos, especialmente por parte dos defensores do quartel. Após a vitória, precisando sair rapidamente do local para não receber um contra-ataque, os

revolucionários deixaram seu médico com os feridos inimigos. Ele levou-os, por outro caminho, até casas de camponeses, onde os medicou para depois reencontrar-se com o grupo. O médico era Che (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.177, 178).

Nessa batalha, o destaque de Ernesto Che Guevara como guerreiro e líder tornou-se ainda mais evidente. Antes, seu brilho intelectual já o diferenciava dos demais. Agora, seu destemor e sua garra fizeram com que Fidel o nomeasse o primeiro comandante dos rebeldes.

Após a nomeação de Che, foram formadas outras frentes, lideradas, além de Fidel e Che, por Raul Castro, Camilo Cienfuegos e Juan Almeida.

Durante a revolução e nos anos posteriores, a insurreição ficaria conhecida como a “revolução dos barbudos”. A Ramonet, Fidel explica que, inicialmente, eles deixaram a barba crescer apenas por praticidade, porque fazer a barba seguidamente atrapalhava. Mais tarde, isso foi usado também de forma tática. Primeiro, porque as barbas transformaram-se num símbolo da Revolução, e então foram mantidas; segundo, porque passou a ser mais difícil para as forças de Batista infiltrar alguém entre os guerrilheiros, já que o infiltrado precisaria ser preparado com grande antecedência, para que tivesse uma barba de seis meses (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.181).

Com base em suas experiências e estudos, Fidel havia preparado as táticas de guerra e determinado dogmas que deveriam ser seguidos sempre por todos os guerrilheiros. A guerra deveria ser irregular, ou seja, ser conduzida através de grupos de ação pequenos, em uma grande quantidade de pequenas batalhas. As ações se concentrariam em emboscadas e ataques-surpresa. Ao mesmo tempo, deveria respeitar-se sempre os inimigos e, em especial, a população. Fidel tinha como um dos objetivos básicos das ações conseguir o apoio dos camponeses. Roubos, torturas, violação das mulheres, execuções, atentados e terrorismo estavam proibidos. Aconteceram execuções, sim, mas apenas em casos de traição. Segundo Fidel narra a Ramonet, foram “um ou dois casos”, em situações nas quais os executados descumpriram esses dogmas, roubando e violando as mulheres camponesas.

O Movimento possuía apoios políticos nas cidades. Partidos políticos e organizações que queriam a restituição democrática e a saída de Batista, de preferência por vias legais. Foram esses apoiadores (nem sempre apoiadores integralmente) que convocaram uma greve geral, contra a vontade de Fidel, no dia 9 de abril de 1958. A greve fracassou, fortalecendo o governo.

Batista sentiu-se em um bom momento e enviou a Sierra Maestra uma ofensiva gigantesca. Eram 10 mil homens, distribuídos em “quatorze batalhões e numerosas unidades independentes adicionais, apoiadas pela aviação e pelas unidades navais” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.182). Quando o combate se iniciou, eram 200 contra 10 mil. Com exceção da frente comandada por Raul, que se encontrava muito longe do foco da batalha, todas foram chamadas para se defenderem unidas. Então, as forças rebeldes chegaram a 900 homens, lutando contra os 10 mil soldados do governo Batista, e conseguiram vencer depois de mais de 70 dias consecutivos de batalhas. Passaram, então, à contra-ofensiva, e conseguiram dominar, nesse momento, nessa sequência de ataques sincronizados, boa parte do país.

Um dos chefes das forças de Batista, general Cantillo, tinha boas relações com Fidel. O general pediu uma reunião com o líder rebelde, quando admitiu que perdera a guerra, pedindo ao outro uma sugestão de como encerrá-la rapidamente. Fidel sugeriu sublevar a guarnição de Santiago de Cuba, “dando-lhe a feição de um movimento cívico militar juntamente com o Exército Rebelde” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.183). O general concordou, mas queria ir a Havana. Tinha um irmão na capital, que também era alto oficial do exército, e poderia dar apoio. Contrariado, Fidel concordou, mas impôs três condições: não queria que acontecesse um golpe de Estado, pois isso esvaziaria a luta rebelde e trocaria um governante por outro muito parecido; não queria que Batista recebesse ajuda para escapar do país; e não queria que Cantillo contatasse a embaixada norte-americana. O general concordou, mas, chegando a Havana, descumpriu as três condições. Batista saiu do país de avião no dia 31 de dezembro de 1958, e um golpe de Estado foi aplicado. Fidel não aceitou o novo governo e, pelas rádios, convocou uma greve geral, pedido prontamente atendido pela população.

No dia 1º de janeiro de 1959, exatos cinco anos, cinco meses e cinco dias depois do ataque frustrado ao quartal Moncada, os rebeldes assumiram o poder em Havana, dominando todas as delegacias de polícia da cidade. Em seguida, Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos chegaram à capital, onde assumiram Columbia e La Cabaña, os dois grandes quartéis da cidade.

Os rebeldes chegaram a Havana com três mil homens, sendo mil revolucionários e dois mil homens de Batista que aderiram à Revolução. Em alguns momentos da luta, os homens sob comando de Fidel foram apenas 12.

Após passar por diversas cidades promovendo atos e sendo festejado pela população, no dia 8 de janeiro Fidel Castro chegou a Havana para assumir o poder.

[..] o difícil era atravessar as cidades, porque havia um mar de povo a nos festejar. Era preciso parar em cada cidade principal, reunir o povo, fazer um discurso. Foram oito dias! Ia num tanque Sherman, porque era impossível andar, senão nos esmagavam. É claro que não usávamos o tanque para abrir caminho, o tanque era uma espécie de couraça! Viajamos, assim, centenas de quilômetros, de Santiago de Cuba a Havana (...). Saí no dia 2 para só chegar no dia 8 em Havana. Havana era a vitória. O princípio de uma nova etapa: a construção do socialismo. Ainda estão na lembrança de muita gente as imagens dos barbudos vitoriosos entrando em Havana (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.54 e 55).

1.4 A Revolução constrói um novo mundo

1.4.1. Os primeiros momentos

Ainda na Sierra Maestra, os rebeldes haviam criado algumas leis, a serem aplicadas assim que chegassem ao poder. Já nos primeiros meses de triunfo da Revolução, muitas medidas foram tomadas no sentido de resolver rapidamente alguns dos principais problemas sociais de Cuba.

Logo após a vitória da Revolução, 69 quartéis foram transformados em escolas, o que resultou na criação de 40 mil vagas. Foram organizadas milícias de professores nas zonas rurais, e praticamente todo o povo foi mobilizado para acabar com o analfabetismo, um dos maiores da América Latina. Esse objetivo foi alcançado definitivamente em 1964, apenas cinco anos depois de tomado o poder e após intenso esforço administrativo e gigantesca mobilização popular (AYERBE, 2004, p.32).

Ainda no primeiro ano do governo liderado por Fidel Castro, houve a preocupação em resgatar as raízes da cultura cubana, impregnada durante anos pela maciça presença (privada e governamental) dos Estados Unidos. Foram criados, então, diversos institutos culturais, como o Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, fundado em 24 de março de 59 (ESCOSTEGUY, 1978, p.126), e o incentivo ao lazer cultural cresceu de forma significativa. Os livros, considerados artigos de primeira necessidade pelos revolucionários, passaram a ter – e ainda nos dias atuais é assim – preços extremamente baixos, tornando-se importante ferramenta de construção intelectual do povo cubano. Anos mais tarde, os escritores, artistas plásticos e compositores passaram a receber salários fixos do governo, deixando de lado a preocupação de produzir materiais “vendáveis” em quantidade para priorizarem conteúdo de qualidade artística.

Entre as primeiras atitudes tomadas, houve também forte redução das tarifas de alguns serviços públicos, como telefonia e eletricidade. Houve a nacionalização rápida e

progressiva dos setores econômicos em Cuba e, em 1968, chegou-se à nacionalização de 100% da indústria, construção, transportes e comércio, e 70% de nacionalização da agricultura, sendo que o comércio no atacado, a educação e o sistema bancário já estavam 100% nacionalizados desde 1961 (AYERBE, 2004, p.73). Foram tomadas também medidas visando o controle de preços, o aumento do salário mínimo e a diminuição do valor dos aluguéis.

Sobre a redução das tarifas de aluguel, este foi apenas o primeiro passo de uma profunda reforma urbana, que culminou em um sistema no qual, atualmente, não se paga aluguel em Cuba. Todos os cidadãos que pagavam aluguel – com exceção aos núcleos habitacionais ligados a indústrias isoladas – passaram a donos do imóvel que habitavam, após pagarem prestações de até 10% do seu salário durante período máximo de 15 anos, exceto alguns casos especiais em que poderia chegar-se a 20 anos. Boa parte das casas passou a ser construída pelo próprio Estado, que dá crédito facilitado para quem quer construir seu próprio imóvel.

Quer dizer: a construção de casas não tem fins lucrativos para o Estado e sua venda é realizada a preço de custo. Dá-se um crédito ao cidadão pelo valor do imóvel que pretenda e ele o tornará de sua propriedade, em quinze ou vinte anos. Em Cuba não há aluguéis [...]. Esse é o sistema cubano (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.80, 81).

A recuperação dos bens malversados do período Batista, a nacionalização do capital estrangeiro, a nacionalização geral da indústria e a primeira etapa da reforma agrária (assinada em 17 de maio de 1959), foram outras das iniciativas inaugurais do novo governo e da nova forma de organização político-econômica-social do país (AYERBE, 2004, p.60).

A reforma agrária de 59 não foi, segundo Fidel, muito radical, ou ao menos não tão radical quanto ele próprio pretendia. Isso porque permitia propriedades com até 400 hectares e, em alguns casos de propriedades muito produtivas, 1300 hectares. O que causou problemas foi o fato de que havia, em Cuba, algumas empresas norte-americanas que possuíam até 200 mil hectares (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.62). Em outubro de 1963 foi assinada a segunda reforma agrária, que passou ao Estado todas as terras com mais de 67 hectares, e transformou as cooperativas de pequenos agricultores, criadas em 59, em granjas estatais (AYERBE, 2004, p.68).

Nos primeiros anos da Revolução, os instrumentos da gestão econômica foram centralizados nas mãos do Estado, com ações como a criação, em 1960, da Junta Central

de Planejamento (Juceplan) e do Banco para o Comércio Exterior de Cuba. Com a economia liderada por Ernesto Che Guevara, foram feitos grandes esforços para impulsionar uma industrialização acelerada – uma das bandeiras fundamentais sempre defendidas por ele. Guevara foi o principal impulsionador dessas políticas, primeiro como chefe do Departamento de Indústrias do Instituto Nacional de Reforma Agrária (durante o mês de outubro de 1959), depois como diretor do Banco Nacional de Cuba (de novembro de 1959 a fevereiro de 1961) e, finalmente, como ministro da Indústria (fevereiro de 1961 a abril de 1965) (AYERBE, 2004, p.64). Nesse contexto, de 1959 a 1975 houve grande crescimento industrial, assim como também tiveram significativa elevação os indicadores sociais.

Os indicadores sociais mostram a maior evolução do período: erradica-se o desemprego; na educação a escolaridade infantil atinge 100% nas idades de seis e 12 anos, o ensino primário cresce 2,7 vezes, o secundário 6,1 e o universitário 5,5 vezes; na área da saúde, a mortalidade infantil passa de sessenta crianças por mil nascimentos até 1959, para 28,9 por mil em 1974, e a expectativa de vida eleva-se de menos de 55 anos para 70 (AYERBE, 2004, p.70).

Já em seus primeiros anos, o novo governo cubano mostrava ao mundo que seus objetivos passavam por uma mudança profunda na forma de se relacionar da sociedade.

1.4.2 A nova organização social

À primeira vista, a capital cubana se parece a qualquer grande cidade de qualquer país latino-americano. [...] Só aos poucos, observando-se as pessoas, os prédios, começa-se a notar em tudo o caráter do socialismo cubano [...]. E compreende-se o sentimento de alívio, de segurança e de otimismo [...]. Havana é uma cidade tranquila, despolicida [...]. Ike Flores, um correspondente da Associated Press que voltou a Cuba em 1977, após dez anos de ausência, confessou-se espantado com as transformações ocorridas no país durante esse período. “Trata-se de uma vigorosa e laboriosa sociedade”, escreveu ele (ESCOSTEGUY, 1978, p.20, 21).

A gratuidade dos produtos e serviços essenciais é característica marcante das mudanças promovidas pela Revolução Cubana, sob a liderança de Fidel Castro. O repúdio à sociedade de consumo, à publicidade comercial e ao lucro individual estão presentes em todas as ações do governo revolucionário. A saúde – em todas as suas esferas e nos mais diversos níveis de complexidade – é totalmente gratuita, assim como a educação. Nos eventos esportivos, também não se cobra ingresso, como um incentivo à prática de esportes e ao esporte como lazer, além de elemento fundamental à saúde dos indivíduos e, em seu conjunto, da sociedade.

Em relação à educação, o nível de analfabetismo foi zerado, como já citado na seção anterior, e não há mais crianças sem escola em Cuba. A preocupação de momento é a expansão do acesso às universidades, com o objetivo de possibilitar que todos os jovens entre 17 e 30 anos com a nona série completa tenham oportunidade.

Atualmente há mais de 500 mil estudantes em nossas universidades, de todos os ramos da ciência, e que podem ser qualificados e requalificados, podem passar de uma atividade para outra (...). Entre esses estudantes, mais de 90 mil eram jovens que não tinham matrícula nem emprego, muitos deles de origem humilde, que hoje estão obtendo excelentes resultados nos estudos universitários. Existem já 958 universidades. Há 169 universidades municipais, do Ministério de Educação Superior; há 84 universidades em comunidades açucareiras; 18 em prisões (...). Existem também 169 universidades de saúde pública, 1352 unidades de clínica geral, unidades de saúde e bancos de sangue, nos quais se estudam diferentes licenciaturas associadas à saúde pública. E há quase 100 mil professores entre titulares e assistentes (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.363, 365).

Além de ter acesso ao ensino universitário, como citado acima, a população carcerária também trabalha. No início dos anos 1980, 70% dos presos – incluindo presos políticos – estava integrada ao processo de produção, com salários iguais aos homens livres. Os outros 30% se negavam a participar. (ESCOSTEGUY, 1978, p.67)

Como também se percebe na citação anterior, o foco do ensino superior em Cuba é a medicina e as áreas relacionadas a ela. Cuba é hoje uma referência mundial no setor de saúde, com indicadores sociais expressivos na área e profissionais trabalhando pelo mundo inteiro, além de estar se especializando na formação de médicos estrangeiros.

Logo após o triunfo dos rebeldes e uma intensa campanha publicitária contra-revolucionária, houve uma forte migração de profissionais especializados para os Estados Unidos. Sobraram apenas três mil médicos na ilha. Segundo Fidel Castro, em 2005 Cuba possuía 70 mil médicos, 40 mil dos quais trabalhando no país, e os outros 30 mil em missões no exterior, em mais de 30 países. Todos eles – tanto em Cuba quanto em missões internacionais – atendendo de forma gratuita (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.285).

Os investimentos em medicina, educação e cultura criaram em Cuba – e continuam aprimorando – um novo homem, com novas formas de ver o mundo, incluindo-se aí as outras pessoas. Criaram-se, nesse sentido específico, medidas para que se reduzissem problemas constantes no mundo inteiro, como o preconceito racial e de gênero. O machismo, fortemente presente na Cuba pré-revolução, teve considerável diminuição. O governo criou o “Código de Família”, que determinava – sem estipular

punições ou qualquer tipo de fiscalização, eram apenas diretrizes – que o homem cubano deveria dividir com sua esposa as tarefas do lar, a educação dos filhos, etc. (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.210). Além disso, foi estimulada a inserção da mulher no processo produtivo, sem privá-la do convívio familiar e das atividades maternas. Atualmente 65% da força técnica e científica cubana é composta por mulheres (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.211), todas elas com direito a um ano de licença maternidade, “não para incentivá-las a ter mais (filhos), mas porque o melhor que pode acontecer a uma criança é a influência da mãe” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.211).

O trabalho voluntário é outra prática que recebe grande estímulo do governo cubano. Desde as ações de Che Guevara, que ajudava a carregar sacos, a montar peças, participava das colheitas nas plantações cubanas, etc, o voluntariado é constante e comum em Cuba.

E raros são os trabalhadores que não dedicam algumas horas por mês ao trabalho voluntário. No domingo de manhã, ao fim de um expediente semanal, muitos burocratas tiram suas gravatas – quando as usam – e vão misturar cimento, erguer paredes ou pintar uma porta em algum edifício em construção. Outros ajudam a recolher garrafas usadas (nada pode ser desperdiçado), vão cortar cana ou colher laranjas durante o fim de semana. Além de contribuir para o incremento da produção de alguns setores de economia do país, o trabalho voluntário é fator de mobilização permanente do povo (ESCOSTEGUY, 1978, p.26, 27).

Apesar de grandes melhoras em áreas fundamentais e básicas como a cultura, a saúde e a educação, os problemas econômicos de Cuba são muito presentes. Há escassez de diversos bens importantes para uma melhora na qualidade de vida das famílias, embora não sejam elementos básicos.

Para administrar as faltas – muitas vezes inevitáveis –, o governo cubano criou mecanismos que, como parte do programa socialista, desestimulam a competição individual e defendem bandeiras como a igualdade. Um desses recursos é a definição democrática, nos centros de trabalho, sobre quem terá direito a comprar alguns bens escassos que estão à disposição, como explica Escosteguy:

A cada três ou quatro meses, os centros de trabalho recebem um número específico de geladeiras, por exemplo. Quem precisar de uma, candidata-se através de inscrição junto a uma comissão eleita pelos trabalhadores. Como a procura é maior do que a oferta, a comissão deve estudar todos os pedidos e decidir segundo dois critérios básicos: as necessidades e os méritos de cada candidato. Em seguida, o resultado é apresentado como proposta formal a uma assembléia que resolverá se o aceita ou não (ESCOSTEGUY, 1978, p.39).

Foi criada também a *libreta*, uma espécie de caderneta que serve para o cidadão comprar alguns produtos básicos e que estejam em falta. A compra, obviamente, é limitada, para que todos possam ter acesso a preços muito baixos. Há a opção de comprar o que quiser fora da *libreta*, *por la libre*, mas aí os preços são bem mais altos.

Um cidadão cubano, entrevistado por Jorge Escosteguy no livro “Cuba Hoje – 20 anos de Revolução”, defende a medida, afirmando que

Falam mal da nossa *libreta*. Está bem, o alimento não é farto. Mas aqui 1 quilo de carne custa 75 centavos (quase um dólar). Quanto custa na Suíça? Muitos dólares. Será que todos podem comprar? Na Bolívia, por exemplo, ou mesmo na Argentina, há carne para vender em todos os lugares, na quantidade que alguém quiser. Mas quantos realmente têm o dinheiro para comprar? Então, o problema é esse: aqui há pouca carne, mas todos comem e todos têm dinheiro para comprar (ARÉVAOLO apud ESCOSTEGUY, 1978, p.24).

Uma das principais razões que levaram a esses problemas econômicos e outras dificuldades enfrentadas pela ilha, em especial relacionadas ao racionamento necessário de determinados produtos, foi e é certamente o bloqueio aplicado pelos Estados Unidos da América ao longo de todo o governo revolucionário até hoje.

1.4.3 Cuba e Estados Unidos – tão próximos, tão distantes

Em Cuba, um governo revolucionário, mais tarde socialista, chegou ao poder e promoveu reformas sociais profundas a 90 milhas dos Estados Unidos da América. A oposição dos EUA foi e tem sido grande, sendo expressa das mais diversas formas, nas mais diversas atitudes contra o governo cubano. Fidel Castro resistiu a dez presidentes norte-americanos e a muitas medidas de estrangulamento de Cuba – oficiais e extra-oficiais.

Nos anos de 1959 e 1960, os serviços de inteligência norte-americanos desencadearam em Cuba uma das maiores campanhas de contra-informação e de mobilização anti-comunista de toda sua história. [...] Em 1959, o trabalho concentrou-se na denúncia do comunismo e de todos os seus males. Em 1960 estabeleceu-se o pânico na ilha, através de atentados terroristas e do fomento a boatos cada vez mais alarmantes, entre eles o de que os Estados Unidos iam jogar uma bomba atômica sobre Havana (ESCOSTEGUY, 1978, p.132).

Já no primeiro ano em que os revolucionários estiveram no poder, espalhou-se o boato de que, no dia 1º de novembro de 1959, o governo cubano baixaria o decreto da “patria potestad”, através do qual todas as crianças de Cuba passariam à tutela do

Estado e seriam enviadas para internatos especiais na União Soviética. O resultado da boataria, possivelmente empreendida pela CIA, foi que 700 mil cubanos fugiram, entre eles 14 mil crianças enviadas sozinhas pelos pais aos Estados Unidos (AYERBE, 2004, p.132, 133).

Ayerbe faz, em *A Revolução Cubana*, uma breve cronologia das atitudes de Washington em relação a Havana nos primeiros anos de triunfo revolucionário, de 1960 a 1962.

O problema histórico de Cuba para conseguir energia foi amplamente explorado pelos EUA no início. A pressão que o país do norte fez para restringir a venda de combustível a Cuba fez com que os revolucionários tivessem de recorrer ao petróleo soviético. Texaco, Esso e Shell, grandes empresas do ramo, negaram-se a refinar o petróleo da União Soviética. O açúcar, principal produto de exportação cubano, teve a cota de importação norte-americana reduzida em 95% no mês de julho de 1960.

Em 3 de janeiro de 1961, os EUA romperam relações diplomáticas com Cuba e, em 15 abril do mesmo ano, bombardearam quartéis e aeroportos para destruir aviões cubanos, uma preparação para o que viria dois dias depois. Em 16 de abril, Fidel proclamou publicamente pela primeira vez o caráter socialista da Revolução, e o cerco se apertou, com a famosa invasão da Baía dos Porcos, no dia 17 de abril, quando “uma expedição de 1500 mercenários treinados pela CIA, divididos em sete batalhões de duzentos homens cada um e distribuídos em cinco embarcações, chegava a Playa Girón” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.247). Havia ainda aviões e navios de guerra na região. Foram 68 horas consecutivas de combate, e os cubanos saíram vitoriosos, fazendo 1200 prisioneiros, que foram devolvidos pouco tempo depois em troca de remédios e alimentos.

Em janeiro de 1962, Cuba foi expulsa da OEA e, no mês seguinte, os Estados Unidos decretaram o bloqueio econômico do país, “o que inclui a proibição de todas as importações de produtos de origem cubana ou importados através de Cuba” (AYERBE, 2004, p.63). Em seguida, o bloqueio foi estendido e, a partir daí, ficaram proibidas também as importações, vindas de quaisquer países, que contivessem mesmo que parcialmente produtos cubanos. Em outubro de 1962, deram-se acontecimentos que poderiam ter provocado consequências catastróficas. Esses acontecimentos ficaram conhecidos como a Crise dos Mísseis.

Entre 14 e 15 de outubro de 1962, após receberem informações de um general soviético, os EUA fotografaram construções de mísseis nucleares soviéticos em Cuba e,

em seguida, determinaram um bloqueio naval à ilha, com 183 navios de guerra. O presidente norte-americano era Robert Kennedy, e as tensões da Guerra-fria tornavam a situação muito preocupante. O mundo esteve à beira de uma guerra nuclear entre duas super-potências, com Cuba no meio. Após muita negociação de lado a lado, Kennedy e Krushev, o líder soviético de então, assinaram um acordo que determinava a retirada dos mísseis. O acordo foi feito sem consultar Cuba, o que incomodou Fidel e estremeceu as relações entre cubanos e soviéticos.

Em 1977, Jimmy Carter assumiu a presidência dos Estados Unidos. Foi um governante que começou um estreitamento das relações com Cuba, tendo, inclusive, visitado o país e jogado beiseball com Fidel Castro. Sob Carter, os cidadãos norte-americanos passaram a poder visitar Cuba, e assinou-se um acordo de “Seção de Interesses”, através do qual Cuba abriu um escritório político em Washington e os EUA abriram outro em Havana.

No ano de 1981, o presidente dos EUA passou a ser Ronald Reagan, e a aproximação entre os países esfriou. Reagan dificultou a emissão de vistos para cubanos, houve problemas com a migração, o bloqueio foi intensificado e os EUA criaram, na Flórida, a Rádio Martí que, usando o nome do revolucionário da independência cubana, passou a fazer propaganda contra-revolucionária em Cuba.

Com o fim da Guerra-fria e a derrocada da União Soviética, os Estados Unidos apertaram o cerco, o bloqueio a Cuba intensificou-se e houve um grande fluxo migratório de Cuba para os EUA. Foram tempos de grandes dificuldades na ilha, e culminaram na grande crise que o país viveu em 1994, inclusive a “crise migratória dos balseiros”. Assim como outros dois problemas migratórios da história recente cubana (“Camarioca”, em 1965, e “Mariel”, em 1980), a crise dos balseiros foi estimulada pela Lei de Ajuste Cubano, assinada pelo presidente norte-americano Lyndon Johnson em 1966, que determina privilégios especiais e apoio do governo a quem sair ilegalmente de Cuba. Em 5 de agosto de 1994, ocorreram grandes distúrbios após a Rádio Martí anunciar que seriam enviadas embarcações para buscar cubanos que quisessem sair ilegalmente do país. As embarcações não apareceram, e muitas pessoas se aglutinaram em pequenas balsas, que, com muito mais gente do que suportavam, saíram em direção aos EUA. Algumas chegaram, outras não.

Durante suas quase cinco décadas no poder, Fidel Castro sofreu muitas tentativas de assassinato, boa parte delas por parte dos Estados Unidos. Um relatório do próprio Senado norte-americano investigou, em 1975, planos dos EUA para eliminar

políticos estrangeiros. A chamada Comissão Church reconheceu como confirmados oito atentados contra Fidel entre 1960 e 1965. “Para isso, utilizou-se das armas mais diversas, desde fuzis de longo alcance, pílulas mortais e canetas esferográficas envenenadas, até pó com bactérias mortíferas e outros que, segundo o informe do Senado, ‘obrigam a um grande esforço de imaginação’” (ESCOSTEGUY, 1978, p.64, 65).

1.4.4 Cuba e União Soviética – tão distantes, tão próximas

Durante muito tempo, inclusive nos períodos de maior crescimento econômico do governo revolucionário cubano, os acordos entre o país e a União Soviética foram importantes pilares do desenvolvimento de Cuba, principalmente por causa do bloqueio imposto pelos Estados Unidos. Os principais parceiros comerciais de Cuba passaram a ser os países do bloco socialista, liderados pela URSS.

A questão energética, por exemplo, é uma dificuldade histórica de Cuba, já que, até 2004, segundo conta Ayerbe (2004), não havia sido encontrado petróleo na região da ilha. Nesse contexto, as negociações com a União Soviética foram fundamentais para que fosse cedido a Cuba petróleo a preços baixos. Todo o comércio que envolveu os dois países foi, inclusive, travado através de acordos justos e iguais, onde não havia qualquer tipo de exploração.

Foram muitas as diferenças ideológicas entre Cuba e URSS, principalmente nos primeiros tempos, quando Ernesto Che Guevara – que possuía muitas divergências com a União Soviética – comandou a economia.

Ainda assim, a URSS e o bloco dos países não-alinhados foram, até suas quedas definitivas, os principais parceiros na construção de uma sociedade socialista em Cuba. Mas não foram – e não são, sobretudo – os únicos.

Na XVI Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores da Organização dos Estados Americanos (OEA), por exemplo, em 1975, os países membros foram liberados para estabelecer relações diplomáticas com Cuba. Mas foi nos últimos anos, com a ascensão de governos de esquerda e centro-esquerda por toda a América Latina, que Cuba ficou novamente apoiada em países amigos.

Eleito em 1998, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez Frías, sofreu um golpe de Estado no dia 11 de novembro de 2002. Não renunciou, mas se entregou e foi preso. Conseguiu comunicar-se com sua filha, que ligou para Fidel contando que Chávez não

renunciara. O presidente cubano propôs, e ela aceitou gravar uma entrevista com um apresentador de TV cubano. Assim que a entrevista foi ao ar na televisão de Cuba, passou a ser reproduzida por diversos canais pelo mundo, inclusive a CNN. A difusão da informação de que Chávez não renunciara, como alegava o governo golpista, levou o povo venezuelano às ruas, e o presidente legítimo da Venezuela acabou conseguindo voltar ao poder (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.460).

Outro importante aliado de Cuba na América Latina atualmente é o governo da Bolívia, do presidente Evo Morales. Em 18 de dezembro de 2005, Morales foi eleito o primeiro presidente índio da Bolívia. Sua posse foi em 22 de janeiro de 2006, quando entrou em vigor um acordo assinado com Cuba, que estabelecia um forte apoio médico e educacional a Bolívia, país mais pobre da América Latina

Porém, a tendência à direita de algumas forças europeias também tem causado problemas ao governo cubano. Em junho de 2003, a União Europeia adotou sanções diplomáticas contra Cuba, o que levou a fortes declarações de Fidel Castro contra o primeiro-ministro espanhol, José María Aznar, acusado de ser um dos pais da proposta de sanção. Segundo Fidel, Aznar é “amigo da máfia cubano-americana de Miami” (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.443). No dia seguinte um milhão de cubanos protestaram contra as medidas em frente às embaixadas da Espanha e da Itália.

Cuba interveio militarmente em vários países da África, em suas guerras de independência, em especial. Essas intervenções, porém, não possuem qualquer objetivo econômico ou de ocupação ou lucro. A ideia sempre foi apenas apoiar causas consideradas justas pelo governo cubano. Foi após algumas expedições pela África, inclusive, que Ernesto Che Guevara foi a Bolívia com um objetivo pessoal de expandir a revolução para outros países oprimidos da América Latina. Na Bolívia, foi preso e assassinado.

1.4.5 A política do partido único e a democracia cubana

Uma informação pouco conhecida é que Fidel Castro não foi o presidente de Cuba desde a vitória da Revolução. Apesar de ser efetivamente o líder do país, exerceu o cargo de primeiro ministro entre 1959 e 1976, período em que Manuel Urrutia Lleó e Osvaldo Partillós Torrado foram os presidentes.

Uma crítica comum ao governo cubano diz respeito à política do partido único. Em Cuba, não há partidos além do Partido Comunista Cubano. Em uma entrevista ao

jornalista brasileiro Roberto D'Ávila, Fidel explicou como foi construída a primeira constituição revolucionária, em 1976:

[...] houve, inicialmente, um governo de fato, revolucionário, que contou com o apoio da imensa maioria da população. [...] Com o tempo estabeleceram-se poderes populares, mas ainda não tínhamos uma lei eleitoral. [...] Depois, a revolução se institucionalizou, deu ao Estado o verdadeiro caráter de uma democracia popular, não o de um sistema como o sistema clássico da América Latina. Primeiro fizemos a constituição, e ela foi amplamente discutida com todo o povo. Depois, uma comissão a revisou e introduziu no projeto, dentre as milhares de ideias surgidas nos debates coletivos, aqueles pontos em que mais havia insistido a preferência popular. [...] Finalmente, redigida a Constituição por um grupo de peritos, o seu texto foi levado novamente à população [...]. Recolhemos os pontos de vista da população e os introduzimos no novo texto. Um plebiscito, com 97% da população votando, aprovou a Constituição do Estado cubano. Com a constituição, criaram-se os poderes populares e o sistema eleitoral. Por essas leis, Cuba tem um regime de partido único, o que eu considero correto, porque não necessitamos de mais (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.86, 87).

Segundo o líder cubano, nos sistemas eleitorais clássicos da América Latina, por exemplo, são necessários mais partidos simplesmente porque a sociedade está dividida em classes. Em Cuba, segundo ele, não há fazendeiros nem empresários, por exemplo, não sendo necessário um partido de fazendeiros ou de empresários. Todos são trabalhadores. (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.87)

Em Cuba, existem muitos sindicatos e organizações populares. São três as principais organizações de massa ligadas ao governo: a União dos Pioneiros, para jovens até os 15 anos; a União de Jovens Comunistas, para militantes entre 15 e 26 anos; e o Partido Comunista Cubano. A UJC e o PC não são abertos, e é a população quem escolhe quem poderá ingressar nessas organizações (ESCOSTEGUY, 1978, p.42).

O Partido Comunista foi criado em 1965, e teria sido usado muitas vezes, no início, para promoção pessoal de cidadãos à procura de privilégios. Com isso, foi determinada a busca por qualidade em vez de quantidade, e criado o lema inscrito nos documentos de identidade do Partido: “O primeiro a morrer, o último a comer”. A entrada no Partido depende da aprovação das pessoas do centro onde o candidato trabalha.

Ainda que haja apenas um partido, realizam-se eleições em Cuba. Quem apresenta os candidatos não é o PC, mas os cidadãos, em assembleias realizadas em cada circunscrição (uma circunscrição é formada por vários quarteirões, contando cada uma com milhares de moradores). Essas circunscrições elegem seus delegados, que vão eleger então a Assembleia Municipal – da qual o presidente é o prefeito do município –

e a Assembléia Provincial – da qual o presidente é o governador da província. Esses representantes, por sua vez, elegem a Assembléia Nacional, que elege, finalmente, o Conselho de Estado, os ministros e os juízes da Suprema Corte (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.89). Isso quer dizer que, embora as eleições sejam indiretas, há um processo democrático que conta com participação ativa de todos os setores da população. “A participação dos cubanos na administração pública começa no quarteirão onde moram e termina na Assembléia Nacional” (ESCOSTEGUY, 1978, p.44).

As mais recentes eleições gerais ocorreram em 2007, com comparecimento de oito milhões de pessoas às urnas, sendo que 8,3 milhões estão habilitados a votar.

No ano de 1992, houve algumas reformas Constitucionais importantes. A nova Constituição cubana passou a determinar, por exemplo, a liberdade religiosa; a lembrança do ideário marxista-leninista passou a incluir a lembrança de José Martí; e o Partido Comunista deixou a presidência das comissões que definem as candidaturas, delegando-as aos sindicatos e organizações populares, de forma que a inclusão da população no processo eleitoral foi incrementada.

Em 2002, o “[...] o governo submete à Assembléia Nacional Popular uma proposta de reforma constitucional cujo principal objetivo é tornar irrevogável o sistema socialista” (AYERBE, 2004, p.91). É realizado um referendo popular, no qual os votos favoráveis somam 97.7%, e a Assembléia Nacional aprova a mudança por unanimidade.

Apesar de muitas vezes ser acusado de promover culto à personalidade, Fidel sempre se posicionou, em discursos, entrevistas e ações, de forma contrária a qualquer situação nesse sentido. Em Cuba, é proibido que escolas, ruas e praças tenham nomes de personalidades vivas, assim como não se pode erguer estátuas de membros do governo que estejam vivos. Também não são feitos retratos oficiais de quaisquer personalidades do governo cubano, incluindo aí o próprio Fidel.

1.4.6 A pena de morte e a liberdade de imprensa

As duas questões que têm título à presente seção deste primeiro capítulo são talvez as que mais suscitam críticas internacionais ao regime político cubano.

Em relação à primeira, Fidel Castro explicou ao jornalista brasileiro Roberto D'Ávila, em entrevista publicada no livro “Fidel em Pessoa” (1986), que o chamado “paredón” foi instituído ainda na Sierra Maestra, juntamente com outras leis revolucionárias (como a primeira etapa da reforma agrária), para punir os batistianos

que, segundo ele, torturaram e assassinaram camponeses durante o conflito, e contou com grande apoio popular (CASTRO apud D'ÁVILA, 1986, p.65).

Após o triunfo da Revolução, foi mantida a pena de morte – medida que ainda existe em muitos países, como os Estados Unidos – para punir alguns crimes mais graves, de forma a tentar evitar sua repetição. Dois casos famosos de execuções da pena capital em Cuba são o “Caso Ochoa” e o ocorrido com seqüestradores de uma balsa na Baía de Havana.

Em junho de 1989, o general Arnaldo Ochoa, veterano de Sierra Maestra e que participara de inúmeras atividades revolucionárias cubanas em países africanos, foi detido acusado de comandar um grande esquema de tráfico de drogas que, vindo da Colômbia, passava por Cuba para levar drogas a Europa e aos Estados Unidos. O esquema era ligado às atuações do famoso traficante colombiano Pablo Escobar. Além de Ochoa, foram presos mais alguns oficiais do Ministério do Interior, acusados de narcotráfico e corrupção. Ochoa e mais três foram condenados à pena de morte, e executados em meados de julho (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.561).

No dia 1º de abril de 2003, um grupo seqüestrou uma balsa na baía de Havana. Isso aconteceu em seguida a dois seqüestros de aviões cubanos. Para punir exemplarmente os seqüestradores e evitar uma onda de seqüestros, três deles foram condenados à pena de morte, e fuzilados.

Sobre os presos políticos, no livro *Biografia a duas vozes*, Fidel explica que existem presos políticos por todo o mundo, e não há anormalidade nos 223 dissidentes detidos nas prisões cubanas (o número é da época em que o livro foi escrito):

Na Inglaterra, as prisões estavam cheias de condenados irlandeses que tinham motivação política e patriótica. [...] Os espanhóis aplicam leis muito severas contra os presos bascos que lutam ali por razões políticas. O governo italiano ainda mantém presos os membros das Brigadas Vermelhas que atuaram nos anos 70... Sabemos como o governo alemão foi severo com os membros do Baader, que morreram quase todos na prisão. Na França, quantas dezenas de prisioneiros corsos não lutam por razões políticas?

Nós, como já lhe contei, depois de Girón, libertamos 1200 prisioneiros de uma só vez. Naquela época, nos primeiros anos da Revolução, havia cerca de trezentas organizações contra-revolucionárias, e era época do terrorismo e da sabotagem aos montes, e chegou a existir no país em torno de 15 mil presos... (CASTRO apud RAMONET, 2006, p.469).

Angel Guerra, diretor da principal revista cubana, a Bohemia, diz que os cubanos não acreditam no conceito ocidental de liberdade de imprensa, pois o que existe nos países capitalistas é liberdade de impressão, não de imprensa, já que a imprensa está concentrada nas mãos de poucas pessoas. “É claro que ele não pode atacar o

capitalismo, como nós não atacamos o socialismo” (ESCOSTEGUY, 1978, p.151). Ainda segundo Guerra, as críticas ao Estado são legais, desde que não critiquem o socialismo (ESCOSTEGUY, 1978, p.152-153). Explica que há outras formas de discussão e de acesso do povo à informação, muito mais democráticas que nos países capitalistas. Guerra ainda esclarece que o conceito do que é notícia é muito diferente, em Cuba: “Ele está muito ligado à nossa escala de valores, ao conceito que temos dos valores humanos” (GUERRA apud ESCOSTEGUY, 1978, p.156).

Há, claramente, a preocupação do governo em relação ao possível uso da imprensa como forma de propaganda contra-revolucionária, por isso as limitações. É permitido, ao mesmo tempo, que todos os sindicatos ou organizações tenham seus jornais, por exemplo. “Um órgão de imprensa deve sempre representar os interesses de um grupo, de um coletivo, nunca de uma pessoa, de um indivíduo. Assim, um grupo, um coletivo, pode ter um jornal que os represente” (GUERRA apud ESCOSTEGUY, 1978, p.158).

O próprio Guerra, porém, admite que, de certa forma, a imprensa em Cuba é usada também como forma de propaganda, mas do programa socialista:

Então, em primeiro lugar, o papel da imprensa numa sociedade socialista, que pertence ao povo, ao Estado, que é um estado operário, do camponês, dos intelectuais, da maioria – o papel da imprensa aqui é difundir as ideias do socialismo, difundir o heroísmo do povo na construção do socialismo; é apoiar a luta dos povos em favor de sua libertação na América Latina, na Ásia e na África; é trabalhar em favor da paz e da distensão internacional; é recolher a opinião do povo sobre a gestão do Estado e dar-lhe publicidade; é analisar criticamente a gestão do Estado revolucionário para assegurar que a política do partido se cumpra na gestão estatal e que as inquietações das massas em relação às deficiências, aos erros, à negligência, ao burocratismo, à indolência dentro da gestão estatal sejam refletidas nas páginas da imprensa (GUERRA apud ESCOSTEGUY, 1978, p.151, 152).

1.5 O afastamento de Fidel

Em julho de 2006, Fidel Castro afastou-se da presidência por problemas de saúde, e seu irmão, Raul Castro, assumiu interinamente.

No dia 19 de fevereiro de 2008, após uma série de boatos e especulações sobre seu estado de saúde e sobre o futuro político do país, Fidel Castro renunciou ao cargo de presidente de Cuba. Seu irmão e companheiro desde o assalto ao quartel Moncada, Raul Castro, foi eleito pela Assembléia Nacional, em 24 de fevereiro, o novo presidente cubano.

Todo o processo de afastamento de Fidel foi acompanhado com grande interesse pela imprensa mundial e pelos principais líderes políticos do planeta. Desde seu afastamento inicial, as especulações sobre sua saída definitiva do governo cubano não pararam. Houve boatos, inclusive, de que Fidel estaria morto. Possibilidades sobre sua sucessão e especulações sobre seu estado de saúde passaram a ocupar constantemente páginas de jornais e espaços na televisão.

Quando ocorreu enfim a renúncia oficial, através de uma carta do então presidente cubano, mais especulações no mesmo sentido voltaram a aparecer por toda a imprensa mundial, inclusive no Brasil. As coberturas, em televisões e jornais, relembrou a história política de Fidel, a Revolução, o futuro de Cuba sem seu principal líder, entre outros aspectos.

Na mesma semana, no dia 27 de fevereiro, as quatro principais revistas semanais brasileiras também deram destaque ao assunto. *Carta Capital*, *Época* e *Veja* com o manchete principal, e *Isto É* com uma chamada na capa. São essas coberturas que, após a explicação metodológica do Capítulo 2, são analisadas no Capítulo 3 desta monografia.

2 METODOLOGIA

O presente capítulo explica a metodologia a ser empregada no capítulo seguinte, o terceiro, que consta da análise da cobertura realizada pelas quatro principais revistas brasileiras quando da renúncia do presidente cubano Fidel Castro.

Faz-se, mais do que importante, fundamental delinear tal metodologia, pois são os conceitos explicados aqui que vão nortear os rumos tomados no terceiro e último capítulo. Apenas com uma aplicação consciente e fundamentada da metodologia escolhida é que se torna possível alcançar os objetivos a que qualquer trabalho acadêmico propõe-se, e neste caso não é diferente.

Na análise posterior serão aplicadas técnicas de análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica, dois procedimentos que são explicados o mais detalhada e claramente possível no presente capítulo.

Na primeira seção, apresenta-se um resumo histórico do desenvolvimento da metodologia de análise de conteúdo, pretendendo com isso que se chegue a um entendimento claro de quais são as características fundamentais de tal método. Em seguida, delineiam-se alguns preceitos práticos da aplicação dessas técnicas, demonstrando a viabilidade de sua aplicação ao presente trabalho.

Na seção seguinte, fala-se da pesquisa bibliográfica, basicamente com a mesma estrutura, de modo a manter organizada e clara a apresentação da metodologia completa a ser aplicada nesta monografia. Explicações sobre a grande diversidade de modelos de pesquisa bibliográfica abrirão a seção, seguidos por demonstrações de como se pode, na prática, aplicar-se esse tipo de metodologia, além de elucidações a respeito de sua importância, suas vantagens e limitações.

2.1 A análise de conteúdo

2.1.1 O desenvolvimento ao longo dos anos

Técnicas de análise de conteúdo serão aplicadas aqui a partir de dois autores, fundamentalmente: Laurence Bardin (na obra *Análise de Conteúdo*) e Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (em artigo no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, organizado por Jorge Duarte e Antonio Barros).

Para começar a explicação sobre em que consiste a análise de conteúdo, cabe citar a abertura do prefácio de Bardin (1977):

O que é análise de conteúdo actualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 1977, p. 09)

A análise de conteúdo não nasceu com um formato pronto, não surgiu como um conjunto de técnicas definidas. Possui alguns antepassados menos elaborados, como a interpretação de textos sagrados e estudos de técnicas de retórica e lógica (BARDIN, 1977, p. 14).

Como técnica pensada e elaborada de forma não-instintiva, a análise de conteúdo surgiu apenas nos primeiros anos do século XX, nos Estados Unidos. Era basicamente ligada ao jornalismo, e utilizava-se quase que exclusivamente de técnicas de medidas de textos. A partir da 1ª Guerra Mundial, a análise de conteúdo ganha força e muda de foco – a maioria dos estudos que utilizam suas técnicas passam a ser referentes à propaganda, e financiados e estimulados pelo governo norte-americano. Nesse contexto, H. Lasswell é o primeiro nome que ganha destaque.

Com a 2ª Guerra Mundial, todas essas tendências se amplificam: o estudo da propaganda através da análise de conteúdo ganha força e importância política, os estímulos do governo dos EUA multiplicam-se, etc. Um dos principais interesses do governo citado era, naquele momento, perceber quais jornais norte-americanos e de nacionalidade de países aliados faziam de forma escondida propaganda nazi-fascista (BARDIN, 1977, p. 16).

É importante destacar que, nestes primeiros momentos, a análise de conteúdo era puramente quantitativa. Técnica com fortes raízes positivistas, primava pela objetividade, que só poderia ser alcançada com números frios, com estatísticas, com pesquisas e análises quantitativas, enfim.

Com o fim da Guerra, esse conjunto de técnicas perdeu força, perdeu importância e passou a ser desacreditado. Muitos de seus principais teóricos, inclusive, abandonaram a análise de conteúdo, após questionar seu real valor como forma de avaliação de textos.

Tais questionamentos serviram para uma revisão de alguns de seus preceitos fundamentais. Dentre eles, talvez o principal foi reavaliado e relativizado: a insistência na análise quantitativa e a obsessão pela objetividade plena.

Com essa mudança paradigmática, a análise de conteúdo volta a ganhar força e a encabeçar uma grande quantidade de trabalhos e estudos sobre jornalismo e propaganda. Nascia aí o que hoje é uma etapa fundamental de qualquer aplicação das técnicas referidas: a inferência (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 283), caracterizando-se esta por utilizar os dados recolhidos na etapa quantitativa para, remetendo-os às origens do texto, preparar-se as condições necessárias para a etapa final, de interpretação desses dados.

Ainda que tenha havido, nessa época, uma tendência de abertura maior e aceitação da subjetividade, o embate entre focar-se nas etapas quantitativas ou qualitativas e a linha tênue entre subjetividade e objetividade persistiram. Entre os anos 1940 e 1950, a análise de conteúdo chegou com força a Europa, em especial a França, com nomes como Berelson, citado por Bardin em sua defesa da objetividade da análise: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON in BARDIN, 1977, p. 18)

Com a evolução e popularização da metodologia, os pesquisadores passam a tomar caminhos diferentes, e começam a surgir correntes de pensamento dentro da própria análise de conteúdo. Nos anos 1950, há a divisão entre os planos “representacional” e “instrumental”. O primeiro aproxima-se da lingüística por objetivar analisar com mais profundidade as palavras em si, sem importar-se com o contexto e as circunstâncias. Já o plano representacional da análise de conteúdo dá mais importância para o entorno. O fundamental, segundo esse plano, é a relação entre a mensagem e o contexto em que ela se desenvolve e é desenvolvida (BARDIN, 1977, p. 20).

Essas correntes se desenvolvem no plano epistemológico. No metodológico, segue a disputa entre defensores de análises quantitativas e qualitativas, sem que se chegue a consenso algum, ainda que a interposição entre as duas abordagens já esteja em curso.

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977, p. 21).

Apenas nos anos 1960, com alguns avanços na área da informática e o surgimento da possibilidade do uso de um computador, a parte quantitativa da pesquisa torna-se menos trabalhosa, e os trabalhos híbridos multiplicam-se, esvaziando até certo ponto a discussão entre defensores das análises objetiva e da subjetiva.

É fundamental destacar, porém, que subjetividade não significa falta de rigor e de empenho analítico, não significa que “palpites” construam uma análise. Bardin (1977, p. 28) afirma que “aplicar a análise de conteúdo é [...] destruir a intuição em proveito do construído”.

Não se pode esquecer que a análise de conteúdo não serve apenas a pesquisas em relação ao jornalismo e à publicidade e propaganda. Possui, na verdade, métodos aplicáveis a incontáveis outras ciências, como as ciências sociais e a psicologia. A análise de conteúdo pode, na verdade, ser aplicada a todos os campos que incluem comunicação lingüística. Fonseca Júnior (2005) destaca ainda que a técnica não se aplica apenas a textos. Além de mensagens escritas e impressas, serve também para a análise de comunicação sonora e audiovisual e, mais raramente, para mensagens ligadas a outros sentidos (tato, olfato e paladar).

Vale destacar que a análise de conteúdo não visa estudar a língua ou a linguagem, mas as condições de produção da mensagem. Dessa forma, distingue-se de outros tipos de estudo. Diferencia-se também, por exemplo, da análise semiológica e da análise de discurso por cumprir os requisitos de sistematicidade e confiabilidade (FONSECA JÚNIOR, 2005, P. 286).

Ainda que se aplique a diversos campos e diversos modos de comunicação, esta metodologia costuma ter um objetivo geral muito claro e que vale para todas as suas aplicações.

De um modo geral, pode dizer-se que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo, corresponde aos objectivos seguintes:

- a *ultrapassagem da incerteza*: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal, ser partilhada por outros?

Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?

- e o *enriquecimento* da leitura: Se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não detínhamos a compreensão. (BARDIN, 1977, p. 29)

Segundo Krippendorff (apud FONSECA JÚNIOR, 2005), a análise de conteúdo possui ainda três características fundamentais, sendo elas:

a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as idéias de mensagem, canal, comunicação e sistema; c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados. (KRIPPENDORFF apud FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 286)

Existem, porém, algumas limitações impostas ao pesquisador que opta ou vê-se levado pelo rumo de seu trabalho a aplicar as metodologias de análise de conteúdo. A necessidade de conhecer com profundidade o objeto estudado e o contexto em que tal objeto está inserido obriga a um trabalho de pesquisa intenso e desgastante.

Além disso, não há como aplicar métodos já totalmente criados e estabelecidos. Isso porque, embora existam alguns modelos básicos e algumas propostas de variações possíveis, cada caso é um caso, e não há como estender universalmente modelos, por exemplo, de classificação. Em cada análise há de ser criadas e determinadas as categorias em que as palavras ou fragmentos serão dispostos, para ficar-se apenas em um exemplo.

A constante criação de bases de análise é, portanto, uma limitação importante dessa metodologia, somando-se a outras, como a excessiva subjetividade que se impõe a alguns estudos, tornando impossível afastá-los de ideologias, crenças e conceitos inerentes a qualquer pesquisador.

2.1.2 Formas básicas de aplicação

O primeiro formato no qual foram aplicadas técnicas de análise de conteúdo foi a chamada análise categorial. É, também, o tipo de exame mais desenvolvido atualmente nesse campo. Trabalha com a classificação e o recenseamento de itens de sentido, ou seja, são criadas categorias, de acordo com o objetivo final da apreciação, e os itens (podem ser, por exemplo, palavras) são distribuídos entre essas categorias de acordo com o entendimento do pesquisador. Esta é a parte inicial, de coleta dos dados e classificação dos itens em categorias pré-definidas. É o momento em que, embora a subjetividade apareça na escolha das classificações e categorias, a objetividade impera. Esta etapa serve de base para os passos posteriores.

Em seguida, a partir dos dados coletados, são feitas inferências lógicas, que podem ter por objetivo descobrir as causas ou os antecedentes da mensagem (condições de produção) ou os efeitos da mensagem (a aplicação deste tipo de inferência é menos comum). As inferências são deduções que o pesquisador faz com base nos dados já divididos em categorias, e servem como apoio para a terceira parte de qualquer processo de análise de conteúdo.

A partir daí, dá-se a análise subjetiva dos dados, as inferências. Esses dois últimos momentos da metodologia são a parte qualitativa e, assim sendo, com predominância de fatores subjetivos sobre os objetivos.

Com a explicação anterior, vê-se que há uma tendência, dentro do campo de análise de conteúdo, à hibridização de seus métodos, deixando-se de lado radicalismos de objetividade e subjetividade em benefício do desenvolvimento de um método mais completo e, dessa forma, mais seguro de análise de mensagens dos mais diversos tipos e aplicadas aos mais diversos campos do conhecimento.

Todas essas etapas devem ser realizadas após uma leitura superficial, chamada tecnicamente de “leitura flutuante”, que deve ser repetida durante o processo. A tentativa do analista de comunicação, segundo Bardin (1977), é compreender o sentido da comunicação como um leitor normal e perceber, numa segunda forma de leitura, o que não está na superfície da mensagem. O processo delineado até aqui explica os passos para se chegar com precisão a essa segunda leitura, mais qualificada, para que se possa proceder à análise de forma a reduzir a margem de erro o máximo possível – com a consciência de que, na área das ciências humanas, a precisão plena é impossível de ser alcançada.

São estes os procedimentos a serem aplicados no presente trabalho, já que se encaixam perfeitamente à idéia de analisar comparativamente a cobertura de um tema em diferentes revistas. Pretende-se, através das técnicas apresentadas, perceber e compreender as semelhanças e diferenças entre as quatro publicações já citadas, atingindo dessa forma todos os objetivos propostos na introdução da presente monografia.

A definição de Laurence Bardin (1977) resume, enfim, o que é a análise de conteúdo, metodologia norteadora desta monografia:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Como já dito no início deste capítulo, o presente trabalho também utiliza técnicas de pesquisa bibliográfica, metodologia explicada na próxima seção.

2.2 A pesquisa bibliográfica

Neste trabalho, as técnicas de pesquisa bibliográfica utilizadas têm por autores referenciais Antonio Carlos Gil (com base em seu livro *Como elaborar projetos de pesquisa*) e Ida Regina C Stumpf (cujo artigo é parte da obra *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, com organização de Jorge Duarte e Antonio Barros).

Haja vista a grande quantidade de estudos e bibliografia sobre o tema, optou-se por uma esfera limitada de teorias e modelos. São, portanto, dos dois autores citados, os conceitos utilizados para se desenvolver a explicação sobre o método pesquisa bibliográfica, utilizado ao longo de todo o processo de produção e escrita da monografia.

São muitas as formas de se desenvolver uma pesquisa bibliográfica. A mais comum no Brasil tem por base principalmente livros e artigos científicos. Veremos, porém, na sequência desta seção, que a pesquisa bibliográfica não se limita a esse tipo de fonte ou objeto de estudo, sendo suas possibilidades muitas vezes desconhecidas em sua totalidade pelo pesquisador.

As classificações dos tipos de fontes bibliográficas são variáveis de acordo com o autor que as apresenta, mas, na verdade, de modo geral consideram-se os mesmos materiais como possíveis fontes, sendo eles apenas divididos e destacados de forma diferente por cada estudioso.

Antonio Carlos Gil (2002), por exemplo, cita o que considera a listagem dos tipos possíveis de fontes a serem utilizadas em metodologias que incluem pesquisa bibliográfica. Para ele, são seis divisões: livros de leitura corrente, obras de referência, periódicos científicos, teses e dissertações, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e resumo.

Os livros subdividem-se, para Gil (2002), em livros de leitura corrente e livros de referência. Os livros de leitura corrente são obras literárias e de divulgação. O autor cita como exemplo o uso de obras de Jorge Amado para algum estudioso que investiga o ciclo do Cacau na Bahia (GIL, 2002, p. 65). Deve-se, porém, evitar o uso excessivo desse tipo de fonte, já que, nele, mistura-se muito facilmente realidade e ficção, sendo preciso um conhecimento prévio do autor estudado para que se possa compreender com clareza o que pode realmente ser usado como informação concreta provinda de fonte fidedigna. As obras de referência são divididas em obras científicas e obras de vulgarização.

Nas primeiras, a intenção do autor é comunicar a especialistas de maneira sistemática assuntos relacionados a determinado campo do conhecimento científico ou apresentar o resultado de pesquisas. Já nas obras de vulgarização, o autor dirige-se a um público não especializado, utilizando linguagem comum. (GIL, 2002, p. 65)

Os livros de referência, por sua vez, são obras a serem consultadas pontualmente, sem uma leitura corrida, e podem ser informativos ou remissivos. São exemplos de livros de referência os dicionários, as enciclopédias, os anuários, os almanaques e os manuais.

Os periódicos científicos podem ser impressos ou digitais – “Com a disseminação do uso de computadores e o desenvolvimento da Internet, muitos periódicos vêm se tornando disponíveis em meio eletrônico” (GIL, 2002, p. 66) – e são importantes fontes bibliográficas na medida em que são especializados, permitindo ao pesquisador ter acesso a trabalhos aprofundados sobre o tema específico que o interessa em determinado estudo.

As teses e dissertações são importantes por apontarem caminhos que já obtiveram sucesso ou que falharam. Mostram ao pesquisador possibilidades de incremento de seu trabalho, mas deve-se ter cuidado com seu uso, pois a credibilidade nem sempre é seu ponto forte. Avaliar as instituições onde foram produzidas e conhecer o histórico do orientador da tese ou dissertação é, segundo Gil (2002), um bom caminho para se evitar erros de avaliação e problemas de credibilidade das fontes utilizadas.

Os anais de encontros científicos algumas vezes são publicados em forma de livro, o que facilita sua consulta. Trazem, em muitos casos, idéias de pesquisadores importantes e debates que levam à criação de conhecimentos novos, agregados.

Por fim, os periódicos de indexação e resumo são para consulta inicial, utilizados exatamente para se descobrir com mais objetividade que outras fontes bibliográficas podem ser interessantes ao trabalho desenvolvido. Podem ser, a grosso modo, de dois tipos: índice (quando estão dispostos em forma de listas de referências, apenas com informações básicas) e abstracts (quando incluem um pequeno resumo da obra indicada).

Já as publicações periódicas são, basicamente, jornais e revistas, sendo estas as mais valorizadas pelo autor como possíveis fontes bibliográficas, por sua tendência geral ao aprofundamento das reportagens e por seu caráter menos temporal do que as notícias publicadas em jornais diários, comumente apenas de caráter factual (GIL, 2002, p. 45).

É importante destacar, porém, que este é apenas um modelo. O próprio Gil (2002) questiona a validade de modelos rigorosos para o trabalho com a metodologia da pesquisa bibliográfica. Isso vale para a questão dos tipos de fonte como vale também para as etapas que devem ser cumpridas em qualquer trabalho que utilize esse procedimento. A pesquisa bibliográfica segue uma série de etapas, que dependem de diversos aspectos, o que faz com que modelos sejam impreterivelmente arbitrários. A forma como a pesquisa será aplicada por cada pesquisador depende de inúmeros fatores cujas variações são inumeráveis, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimento do pesquisador, o grau de precisão pretendido, etc.

Apesar disso, Gil delinea modelos, deixando claro que não são absolutos, tendo função apenas de dar bases para que cada pesquisador crie o seu. O autor propõe, porém, também um modelo de etapas a serem seguidas ou ao menos consideradas como passos gerais para que a pesquisa bibliográfica leve aos objetivos do trabalho de pesquisa.

O modelo proposto inclui as seguintes etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca de fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto (GIL, 2002).

Nem todas as etapas citadas necessitam aqui de grandes explicações. Porém, convém que algumas sejam detalhadas, a fim de facilitar a compreensão do que representam e da importância que têm para que o andamento da pesquisa resulte no cumprimento dos objetivos propostos.

A busca de fontes, por exemplo, corresponde apenas à identificação inicial das fontes que serão utilizadas, podendo essa programação ser alterada de acordo com o andamento do trabalho. São identificadas e recolhidas as fontes que serão apenas para possível consulta e as que servirão como base para o trabalho.

Em seguida à busca e identificação de fontes, parte-se para a leitura do material. Seus objetivos são muito bem explicados por Gil (2002):

Como os objetivos das diversas leituras variam, naturalmente também varoa, os procedimentos e as atitudes requeridas. A leitura que se faz na pesquisa bibliográfica deve servir aos seguintes objetivos:

- a) identificar as informações e os dados constantes do material impresso;
- b) estabelecer relações entre as informações e os dados obtidos com o problema proposto;
- c) analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores. (GIL, 2002, p. 77)

Ainda segundo o autor, os tipos de leitura variam, embora o recomendável seja que se passe por todos e, ao longo do processo de trabalho, nenhum seja abandonado. Dessa forma, deve-se estar por todo o tempo em contato com as fontes selecionadas, e sua leitura deve variar conforme as necessidades que o andamento de cada trabalho impuser ao pesquisador. Os tipos básicos de leitura, conforme sua classificação, são: leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa.

A leitura exploratória é mais rasa, limita-se a pedaços como as orelhas e a contra-capas dos livros, e tem por objetivo apenas “verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa” (GIL, 2002, p. 77).

A leitura seletiva é uma espécie de continuação um pouco mais profunda da leitura exploratória. Nesse tipo, como o próprio nome diz, faz-se a seleção do material, com base na leitura exploratória realizada anteriormente. Essa etapa não é, porém, definitiva, e pode-se retornar a ela ou não conforme as necessidades que se colocam ao

longo do trabalho, que muitas vezes fogem ao que estava previsto previamente pelo pesquisador.

Após selecionados os materiais que servirão como fonte bibliográfica à pesquisa, deve-se proceder a uma leitura analítica. Essa consiste em uma leitura organizada e aprofundada dos materiais selecionados, e apenas destes. Ainda que essas escolhas sejam alteradas no caminhar do estudo, o pesquisador deve trabalhar sobre tais materiais como se eles fossem definitivos. “A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa” (GIL, 2002, p. 78). A partir desse momento (nos anteriores tal necessidade também existia, mas agora ela deve ser tratada ainda com mais cuidado) o pesquisador deve despir-se de preconceitos e, dentro do possível, ideologias, de forma a analisar com frieza o material recolhido e tirar dele suas partes mais relevantes para o trabalho que está sendo desenvolvido. Embora não possa ser alcançada de forma total, deve ser buscada incessantemente a objetividade da análise, e o respeito pelas posições e formulações do autor devem sempre prevalecer sobre as concepções anteriores do estudioso.

Segundo Gil (2002, p. 79), uma leitura analítica realizada de forma plena deve passar pelos seguintes momentos: leitura integral da obra ou do texto selecionado, identificação das idéias-chaves, hierarquização das idéias, sintetização das idéias.

Por fim, a etapa mais complexa da leitura do material escolhido como fonte é a leitura interpretativa. Ela tem por objetivo relacionar os dados obtidos com os objetivos propostos e o problema levantado inicialmente. Ou seja, extrapola a idéia de análise dos dados, trabalhada na leitura analítica, para relacionar os resultados desta com o restante do trabalho e seu contexto.

Na leitura interpretativa, procura-se conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica. Enquanto nesta última, por mais bem elaborada que seja, o pesquisador fixa-se nos dados, na leitura interpretativa, vai além deles, mediante sua ligação com conhecimentos já obtidos. (GIL, 2002, p. 79)

Após as definições básicas do trabalho de pré-pesquisa bibliográfica e da pesquisa em si, não se pode, porém, partir-se diretamente para a análise e redação do texto. Por isso é importante que se destaque a etapa de organização lógica do assunto.

A etapa de organização lógica é a ordenação, pelo pesquisador, de tudo o que ele recolheu de material, anotações, apontamentos e impressões ao longo da pesquisa. É a

organização das idéias para que se possa, a seguir, atender aos objetivos propostos inicialmente. Após essa organização geral, passa-se, aí sim, para a análise dos dados e informações coletados e, finalmente, para a redação do texto.

Ainda que a organização proposta por Gil pareça bastante completa, é importante levar-se em conta que não é, de forma alguma, absoluta, nem necessariamente deva ser seguida em sua totalidade. Stumpf (2005), por exemplo, propõe outra possibilidade de divisão de etapas para a realização de uma pesquisa bibliográfica. Segundo ela, uma pesquisa desse tipo pode ser dividida em: identificação de tema e assuntos; seleção das fontes; localização e obtenção do material; leitura e transcrição dos dados.

É com base nestes dois autores, portanto, e em suas diversas divisões, classificações e conceituações, que esta monografia pretende aplicar métodos de pesquisa bibliográfica a fim de alcançar de forma satisfatória os objetivos a que se propôs.

Esse método é aplicado aqui com a consciência das vantagens e desvantagens desse tipo de abordagem, mas também com a noção clara de que, embora haja limitações, não há como, em um trabalho como este, que pretende ser uma análise comparativa aprofundada sobre um tema complexo, trabalhar sem que se aplique a pesquisa bibliográfica.

A principal vantagem de se utilizar esse tipo de metodologia é que ela “permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45). Há de se ter o cuidado, porém, para checar corretamente a credibilidade das fontes escolhidas, para que, em um número grande de referências, não se perca o trabalho por informações equivocadas absorvidas sem seleção cuidadosa de obras mal trabalhadas.

A credibilidade é, de acordo com o autor, a principal dificuldade quando se utiliza a pesquisa bibliográfica como metodologia. Em especial a credibilidade de fontes secundárias, pois muitas vezes os dados são coletados de forma errada. Esse possível problema pode ser evitado pelo pesquisador que confronta diversas fontes sobre os mesmos assuntos e especificidades, e faz uma checagem séria do material que seleciona como fonte bibliográfica, realizando a fundo cada uma das etapas propostas pelo autor.

Vale apresentar, por fim, mais uma definição do que vem a ser pesquisa bibliográfica, haja vista a pluralidade de vozes servir sempre à possibilidade de formular-se uma visão mais clara e abrangente do estudo que se propõe. A definição é

de Ida Regina C. Stumpf, em artigo no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, organizado por Jorge Duarte e Antonio Barros.

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51)

São estas, portanto, as metodologias aplicadas na presente pesquisa: análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica. Com elas, pretende-se alcançar os objetivos propostos na introdução desta monografia, isto é, comparar a cobertura realizada pelas quatro revistas semanais de maior circulação no Brasil – *Veja*, *Carta Capital*, *Época* e *Isto É* – quando da renúncia do presidente cubano Fidel Castro, em fevereiro do ano 2008.

3 AS REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS E A RENÚNCIA DE FIDEL

O presente capítulo consiste puramente na análise da cobertura que as quatro principais revistas semanais brasileiras fizeram quando da renúncia do presidente cubano Fidel Castro (edições de 27 de fevereiro de 2008). Como explicado no capítulo anterior, a análise desenvolve-se com o uso da técnica de análise de conteúdo, com base no que Bardin (1977) e Fonseca Júnior (2006) propõem sobre essa metodologia.

O capítulo está dividido em duas seções: as tabelas de 1 a 14 estão na seção *Sobre a cobertura*, a primeira, que aborda de forma mais genérica a o tratamento dado pelas revistas ao fato estudado neste trabalho, sem se deter em matérias específicas, mas tendo um olhar panorâmico. A segunda seção – *Sobre a matéria principal* –, toma para análise mais detalhada a reportagem principal de cada uma das revistas, trabalhando-se, então, com questões mais específicas e de forma mais aprofundada. As tabelas estão organizadas, nas duas seções, de forma a facilitar a comparação entre as revistas em cada um dos aspectos estudados.

A divisão entre tabelas que abordem a cobertura de modo geral e tabelas que estudem a reportagem principal tem por objetivo realizar de forma organizada uma análise mais geral do posicionamento das revistas para, em seguida, aprofundar as constatações estudando a reportagem mais significativa de cada publicação.

São, portanto, 30 tabelas que, após completadas com os dados de cada publicação, passam a ser objeto de inferências, de análise qualitativa. Algumas são analisadas em conjunto, por apresentarem semelhanças e complementaridades, o que permite aproximar conclusões.

Algumas tabelas apresentadas no presente capítulo estão divididas em duas partes subsequentes, pois possuem grande quantidade de itens. A divisão, porém, em nada prejudica a assimilação de seu conteúdo ou a análise realizada a partir dos resultados

obtidos nas tabelas citadas. A divisão objetiva permitir que tais tabelas possam enquadrar-se nas margens exigidas no trabalho. Esse é o caso das tabelas de números 9, 13, 21, 22 e 23.

Por serem complementares entre si, algumas tabelas são analisadas em conjunto, de forma que a análise se dê de forma mais completa e clara, já que, sem as demais, perderiam parte do sentido dentro do contexto no qual essas tabelas estão inseridas. As tabelas analisadas em conjunto são: 12 e 13; 21 e 22; e 26, 27, 28 e 29.

3.1 Sobre a cobertura

As tabelas a seguir nos permitem avaliar o destaque dado pelas principais revistas semanais de informação do Brasil em relação ao tema da renúncia do presidente cubano Fidel Castro, em 27 de fevereiro de 2008, tanto na capa quanto nas páginas internas.

Tabela nº 1: Manchete de capa

Revista	SIM	NÃO
CARTA CAPITAL	X	
ÉPOCA	X	
ISTO É		X
VEJA	X	

A renúncia de Fidel Castro foi destaque nos principais veículos jornalísticos do mundo. Entre as quatro principais revistas semanais brasileiras, apenas a *Isto É*⁷ não noticiou o fato como o mais importante da semana. Sua chamada principal de capa foi “A verdade sobre a lipo”, e a renúncia de Fidel recebeu uma chamada menor. Tal escolha contrariou grande parte da imprensa brasileira e mundial, que deu destaque absoluto à renúncia do presidente cubano. A saída de Fidel é um fato que, como já vimos no primeiro capítulo, implica e gera impacto nos rumos políticos não só de Cuba, mas do planeta, em especial da América Latina. Entretanto, a revista *Isto É* considerou

⁷ A única edição da revista *Isto É* encontrada para utilização no presente trabalho encontra-se na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). A etiqueta da biblioteca, que não pode ser retirada, está coincidentemente sobre a chamada da capa para a reportagem analisada. Por essa razão, não é possível identificar, na cópia em anexo, a localização da chamada referida.

mais importante destacar uma reportagem sobre beleza e saúde. Essa decisão editorial refletiu-se também no número de páginas dedicado ao tema, como veremos na tabela 6.

Tabela nº 2: Chamada na capa

Revista	Chamada
CARTA CAPITAL	Cuba sem Fidel
ÉPOCA	Depois de Fidel
ISTO É	A despedida do mito e o futuro da ilha
VEJA	Já vai tarde

A revista *Veja* não seguiu o tom verificado nas demais. Assim como no caso da tabela 1, a abordagem diferente não supõe necessariamente criatividade. Nesse caso específico, *Veja* foi a única dentre as quatro publicações que deixou de, em sua chamada de capa, relatar o acontecido, preferindo apenas opinar e expressar juízos de valor. Foi uma opção editorial que destoou do restante e do que se costuma ter como norte no jornalismo – em especial quando se trata de assuntos que acabaram de acontecer: o foco nos aspectos factuais e na notícia. *Veja* optou pela opinião, como comprova o título “Já vai tarde”.

Tabela nº 3: Subtítulo na capa

Revista	Subtítulo
CARTA CAPITAL	Análises de Jon Lee Anderson, Tariq Ali, Emir Sader, José Jobson Arruda e Antonio Luiz M. C. da Costa
ÉPOCA	Estamos diante de uma segunda revolução cubana?
ISTO É	--
VEJA	O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos

A *Carta Capital* procurou dar credibilidade a sua cobertura já na capa, apresentando nomes importantes que expressaram suas opiniões nas reportagens da revista. A revista *Época* colocou ao leitor uma pergunta, direcionando o foco para o assunto “futuro de Cuba”, com uma chamada que dava a entender o que seria o mote da cobertura. Ou seja, o subtítulo realmente complementa a chamada. A *Isto É* não apresentou subtítulo porque essa era a chamada secundária na capa. Como *Época*, *Veja* também usou o subtítulo para reforçar o tom da chamada. Diferentemente de *Época*,

porém, optou por termos que expressam mais juízos de valor, como “isolou Cuba” e “hipnotizou a esquerda”; e adjetivações como “melancólico” e “ditador”.

Tabela nº 4: Editorial

Revista	SIM	NÃO
CARTA CAPITAL	X	
ÉPOCA	X	
ISTO É	X	
VEJA	X	

O quadro revela a opção das revistas em destacar o tema da renúncia de Fidel Castro também em seus editoriais.

Todas as quatro revistas aqui analisadas dedicaram seu editorial (“A Semana”, em *Carta Capital*, “Da Redação”, em *Época*, “Editorial”, na *Isto É* e “Carta ao Leitor”, na *Veja*), ao assunto, porém com enfoques diferentes. Enquanto *Carta Capital* e *Época* usaram a renúncia como ponto de partida para abordar outros assuntos, *Isto É* e *Veja* focaram especificamente em Fidel Castro e no significado de sua renúncia.

Tabela nº 5: Posição no editorial sobre a Revolução Cubana e/ou Fidel Castro

Revista	POSITIVA	NEGATIVA	INTERMEDIÁRIA
CARTA CAPITAL			X
ÉPOCA		X	
ISTO É		X	
VEJA		X	

A análise dos editoriais é importante na medida em que, ao menos teoricamente, expõe o posicionamento das publicações frente aos fatos dos quais trata.

No editorial da semana em questão, *Carta Capital* discorreu sobre a importância das realizações da Revolução Cubana como uma esperança para os oprimidos por ditaduras militares pela América Latina, em especial no Brasil. Porém, relativizou essa importância ao comparar Fidel Castro com personalidades como Hitler, Stálin e Franco, e chamá-lo nominalmente de “ditador vitalício”.

Época não trouxe no editorial juízos de valor explícitos. O foco do texto foi a cobertura feita pelo site da revista, citando inclusive outros fatos que mostrariam a

eficiência da cobertura online da *Época*. O que leva a classificar como “negativa” sua visão quanto a Revolução, porém, é a referência a Fidel Castro como ditador e o espaço de destaque dedicado a chamar as partes mais “anti-revolucionárias” da cobertura da revista, como o artigo de um poeta cubano exilado em Madri, Raul Rivero, e a citação de uma blogueira cubana crítica ao regime político de Cuba, Yoani Sánchez.

Além de falar em “tirania” e afirmar que uma integração ao mercado global é vital à sobrevivência de Cuba, o editorial de *Isto É* apresenta trechos como “Cuba ficou para trás”, “parada no tempo”, e fala em um “modelo político que caiu por terra”. Também afirma que “Cuba resiste como uma caricatura de si mesma” e que Fidel “assumiu ares pitorescos”. Com isso, fica claro um posicionamento extremamente negativo quanto a Revolução Cubana. Há uma única frase positiva: “Apresentou avanços dignos de nota na educação e saúde”, e essa frase é sucedida pela ponderação “Mas enclausurou-se numa redoma de ideias atrasadas, levadas adiante na base da tirania” (ISTO É, 27/02/2008, p. 19).

Por fim, a *Veja* partiu da renúncia de Fidel Castro para chegar a uma crítica generalizada à esquerda latino-americana. Disse que, se Fidel ainda tivesse saúde, o povo cubano ainda teria que “suportá-lo”, que agora Cuba talvez possa “retornar à vida normal”, que “Quem mais sofreu sob Fidel Castro foram os cubanos (...). Mas a renúncia do ditador é uma boa notícia também para outros países latino-americanos” (VEJA, 27/02/2008, p. 9), para em seguida gritar contra a esquerda latino-americana. O editorial é encerrado da seguinte forma: “Por essas e outras razões é que brasileiros e outros povos latino-americanos podem dizer com a boca cheia que ele ‘já vai tarde’” (VEJA, 27/02/2008, p. 9).

Tabela nº 6: Páginas dedicadas ao tema

Revista	Número de páginas
CARTA CAPITAL	12
ÉPOCA	13
ISTO É	7
VEJA	14

Essa tabela demonstra que a tendência expressa na escolha das capas de cada uma das revistas se mantém no decorrer das edições. Há um equilíbrio no número de páginas dedicadas ao assunto entre as três publicações que dedicaram a manchete da

capa à renúncia, enquanto *Isto É*, única que dedicou espaço secundário na capa ao tema, dedica também menos quantidade de páginas internas.

Tabela nº 7: Quantidade de textos (unidades)

Revista	Textos
CARTA CAPITAL	6
ÉPOCA	4
ISTO É	3
VEJA	5

As quatro revistas aqui analisadas buscaram, na reportagem principal das respectivas coberturas, abordar a maior quantidade de temas possível, tornando-a abrangente. Essas matérias principais foram sempre bastante extensas em relação ao restante da cobertura. Dessa forma, os demais textos serviram basicamente a análises mais focadas, como se verá nas tabelas seguintes, com exceção de *Carta Capital* e *Época*.

Tabela nº 8: Gêneros

Revista	REPORTAGEM	ARTIGO (OU COMENTÁRIO)	ENTREVISTA	PEÇAS GRÁFICAS
CARTA CAPITAL	3	0	2	0
ÉPOCA	2	1	0	3
ISTO É	1	1	0	1
VEJA	1	2	1	2

Enquanto *Isto É* e *Veja* abordaram o tema em formato de reportagem em apenas um texto ao longo da cobertura, as revistas *Carta Capital* e *Época* dividiram esse tipo de formato em mais textos. *Carta Capital* apresentou uma pequena matéria sobre a repressão política em Cuba e um outro texto mais longo, analítico e recheado de fontes conhecidas, sobre o futuro que se desenha para Cuba. Já a revista *Época* publicou um longo perfil de Fidel Castro (em cinco páginas), demonstrando um entendimento um tanto diferenciado em relação aos outros veículos aqui analisados. Fez a reportagem principal da edição sobre a renúncia do comandante e suas implicações, com abordagem

mais focada no factual, e deixou para o perfil de Fidel as referências históricas sobre a Revolução Cubana e os 49 anos de governo revolucionário.

Tabela nº 9: Enfoque das reportagens

Revista	HISTÓRIA	FIDEL	FUTURO	RENÚNCIA
CARTA CAPITAL	-	-	X	-
ÉPOCA	-	X	-	X
ISTO É	-	-	-	X
VEJA	-	X	-	-

Revista	SOCIEDADE	ECONOMIA	POLÍTICA INTERNA/ REPRESSÃO	POLÍTICA EXTERNA
CARTA CAPITAL	-	X	X	-
ÉPOCA	-	-	-	-
ISTO É	-	-	-	-
VEJA	-	-	-	-

Na tabela nº 9 é relacionado apenas um enfoque para cada reportagem.

Parece-nos que o óbvio seria partir de um enfoque factual, ou seja, da renúncia em si. Todas as revistas fizeram isso, mas apenas *Época* e *Isto É* mantiveram-se nesse caminho. Nenhuma das reportagens de *Veja* ou *Carta Capital* é focada no factual. Essa última, em suas duas matérias secundárias, trata de uma possível repressão política existente em Cuba e do futuro da ilha sem Fidel Castro no poder. A *Época*, por sua vez, trata em sua matéria secundária basicamente da figura de Fidel, ainda que isso remeta também, obrigatoriamente, a referências históricas e a Revolução.

Vale destacar o fato de nenhuma reportagem ter sido focada nas realizações sociais da Revolução Cubana (ponto forte do governo de Fidel), o que demonstra claramente o tipo de posicionamento que as revistas assumiram frente ao tema.

Maiores detalhamentos relacionados à tabela 9 poderão ser encontrados nas tabelas 21 e 22, que tratam dos assuntos das reportagens principais de cada veículo.

Tabela nº 10: Visão expressa pelos entrevistados

Revista	POSITIVA	NEGATIVA	INTERMEDIÁRIA
CARTA CAPITAL	-	-	2
ÉPOCA	-	-	-
ISTO É	-	-	-
VEJA	-	1	-

Em suas coberturas, *Época* e *Isto É* não publicaram entrevistas. *Carta Capital* entrevistou o escritor Tariq Ali, conhecido defensor da esquerda, mas também crítico a Fidel. Ainda que a matéria não seja apresentada em formato de perguntas e respostas, é exatamente uma entrevista, pois não cita outras fontes nem faz análises, apenas faz referências a perguntas que foram feitas e às respostas de Ali. O escritor tem uma visão muito semelhante à que a revista apresenta no conjunto de sua cobertura: simpática à história da Revolução, simpática a Revolução como um símbolo, mas crítica em relação a uma possível falta de liberdade de expressão e a um radicalismo. É posição semelhante também à do outro entrevistado, o historiador José Jobson Arruda (entrevista essa que se estende por três páginas).

Carta Capital, dessa forma, mantém firme sua posição centralista. Nas matérias e nas entrevistas, não ouve defensores ou grandes críticos de Cuba, mas sim pessoas simpáticas embora críticas do modelo político do país. Não faz contraponto, embora possa parecer que sim. Posiciona-se e não ouve outros lados, apenas o seu: o do meio.

Veja publicou uma entrevista de duas páginas com o dissidente cubano Hector Palácios Ruiz, residente em Madri e grande opositor de Fidel Castro. O título é “O castrismo acabou” (VEJA, 27/02/2008, p. 76). Como se verá nas tabelas seguintes e já se viu nas iniciais, o espaço para elogios a Cuba e a Fidel é inexistente em qualquer texto desta edição da *Veja*, e a entrevista com um dos principais opositores do governo cubano vem ao encontro desse interesse em ignorar qualquer posição favorável.

Tabela nº 11: Visão expressa pelos articulistas

Revista	POSITIVA	NEGATIVA	INTERMEDIÁRIA
CARTA CAPITAL	-	-	-
ÉPOCA	-	1	-
ISTO É	-	1	-
VEJA	-	1	1

Carta Capital preferiu não trabalhar com articulistas nesse caso, mantendo sua aparente neutralidade e utilizando-se de fontes renomadas através de entrevistas e da matéria sobre o futuro de Cuba, onde estão diversos nomes importantes. Outro possível motivo para essa decisão é o fato de a própria matéria principal já ser bastante analítica – apesar de não apresentar opiniões explícitas, analisa com profundidade as questões econômicas da ilha.

Na revista *Época*, há um artigo de Raul Rivero Castañeda, jornalista cubano que vive na Espanha, opositor de Fidel. É um artigo de alto teor crítico em relação ao governo cubano, intitulado “Palácios e Calabouços” e, em meio a reportagens mais ou menos equilibradas, acaba sendo o fiel da balança da cobertura da *Época*.

Não há explicações, em *Isto É*, sobre quem é o articulista que participa da cobertura, Cláudio Camargo, apenas seu nome. Mas esse articulista escreve um artigo de menor relevância e espaço, na verdade apenas um comentário, talvez como reflexo do pouco espaço dedicado pela revista ao tema. Ainda assim, é extremamente crítico quanto a Revolução e, focado no futuro da ilha, defende intransigentemente uma abertura econômica.

O único artigo da *Veja* que se encontra em meio à cobertura é do colunista da revista Reinaldo Azevedo. Há ainda, na última página da edição da semana, a coluna de Roberto Pompeu de Toledo, que comenta a renúncia de forma mais equilibrada e factual. Reinaldo Azevedo, porém, é o autor do artigo mais violento de toda a cobertura das quatro revistas aqui analisadas. Relaciona, desde o início e de forma altamente negativa, a Revolução Cubana com os desvios éticos do governo brasileiro de Lula. Sua primeira frase: “A semente do mensalão está na pistola com que Che Guevara executou um guerrilheiro que roubara um pedaço de pão” (VEJA, 27/02/2009, p. 130). A partir daí, Azevedo aponta diversas relações entre a experiência cubana e a esquerda brasileira, mas sempre vistas de forma altamente negativa, exagerada. Também tenta ridicularizar intelectuais brasileiros simpáticos a Cuba, como Frei Betto, Oscar Niemeyer e Chico Buarque.

Tabela nº 12: Peças gráficas (quadros, linhas de tempo, infográficos)

Revista	Peças gráficas
CARTA CAPITAL	0
ÉPOCA	3
ISTO É	1
VEJA	2

Tabela nº 13: Conteúdo das peças gráficas

Revista	HISTÓRIA	FIDEL	FUTURO	RENÚNCIA
CARTA CAPITAL	-	-	-	-
ÉPOCA	X	X	X	X
ISTO É	X	-	-	-
VEJA	-	-	-	-

Revista	SOCIEDADE/ PROBLEMAS SOCIAIS	ECONOMIA	POLÍTICA INTERNA/ REPRESSÃO	POLÍTICA EXTERNA
CARTA CAPITAL	-	-	-	-
ÉPOCA	X	X	-	X
ISTO É	-	-	-	-
VEJA	-	X	X	-

Com exceção de *Isto É*, que apresentou apenas uma peça gráfica em toda a sua cobertura, talvez por causa do espaço reduzido dedicado à renúncia de Fidel Castro (uma linha do tempo bastante simplificada), as edições analisadas seguiram mais ou menos seu padrão costumeiro de diagramação. A revista *Carta Capital*, sempre mais sóbria (como veremos mais adiante focada em questões econômicas, inclusive), não trouxe nenhum material gráfico de qualquer tipo. *Época* foi quem mais investiu no formato, apresentando um box que mostra os candidatos à sucessão de Fidel, a hierarquia do poder em Cuba e algumas informações sobre cada um deles; uma linha do tempo que acompanha as páginas dedicadas ao perfil de Fidel Castro; e um mapa de Cuba onde são apresentados diversos dados numéricos, históricos e geográficos relacionados a Revolução Cubana e seu tempo de governo. Ao contrário do que normalmente se faz, *Época* não cita a fonte dos dados numéricos (índices sociais, por exemplo) que relaciona.

Isso acontece também com *Veja*, em sua segunda peça gráfica. Essa peça é um infográfico que pretende relacionar números da Cuba pré-Fidel com Cuba pós-Fidel. Segundo os dados da revista, todos os indicadores pioraram, o que contraria dados encontrados durante a pesquisa para esta monografia, alguns deles explicitados no primeiro capítulo. Como *Veja* não cita sua fonte, torna-se inviável um confronto de dados. Porém, como algumas de suas informações vão também contra informações apresentadas pelas outras três revistas analisadas, não convém ter os dados de *Veja* como definitivamente corretos. No outro quadro da mesma revista, há explicações sobre o racionamento de alimentos em Cuba, também explicado no primeiro capítulo do presente trabalho.

Tabela nº 14: Fotografias (unidades)

Revista	Fotografias
CARTA CAPITAL	11
ÉPOCA	8
ISTO É	3
VEJA	9

Devido ao pouco espaço reservado ao tema, *Isto É* publicou apenas três fotos: uma pequena fotografia de Fidel logo na abertura da reportagem; uma foto de perfil do comandante, que ocupa uma página inteira; e outra de tamanho médio com os revolucionários vitoriosos desfilando em Havana.

Carta Capital trabalhou com várias fotografias de tamanho reduzido, a maioria delas histórica. Apenas uma foto maior, de Fidel dos ombros para cima, recortada na primeira página da reportagem principal.

As principais fotos das reportagens de *Época* estão na segunda matéria, o perfil de Fidel. De modo geral, porém, é um material fotográfico pobre, apenas com rostos e, na página inicial, uma foto de página inteira do perfil de Fidel contra a luz – foto um tanto óbvia, semelhante às utilizadas por *Carta Capital* e *Veja* em suas capas.

Veja abre sua cobertura com uma foto de duas páginas, também de Fidel Castro contra a luz, exatamente a mesma imagem da capa. É, sem dúvida, o material fotográfico mais completo e diferenciado, contando inclusive com um retrato de Fidel encostado na borda de uma piscina. É a cobertura fotográfica menos óbvia dentre as quatro revistas, ainda que isso não signifique muito, já que o material apresentado pelas

quatro publicações é, nesse sentido, pobre, óbvio, e pouco acrescenta às reportagens. As fotografias foram usadas apenas como ilustração, não como material jornalístico.

3.2 Sobre a matéria principal

Tabela nº 15: Título

Revista	Título
CARTA CAPITAL	O retiro de Fidel
ÉPOCA	Cuba sem Fidel
ISTO É	A ilha sem Fidel Castro
VEJA	Um país de muito passado agora tem algum futuro

Carta Capital focou o título na pessoa de Fidel, que se retira, enquanto *Época* e *Isto É* seguiram mais ou menos a mesma linha, questionando o futuro de Cuba sem Fidel desde o título. *Veja*, porém, apresentou um título mais extenso do que o usual, atacando o presente de Cuba e comemorando a renúncia do presidente, dando o tom de alívio e celebração que vai permear toda a matéria principal da cobertura.

Tabela nº 16: Linha de apoio

Revista	Linha de apoio
CARTA CAPITAL	O idoso líder sai do governo, mas continua a ser o ideólogo do regime e nada indica que seu país mude de rumo tão cedo
ÉPOCA	Mesmo velho e doente, o mais antigo ditador do mundo escolhe a hora e a forma de deixar o poder. Agora, Cuba tem pela frente o desafio de escolher um futuro de reformas ou aferrar-se ao modelo comunista instalado há quase 50 anos
ISTO É	Renúncia do comandante, depois de quase meio século no poder, abre período de transição controlada
VEJA	O ditador entrega o comando direto do país ao irmão, abre caminho para mudanças, mas fica ainda como um fantasma assombrando o povo e preservando sua tenebrosa herança

Carta Capital restringe-se ao factual na linha de apoio, ainda que “nada indica que seu país mude de rumo tão cedo” possa indicar uma lamentação, já que esse é um questionamento escolhido pela revista, um questionamento que não se impõe por si só.

Época demonstra, na segunda frase da linha de apoio, defender a primeira opção que apresenta. “Aferrar-se” agrega um sentido de teimosia, de burrice até, à opção de manter o modelo político. Como se a opção fosse entre manter-se no passado e avançar ao futuro.

A revista *Isto É* já parte para a análise desde a linha de apoio, e opina claramente, indicando a abertura política ou econômica em Cuba. A afirmação de que “abre período de transição controlada”, nesse momento, é de responsabilidade da revista, sem embasamento em qualquer fonte.

Veja segue a mesma linha de *Isto É*, acrescentando a palavra “ditador” e afirmando que Fidel fica “como um fantasma assombrando o povo e preservando sua tenebrosa herança”. Faz, desde a linha de apoio, crítica extremamente agressiva e gratuita, impregnando de opinião um dos espaços de maior destaque dentro da cobertura, e apresentando essas afirmações como fatos concretos.

Tabela nº 17: Presença de correspondente ou enviado especial

Revista	SIM	NÃO
CARTA CAPITAL		X
ÉPOCA		X
ISTO É		X
VEJA		X

Apesar de reduzir fortemente a qualidade da informação prestada, o fato de as coberturas não terem sido feitas diretamente de Cuba podem ser interpretadas como decorrência do pouco tempo entre o fechamento das edições e a renúncia de Fidel Castro e da dificuldade burocrática de se entrar em Cuba como jornalista, credenciado como tal.

Ainda assim, há de ser ressaltado que qualquer reportagem perde consideravelmente em qualidade quando o repórter não está presente no local onde se desenrolam os fatos, principalmente quando há a necessidade de estar junto ao povo para sentir as reações e a atmosfera local. A distância entre o repórter e o fato torna – nesse caso também – as matérias um tanto burocráticas e sem o mesmo apelo de verdade e credibilidade.

Tabela nº 18: Número de páginas (unidades)

Revista	Páginas
CARTA CAPITAL	5
ÉPOCA	5
ISTO É	6
VEJA	10

Para constarem na contagem para a tabela nº 18, as páginas não necessariamente estão de forma integral dedicadas à reportagem principal. Além disso, podem conter apenas fotografias.

Isto É e *Veja* publicaram matérias maiores em relação às demais, como seria esperado por terem apenas uma reportagem cada. O fato de a reportagem da revista *Isto É* ocupar apenas uma página a mais do que as matérias principais de *Carta Capital* e *Época* deve-se ao seu diminuto número total de páginas dedicadas a essa cobertura.

Tabela nº 19: Fotografias (unidades)

Revista	Fotografias
CARTA CAPITAL	8
ÉPOCA	3
ISTO É	3
VEJA	9

Ver tabela 14.

A acrescentar às inferências relacionadas à tabela 14, apenas que as fotos da *Época* foram divididas entre a matéria principal e o perfil de Fidel Castro, onde estão as fotografias mais significativas e menos óbvias.

Tabela nº 20: Número de parágrafos (unidades)

Revista	Parágrafos
CARTA CAPITAL	35
ÉPOCA	19
ISTO É	10
VEJA	26

A reportagem de *Carta Capital* é bem organizada e procura trabalhar um assunto de cada vez. O próprio tema principal – economia – exige que a reportagem seja um pouco mais didática, e a revista faz isso. Por isso o grande número de parágrafos.

Quanto a *Época* e a *Isto É*, não há muito o que comentar, sua formatação é básica e relativamente bem organizada, ao contrário da *Veja*. Nesta, são poucos parágrafos para o número de páginas, comparando-se com as outras publicações. Isso acontece porque seus parágrafos não mantêm um tema nem um padrão. São ofensas e ironias encarrilhadas, e os parágrafos são, a rigor, maiores do que os das outras revistas.

Tabela nº 21: Parágrafos por assunto (unidades)

Revista	RENÚNCIA	FIDEL	FUTURO	REVOLUÇÃO
CARTA CAPITAL	5	1	7	-
ÉPOCA	5	1	5	-
ISTO É	2	-	5	-
VEJA	-	4	7	1

Revista	HISTÓRIA	SOCIEDADE	ECONOMIA	POLÍTICA INTERNA	POLÍTICA EXTERNA
CARTA CAPITAL	-	3	13	3	3
ÉPOCA	2	3	1	-	2
ISTO É	2	-	-	-	1
VEJA	-	2	3	7	2

Tabela nº 22: Focos principais da reportagem

Revista	RENÚNCIA	FIDEL	FUTURO	REVOLUÇÃO
CARTA CAPITAL	X	-	X	-
ÉPOCA	X	-	X	-
ISTO É	-	-	X	-
VEJA	-	X	X	-

Revista	HISTÓRIA	SOCIEDADE	ECONOMIA	POLÍTICA INTERNA	POLÍTICA EXTERNA
CARTA CAPITAL	-	-	X	-	-
ÉPOCA	-	-	-	-	-
ISTO É	-	-	-	-	-
VEJA	-	-	-	X	-

Na tabela nº 21, está considerado o foco principal de cada parágrafo, sendo que um parágrafo pode estar relacionado a apenas um foco. Para se chegar aos resultados da tabela nº 22, é considerada a contabilidade de parágrafos da tabela anterior.

Carta Capital é uma revista com tradição em temas econômicos. Na reportagem em questão, todos os temas presentes giraram em torno da questão econômica, ainda que a matéria tenha iniciado com a parte mais factual – a renúncia e as projeções para o futuro. Partiu do factual e depois voltou ao seu foco, a economia.

As revistas *Época* e *Isto É* trabalharam basicamente com o factual. O caso de *Época* foi influenciado pela segunda matéria da revista, já que ela é um perfil de Fidel Castro que acaba por abordar questões mais gerais, como a Revolução Cubana e as atitudes do governo de Fidel. Já no caso da *Isto É*, a abordagem puramente factual faz parte da opção da revista por não dedicar um grande espaço ao assunto.

Por fim, a *Veja* pouco falou da renúncia em si, deixando a notícia principal da semana em segundo plano e tratando mais da pessoa de Fidel Castro, na maior parte do tempo através de agressões, como por exemplo no trecho “Todo político tem de ser bom mentiroso. Para Fidel é preciso, no entanto, ser um grande farsante” (VEJA, 27/02/2008, p. 70); e ironias, como quando, após citar uma fala de Fidel, comenta: “Lindo? Sim, mas era uma farsa” (VEJA, 27/02/2008, p. 70). Discorre bastante sobre o futuro de Cuba, projetando hipóteses e posicionando-se a favor de uma abertura radical. Também tocou bastante no ponto da política interna, especialmente afirmando de vários modos que não existe liberdade política ou de expressão em Cuba.

Tabela nº 23: Formas de referência a Fidel Castro

Revista	PRESIDENTE	DITADOR	COMANDANTE-EM-CHEFE
CARTA CAPITAL	2	-	3
ÉPOCA	2	2	1
ISTO É	1	-	-
VEJA	2	7	4

Revista	COMANDANTE	LÍDER	OUTRO (QUAL?)
CARTA CAPITAL	2	1	-
ÉPOCA	1	1	Chefe de Governo
ISTO É	2	-	Governante
VEJA	1	1	Grande cacique, Senhor absoluto

A tabela 23 funciona como um bom medidor do tipo de posicionamento que cada revista tem em relação a Fidel Castro e ao modelo político de Cuba.

Carta Capital não se referiu a Fidel de ditador em nenhum momento, demonstrando uma postura mais equilibrada e mais preocupada com os fatos, haja vista que, na maioria das vezes em que se referiu a ele, foi como “Comandante-em-chefe”, cargo oficialmente ocupado por ele.

Época fez referências equilibradas, referindo-se duas vezes como “presidente” e duas como “ditador”, mas é claro que a palavra “ditador” tem mais peso, o que faz com que a carga negativa da reportagem seja, nesse sentido, mais significativa.

A revista *Isto É*, como *Carta Capital*, manteve uma postura equilibrada nesse quesito.

Veja, por sua vez, manteve o padrão de ataques que pode ser constatado nas demais tabelas desta monografia. Ainda que por quatro vezes se refira ao cargo oficial exercido por Fidel antes da renúncia, fala em “ditador” sete vezes – é a referência mais comum ao cargo de Fidel Castro – e ainda o menciona como “grande cacique” (VEJA, 27/02/2008, p. 71) e “senhor absoluto de Cuba” (VEJA, 27/02/2008, p. 70).

Tabela nº 24: Adjetivos relacionados diretamente a Fidel Castro

	POSITIVOS	NEGATIVOS	INTERMEDIÁRIOS
CARTA CAPITAL	1	0	1
ÉPOCA	4	2	5
ISTO É	7	1	4
VEJA	3	7	5

A adjetivação é tradicionalmente uma questão complicada no jornalismo. Quando não representa apenas estilo ou algum complemento descritivo, costuma vir impregnada de opinião, de juízos de valor e de posicionamento – geralmente um posicionamento que não traz junto qualquer explicação sobre fatos ou argumentação.

Nessa tabela, não são considerados apenas adjetivos em si, mas características que pressupõem adjetivação, como “competência” (que pressupõe o adjetivo “competente”), dadas seu contexto dentro da matéria. Não são consideradas, porém, as palavras e expressões tratadas na tabela 23.

Carta Capital adota a postura mais sóbria, e usa apenas dois adjetivos relacionados a Fidel Castro – um positivo (“lenda viva”) e um intermediário (“idoso”).

A reportagem de *Época* está equilibrada em relação aos adjetivos, inclusive com mais adjetivação positiva (como “símbolo” e “ícone”) do que negativa (atribui a Fidel “inflexibilidade”, por exemplo). Porém – e isso se aplica também às outras revistas – há que se considerar que a argumentação pode ser ainda mais forte do que a adjetivação, e nessa argumentação vêm as críticas mais fortes a Fidel e ao modelo cubano.

Isto É traz sete adjetivos que podem ser considerados positivos, ainda que a maioria deles esteja em citações, como por exemplo, “competência” e “caráter”, ditos por Lula. De modo geral, a adjetivação utilizada pela *Isto É* não é significativa, pois são palavras com pouca força.

A adjetivação mais desequilibrada é a apresentada pela revista *Veja*. Os três casos considerados aqui como positivos vêm seguidos por desqualificações das fontes e dos elogios: “Seus apaziguados viram o gesto como prova de desprendimento do comandante e evidência de modéstia e renúncia pessoal em benefício da pátria. Tudo encenação.” (VEJA, 27/02/2008, p. 70). A adjetivação negativa é a mais forte dentre as revistas (“retórica arrogante” e “farsesca”, “grande farsante”, “grande fingidor”, etc).

Tabela nº 25: Expectativa quanto ao futuro de Cuba

	ABERTURA	FECHAMENTO	MANUTENÇÃO
CARTA CAPITAL	X		
ÉPOCA	X		
ISTO É	X		
VEJA	X		

Ao longo dos textos e de modo geral, as quatro revistas mostram predileção e crença de que, a partir da renúncia de Fidel Castro, haverá uma abertura gradual na economia e na política cubanas. Essa postura demonstra crítica ao sistema cubano e ao governo revolucionário, e ajuda a explicar e complementar a tendência encontrada nas outras tabelas desta monografia.

Tabela nº 26: Valoração da Revolução e de Fidel pelas citações e fontes expressas

Revista	POSITIVAS	NEGATIVAS	INTERMEDIÁRIAS
CARTA CAPITAL	3	1	1
ÉPOCA	2	4	9
ISTO É	3	4	2
VEJA	1	3	0

Tabela nº 27: Fontes positivas ou autor das citações positivas em relação a Revolução

Revista	ESPECIALISTA	POLÍTICO	FIDEL CASTRO	POPULAR
CARTA CAPITAL	-	-	1	2
ÉPOCA	-	1	1	-
ISTO É	1	1	1	-
VEJA	-	-	1	-

Tabela nº 28: Fontes negativas ou autor das citações negativas em relação a Revolução

Revista	ESPECIALISTA	POLÍTICO	POPULAR
CARTA CAPITAL	1	-	-
ÉPOCA	2	1	1
ISTO É	1	2	1
VEJA	2	-	1

Tabela nº 29: Fontes intermediárias ou autor das citações intermediárias em relação a Revolução

Revista	ESPECIALISTA	POLÍTICO	POPULAR
CARTA CAPITAL	1	-	-
ÉPOCA	2	4	3
ISTO É	-	2	-
VEJA	-	-	-

Por não serem tão analíticas quanto a reportagem de *Carta Capital* nem tão opinativas quanto a de *Veja*, as matérias de *Época* e *Isto É* apresentam uma grande quantidade de fontes, e mais equilibradas.

Carta Capital revela a utilização de poucas fontes por ser bastante analítica, especialmente no que se refere à economia (maior parte da reportagem), e é também bastante equilibrada, já que uma das fontes consideradas aqui positivas é o próprio Fidel Castro, em sua carta de renúncia.

Na revista *Veja*, a única fonte positiva é a carta de renúncia, não há nenhuma fonte intermediária, e são três as consideradas negativas. *Veja* utiliza-se de especialistas conhecidamente opositores (as opiniões de pessoas consideradas especialistas ou alçadas a esse status pelas publicações costumam ter muito mais credibilidade aparente do que políticos ou populares) e de um cubano comum para reafirmar e sustentar suas teses sobre o governo revolucionário, como no exemplo a seguir:

O ensaísta argentino Mariano Grondona atribui esse fascínio pelo ditador caribenho ao realismo fantástico que domina não apenas na literatura, mas também no campo minado da política latino-americana. Esse pensamento se traduz basicamente pela crença de que nossos fracassos não são produtos de nossos erros, mas uma consequência de algo maior, a opressão americana. Seria a utopia cubana como uma terra a salvo dos americanos que entusiasma políticos e intelectuais que, em sua própria terra, fazem questão de viver num regime democrático (VEJA, 27/02/2008, p. 79).

Tabela nº 30: Referências críticas à suposta falta de liberdade (unidades)

Revistas	Número de referências
CARTA CAPITAL	2
ÉPOCA	4
ISTO É	3
VEJA	10

Ponto comum de crítica ao governo cubano, a questão da liberdade de expressão e política foi abordada até seu esgotamento por *Veja*, como forma de ataque fácil ao governo e a Fidel. Um exemplo é o trecho “Mas implantar uma realidade de zoológico – ou seja, aquela em que todos têm comida, escola e saúde mas vive enjaulado [*sic*] – não paga o preço do atraso, da falta de liberdade e da pequenez intelectual” (VEJA, 27/02/2008, p. 79)

Carta Capital faz tão poucas referências por dois motivos: o enfoque econômico e uma pequena matéria sobre o assunto.

As revistas *Época* e *Isto É* tocaram no assunto, mas sem exageros, apenas tratando-o como mais um ponto da questão cubana. *Época*, por exemplo, já no primeiro parágrafo questiona: “Será que a liberdade de expressão em Cuba deixará em algum

momento de ser vista como golpista, burguesa e revolucionária?” (ÉPOCA, 27/02/2008, p. 81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se o conjunto das revistas analisadas, *Carta Capital* foi a publicação, dentre as quatro analisadas neste trabalho, que apresentou a cobertura mais sóbria, sem dúvida. O foco, durante a maior parte da edição, foi a economia cubana, o que mantém o padrão costumeiro da publicação, com tradição em reportagens sobre economia e política. Além disso, trabalhou bastante com elementos factuais, considerando-se o espaço que dedicou, em especial em sua matéria principal, aos temas “Renúncia” e “Futuro”.

Carta Capital evitou tomar posicionamentos muito marcados, contra ou a favor da Revolução Cubana e de Fidel Castro. Há, porém, impossibilidade de, em um texto, não tomar posicionamentos, ainda que se evite isso ao máximo. Dessa forma, a revista acabou posicionando-se de forma central, ressaltando algumas realizações da Revolução ao mesmo tempo em que condena outras. Essa postura fica evidente quando se analisa em conjunto questões como a adjetivação – é a revista analisada com menos quantidade de adjetivos na matéria principal –, as referências a Fidel Castro – única revista dentre as quatro que não chamou Fidel de ditador em nenhuma passagem da reportagem principal –, as posições expressas pelos entrevistados, etc. Mesmo no editorial, local destinado à posição do veículo, *Carta Capital* mantém uma postura centralizada, pretensamente neutra, ressaltando a importância das conquistas da Revolução mas referindo-se ao presidente cubano como ditador.

Com relação ao futuro de Cuba, *Carta Capital* também adota postura cautelosa e sóbria. Ainda assim, defende a abertura econômica da ilha, de forma clara. *Época* partilha da posição de *Carta Capital* sobre essa questão, mas critica de forma mais veemente o regime cubano e seu líder.

A cobertura da revista *Época* é bastante focalizada em questões factuais, apresentando pouca análise. A reportagem principal é, basicamente, focada na renúncia

de Fidel, e sua outra reportagem é um perfil do comandante. Ainda que sua preocupação com o factual seja grande e expressa, por outro lado sua crítica ao governo revolucionário é áspera, como se pode perceber em sua conduta quanto à escolha das fontes dos textos secundários, que apresentaram forte valoração negativa, e à forma como se refere a Fidel Castro, tratando-o duas vezes por ditador. Ao mesmo tempo, o perfil do presidente cubano, que ocupa espaço significativo na cobertura, não possui tantos juízos de valor, inclusive sendo, em alguns poucos momentos, é verdade, elogioso a Fidel ou, ao menos, demonstrando bastante preocupação com a fidelidade aos fatos e com o rigor histórico.

Isto É foi o veículo, entre os quatro aqui analisados, que menos dedicou importância ao assunto tão tratado na mídia mundial durante a semana em questão. Esse fato pode ser verificado desde sua capa, na qual há apenas uma chamada secundária, no canto superior esquerdo, para a cobertura da renúncia. A manchete é dedicada a informações sobre lipoaspiração. A quantidade de páginas dedicadas ao assunto que foi manchete nas outras três revistas também foi menor em relação às demais, o que completa a explicação sobre o interesse menor que *Isto É* percebeu no tema.

Dessa forma, limitou-se basicamente ao factual, não aprofundando tanto quanto as outras revistas ou esmerando-se em críticas ou defesas do regime cubano. Ainda assim, pode-se observar um posicionamento contrário a Revolução Cubana e a Fidel Castro. Seu editorial, por exemplo, demonstra claramente que a revista considera o sistema cubano “atrasado”, ultrapassado, e Fidel seria o responsável por esse atraso. Com adjetivações mais equilibradas do que *Época* e *Veja*, a crítica a Cuba fica demonstrada também na questão da valoração do regime da ilha pelas fontes entrevistadas para a reportagem.

A revista *Veja* dedicou um grande espaço ao assunto (o maior número de páginas de cobertura é dela), e o aproveitou para fazer críticas e agressões fortes a Revolução Cubana, a Fidel Castro e à esquerda de modo geral. Sua cobertura é numerosa em matéria de juízos de valor. Manchete, título da reportagem, linha de apoio, editorial, texto da reportagem principal, entrevistas: em cada espaço disponível, *Veja* disparou ataques. Em cada uma das tabelas do 3º capítulo do presente trabalho fica claro o posicionamento sempre, sem exceção, contrário a Revolução Cubana. E não apenas contrário, como raivoso.

“Já vai tarde”, na manchete, é a única que foge do padrão narrativo das publicações. O subtítulo “O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a

esquerda durante 50 anos” segue o mesmo caminho, já começando a estender os ataques à esquerda como um todo. No editorial essa tendência continuou, e as críticas foram direcionadas não apenas a Cuba ou a Fidel, mas à esquerda, como se pode observar nas inferências à tabela nº 5.

Sua única reportagem sobre o tema na edição analisada é pontuada por juízos de valor e agressões a Fidel Castro durante toda a sua extensão, e o foco na personalidade Fidel serve exatamente a esse propósito. A adjetivação altamente negativa, as sete referências ao líder cubano como ditador, entre outros dados que podem ser observados no capítulo anterior, demonstram que *Veja* foi a revista que mais clara e fortemente posicionou-se de forma contrária a Revolução Cubana e a seus personagens. Com isso, a defesa de uma abertura rápida em Cuba torna-se também óbvia.

A partir do que já foi concluído aqui sobre a cobertura de cada revista, pode-se considerar que a revista *Carta Capital* é a publicação mais sóbria na cobertura analisada, enquanto *Veja* é a mais agressiva e a única que foge da informação, e editorializa a cobertura, aproximando-se muito da opinião – além de colocar essas opiniões como inalcançáveis a questionamentos. *Isto É* dedicou-se pouco ao tema, e *Época* trabalhou bastante com o factual e com informações, ainda que tenho demonstrado sempre uma postura crítica em relação ao governo cubano. Além disso, cada revista manteve-se fiel a alguns de seus padrões tradicionais. *Carta Capital* tratou bastante de economia, *Época* utilizou-se bastante de peças gráficas, *Isto É* não se aprofundou muito e *Veja* calçou-se em opinião e bom material fotográfico – ao menos comparativamente às outras revistas analisadas.

Dessa forma, acredita-se ter alcançado os objetivos propostos para a pesquisa e explicitados na Introdução desta monografia: verificou-se quais aspectos cada publicação considerou mais relevantes em sua cobertura; distinguiu-se, nas revistas e comparativamente entre elas, opiniões positivas e negativas com relação à figura de Fidel Castro e sua atuação como presidente cubano; percebeu-se de que forma as publicações concebem o futuro de Cuba sem Fidel; e identificou-se nesses veículos posicionamentos com relação a Revolução Cubana. Considera-se que esses objetivos específicos foram satisfatoriamente alcançados, de modo que o objetivo geral proposto inicialmente também foi alcançado, sendo ele comparar a cobertura da renúncia do presidente cubano feita pelas quatro revistas semanais brasileiras de maior circulação.

Ao longo do processo que levou a esta monografia, outras questões foram surgindo, mas permaneceram sem a devida consideração por limitações de tempo ou por

não se enquadrarem na proposta geral da pesquisa. Foram deixadas de fora da análise, mas podem servir como sugestões e indicações para futuros trabalhos acadêmicos.

Um tema que poderia ser melhor pesquisado e aprofundado é a questão do uso da adjetivação na revista *Veja*. Esse recurso foi usado em quantidade muito superior em relação às outras três publicações, e os adjetivos sempre causaram discussão no jornalismo por, de modo geral, expressarem juízos de valor, o que contrariaria o ideal de objetividade que, segundo algumas concepções, deveria ser perseguido.

O tratamento dado por *Época* à parte gráfica também merece estudo, por ser bastante diferenciado em relação às outras revistas. A preocupação da publicação com o conteúdo visual é considerável. A escolha da manchete de capa da *Isto É* destoou fortemente das demais, o que supõe que seus critérios editoriais para a seleção dos conteúdos de capa também mereçam uma análise aprofundada, com a finalidade de compreender seus critérios de decisão.

A questão da liberdade de imprensa em Cuba é outra que requer aprofundamento, e sem dúvida é um objeto de estudo interessante, haja vista que segue um modelo sobre o qual pouco se tem conhecimento no Brasil, completamente diverso do modelo de “livre empresa” que encontramos na nossa imprensa e que impõe tantos entraves a uma verdadeira liberdade de imprensa e, em especial, liberdade de informação. A democratização da informação é uma necessidade para qualquer sociedade que se pretenda realmente democrática, e o modelo que temos no Brasil vai no sentido oposto desse objetivo. Estudar outros modelos como forma de aperfeiçoamento do nosso ou de criação de novas possibilidades é um trabalho árduo mas fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYERBE, Luiz Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2004.

BARDIN, Pierre. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASTRO, Fidel. **A Revolução e o Estado**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1963.

ESCOSTEGUY, Jorge. **Cuba Hoje: 20 anos da Revolução**. São Paulo, SP: Editora Alfa-Omega, 1979.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: Biografia a duas vozes**. São Paulo, SP: Editora Boitempo, 2006.

ROQUE, João. Fulgência Batista y Zaldívar. 2009. Disponível em <http://www.diario-universal.com/2009/08/morreu/fulgencio-batista-y-zaldivar>. Acesso em 20 set. 2009.

SANTOS, Marcos Ferreira (org). **Imagens de Cuba: a esperança na esquina do mundo**. São Paulo, SP: Zouk, 2002.

SCALZO, Maria. **Jornalismo de revista**. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

SCHILLING, Voltaire. **A Cuba de Batista: um estado-bucaneiro**. 2003. Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2003/07/25/001.htm>.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

Conheça o país: Cuba. In Veja On Line. Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/cuba/cronologia.html. Acesso em 20 set. 2009. Acesso em 20 set. 2009.

Cuba. In Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuba>. Acesso em 20 set. 2009.

Fulgencio Batista. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2009. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$fulgencio-batista](http://www.infopedia.pt/$fulgencio-batista). Acesso em 20 set. 2009.

Revolução Cubana. Disponível em http://sti.br.inter.net/rafaas/revlatame/rev__cubana.htm. Acesso em 20 set. 2009.

ANEXOS

ANEXO A

Revista Carta Capital



MINO CARTA

Fidel Castro e o golpe de 1964

Seria o mesmo se a Revolução Cubana não tivesse sido vitoriosa?

Mais coerente e desabrido do que seus pares, Ruy Mesquita disse que a Revolução Cubana foi a maior tragédia política do século passado. Trata-se de um ponto de vista que os senhores da mídia nativa certamente compartilham, embora menos claros e peremptórios do que Mesquita. Na minha opinião, a maior tragédia política do século passado para o Brasil foi o golpe de 1964, com todas as conseqüências e desdobramentos, pelos quais pagamos até hoje.

Deste ângulo, a presença de Fidel Castro no



METÁFORA NATIVA.
Os gendarmes executam o serviço sujo a mando dos tradicionais donos do poder

cenário latino-americano teve importância notável. A decisiva contribuição do governo dos Estados Unidos e dos seus instrumentos de agressão, dos mais subdolosos aos mais ostensivos, ao golpe perpetrado pelos gendarmes da elite brasileira poderia ter outra dimensão caso não se percebesse na linha do horizonte a ilha de Fidel. Algo assim como a montanha nevoenta que surge aos olhos de Ulisses, o Odisseu, ao cabo de sua última viagem, que Dante cantou em lugar de Homero.

Está claro que os privilegiados da minoria branca dificilmente aceitariam uma modernização do País gerada naturalmente pela industrialização crescente. Já durante o governo de Juscelino começara a desenhar-se a chance de uma vida política e social contemporânea do mundo, de sorte a exprimir forças de esquerda determinantes tanto no Parlamento quanto nos sindicatos. E, após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, o governo de João Goulart confirmaria a tendência.

Se a sombra da montanha nevoenta não se

alongasse sobre o subcontinente, os donos do poder brasileiro teriam o mesmo apoio dos Estados Unidos na tentativa de sustar o processo? O embaixador Lincoln Gordon teria o papel que enfim lhe coube? Trata-se de questões acadêmicas, obviamente. Certo é que Fidel e sua revolução têm grande influência neste enredo recente, desde o golpe até a resistência armada.

Vivemos em outro mundo, conquanto tenha decorrido apenas meio século. E Fidel abandona oficialmente seu posto de ditador vitalício antes que a vida acabe. Nos bastidores será ainda a voz mais alta. De Hitler a Stalin, de Mussolini a Mao, de Franco a Fidel, todos eles, e outros mais, poderiam dizer "o Estado sou eu". Como Luís XIV. Mesmo ditaduras nascidas de revoluções populares e orientadas à esquerda tornam-se de certa forma de direita, pela economia dirigida pela burocracia estatal e a repressão feroz das idéias e dos espíritos contrários.

A ditadura verde-amarela, invocada em bloco pelos senhores da mídia nativa, os mesmos que já a chamaram de revolução e hoje falam impunemente, tartufescamente, de "anos de chumbo", nasceu à direita e ali ficou, sem renunciar a qualquer uma das armas usadas pelas demais. Foi, de todo modo, medíocre nos conteúdos e daninha nos resultados, ao contrário de Fidel, personagem histórica imponente, uma das maiores do século passado.

Ele vaticinou que a história o julgaria. Creio que a história não deixará de vê-lo como herói de uma revolução popular e como líder carismático capaz de desafiar o império nas barbas do próprio, 49 anos a fio. Nesta edição, conta-se a renúncia de Fidel e sua personalidade é analisada de perspectivas diversas. Inegável é que o mundo perde um protagonista. Tudo, no entanto, tem seu tempo certo.

Como agudamente ensina o professor José Jobson de Andrade Arruda ao longo da entrevista que começa na página 34, o imperialismo enfrentado por Fidel, e às vezes até humilhado, está no ocaso diante de outro, o econômico-financeiro. Os interesses e as vontades das grandes corporações dão para eclipsar o poder dos Estados nacionais. Vivemos o tempo turvo do Deus Mercado. ■

O RETIRO DE FIDEL

CUBA O idoso líder sai do governo, mas continua a ser o ideólogo do regime e nada indica que seu país mude de rumo tão cedo

POR ANTONIO LUIZ M. C. COSTA



O bom senso e os limites do corpo acabaram por prevalecer, por maior que fosse a teimosia do comandante-em-chefe. Ou seu desagrado por satisfazer "um adversário que fez todo o imaginável para se desfazer de mim", segundo a carta com a qual confirmou

como definitivo o afastamento do governo, formalizado desde 31 de julho de 2006.

Fidel Castro reconheceu o dever de não se aferrar a cargos nem obstruir o caminho aos mais jovens, de preparar Cuba, psicológica e politicamente, para sua ausência e "evitar ilusões que, no caso de um desenlace adverso, trariam notícias traumáticas a nosso povo no meio da batalha". Satisfez-se em citar Oscar Niemeyer: "É preciso ser conseqüente até o final".

A carta foi publicada em 19 de fevereiro, depois de 49 anos de poder e 19 meses de afastamento para tratamento de uma doença gastrointestinal grave, que – apesar de rumores iniciais sobre um câncer – provavelmente se trata de uma diverticulite complicada por uma cirurgia de risco malsucedida, segundo a opinião mais comum entre os médicos que avaliaram de fora o desenvolvimento do caso.

O reconhecimento também foi relutante – diz a carta, e não há por que duvidar – por parte do irmão Raúl Castro e "demais companheiros

da direção do Partido e do Estado". Logicamente, a notícia não devia ser tão inesperada, mas surpreendeu muitos cubanos nas ruas, conforme reportou a agência francesa AFP: "Fidel renunciou? Impossível! C...! Renunciou o comandante-em-chefe!", exclamou Dayron Clavellón, um modelo de 20 anos ao ser informado por um jornalista quando saía de uma noite com amigos. "Renunciou Fidel? C..., vamos sentir sua falta", comentou Dubael César, um músico de 27 anos. Não foi à toa que Fidel julgou necessário repetir que não aceitaria a reeleição.

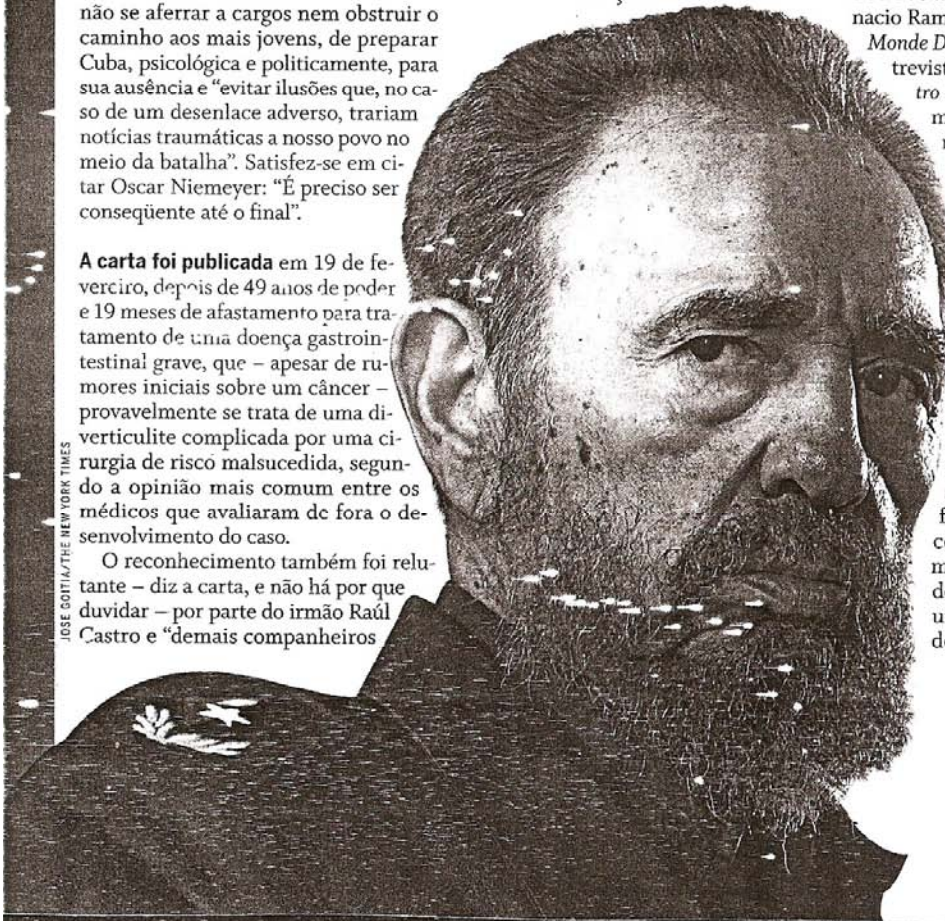
Apesar da insistência de Fidel em que o regime não era de um homem só, o Partido Comunista Cubano não realiza congressos desde o quinto, de 1997 (os anteriores foram em 1975, 1980, 1986 e 1991), nem promove debates dignos de nota. Em 1996, quando o Centro de Estudos das Américas, ligado ao PCC, produziu análises críticas sobre a sociedade cubana, Raúl Castro chamou seus dirigentes de "quinta-coluna" na televisão. Foram transferidos e sua revista passou a ser censurada.

De 2003 a 2005, quando o espanhol Ignacio Ramonet, diretor do periódico *Le Monde Diplomatique*, fez a série de entrevistas publicada como *Fidel! Castro – Biografia a duas vozes*, o comandante, aos 79 anos, continuava a trabalhar sete dias por semana até alta madrugada e a responder por todas as decisões.

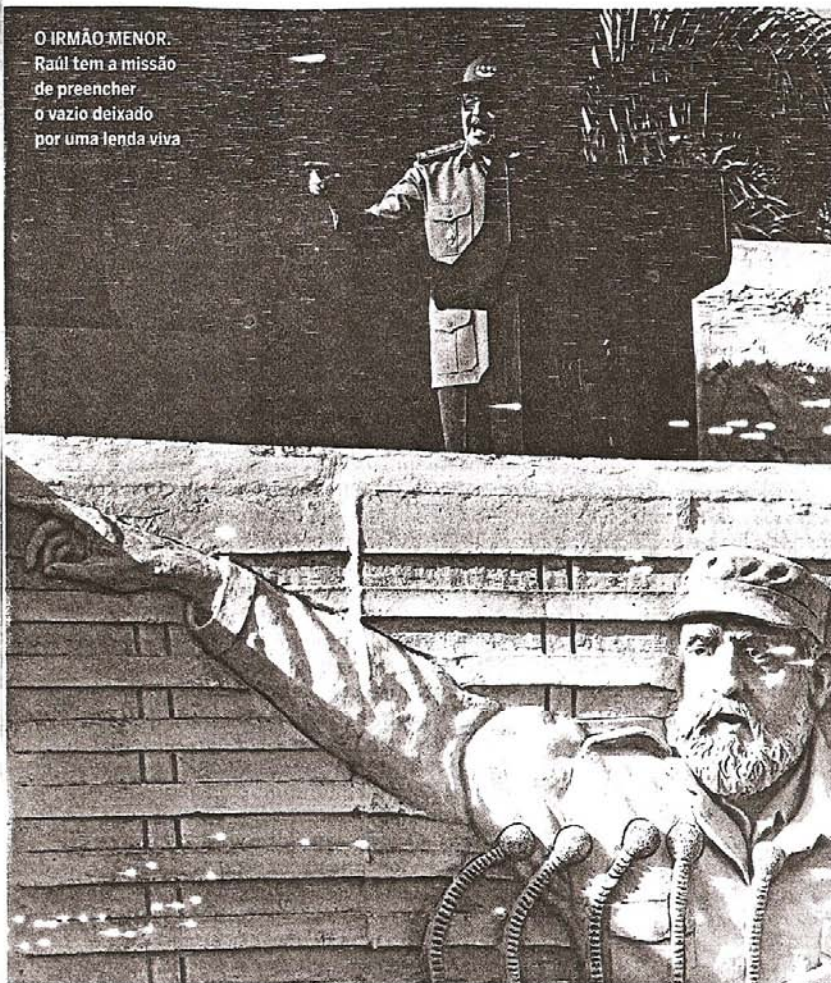
O Conselho de Estado, corpo de 31 membros (incluindo o presidente, o secretário e seis vice-presidentes) eleito pela Assembleia Nacional para exercer o Poder Legislativo entre suas duas sessões anuais, também é um órgão sem presença. A única sessão pública dessa entidade foi em julho de 1989, para confirmar a condenação à morte, por tráfico de drogas, do general Arnaldo Ochoa. É um entre inúmeros sintomas do personalismo que torna

O APOSENTADO RELUTANTE. Fidel em sua última aparição pública como presidente em Holguin, em 26 de julho de 2006

JOSE GOTTI/THE NEW YORK TIMES



O IRMÃO-MENOR:
Raúl tem a missão
de preencher
o vazio deixado
por uma lenda viva



tão difícil aos seguidores de Fidel conceber seu afastamento.

Que, na realidade, não será total enquanto viver. A "renúncia", a rigor, é simples anúncio de que ele não aceitará mais um mandato como presidente e comandante-em-chefe. Fidel continuará a ser o secretário-geral do Partido Comunista e ideólogo oficial, exercendo poder por meio de seus escritos.

A começar pela própria carta com a qual anuncia a decisão como exclusivamente sua e insiste em reafirmar o cenário de sucessão delineado há 19 meses, atestar os méritos do irmão Raúl Castro, primeiro vice-presidente, comandante das Forças Armadas e presidente em exercício e chamar ao respei-

to às instituições cubanas e às decisões do Parlamento que se reunirá no domingo, 24 de fevereiro.

Dessas a primeira e mais decisiva é a eleição do presidente da República. O mais provável é que Raúl – de 76 anos, cinco a menos que Fidel – seja eleito primeiro mandatário titular, embora tenha havido alguma especulação em torno da disposição dos irmãos Castro de avançar mais rapidamente na renovação de lideranças, elegendo o pediatra Carlos Lage Dávila, de 56 anos.

Lage é secretário-executivo do Conselho

de Ministros – o que Cuba tem de mais parecido com um primeiro-ministro, desde que esse cargo foi abolido pela Constituição de 1976 – e também um dos cinco outros vice-presidentes (além de Raúl) do Conselho de Estado. Mesmo fora da Presidência, deve continuar a ser um dos personagens mais importantes do governo cubano. Assessor de Fidel desde o início dos anos 90, é considerado um perito em história e política estadunidenses e arquitetou as medidas econômicas de emergência – o chamado "Período Especial em Tempo de Paz", que tornou possível ao regime cubano sobreviver ao colapso da União Soviética e dos regimes socialistas do Leste Europeu.

Desde o afastamento de Che do Ministério das Indústrias, em 1964, a economia fora planejada para se integrar ao Comecon (Conselho de Assistência Econômica Mútua, organização de cooperação econômica do bloco soviético) e trocar açúcar por petróleo, alimentos, medicamentos e produtos industriais a preços mais favoráveis que os do mercado capitalista – uma relação de troca de pai para filho. O fim dessa relação especial deixou o regime cubano pendurado na broxa, como se costuma dizer.

Os EUA, no governo de Bush pai, aproveitaram a oportunidade para endurecer o embargo. Proibiram seus cidadãos de viajar a Cuba e as subsidiárias de transnacionais estadunidenses no exterior – das quais Havana comprava pesticidas, alimentos e medicamentos – de negociarem com o país. As restrições se tornaram ainda mais duras com Bill Clinton: em 1996, a lei Helms-Burton impôs penalidades a empresas estrangeiras que fizessem negócios com Cuba e permitiu a cidadãos dos EUA (notadamente cubano-americanos) processar investidores estrangeiros que

usassem propriedades que lhes tivessem sido tomadas pelo governo de Havana.

De 1989 a 1993, Cuba perdeu 90% das importações de petróleo, 80% de seu comércio exterior e 34% do PIB. Passou a vender açúcar muito mais barato e a comprar petróleo muito

A centralização do poder vetou o debate dentro do próprio partido e inibiu novas lideranças

Nosso Mundo



mais caro. Metade das usinas de açúcar foi fechada, pois seus gastos em divisas superavam as receitas: era mais vantajoso pagar aos empregados para estudar. De 8 milhões de toneladas em 1989, a produção caiu para 3,5 milhões em 1995 e 1,1 milhão nos últimos anos.

Muitas outras indústrias fecharam por falta de combustível e matérias-primas. A própria agricultura, que a modernização das últimas décadas tornara dependente de máquinas agrícolas, foi parcialmente paralisada. O drástico racionamento de alimentos evitou o pior, mas a subnutrição teve efeitos evidentes, inclusive entre crianças pe-

quenas, nos primeiros anos da crise. Cada cubano perdeu, em média, 9 quilos. Carros particulares deixaram de circular por falta de combustível, sendo substituídos por bicicletas, caminhões adaptados, carroças e lotações. Cortes de energia chegaram a durar 16 horas por dia e os cubanos chegaram a ter de esperar três horas por um ônibus.

Os esforços iniciais de Che Guevara para desenvolver a indústria cubana e torná-la auto-suficiente – implantando, por exemplo, uma siderúrgica – foram criticados pelos russos e ridicularizados no Ocidente, mas mostraram-se muito úteis na nova conjuntura, garantindo ao país algumas das matérias-primas essenciais que não podia mais importar. Mas as principais chaves da sobrevivência foram as medidas drásticas de racionalização do uso de energia e derivados de petróleo, a diversificação da agricultura, a reforma dos métodos agrícolas, que, ao promover a recuperação do solo, o uso de fertilizantes e pesticidas naturais e o retorno ao uso de trabalho humano e animais de tração, criou a única economia no mundo moderno que pode ser realmente chamada de ecologicamente sustentável.

Foram desenvolvidas outras fontes de divisas, a começar pelo turismo – mais importante que o açúcar desde meados dos anos 90 – e também serviços de saúde, instrumentos médicos, vacinas e outros produtos farmacêuticos. Apesar da enormidade da crise, Cuba man-

teve bons padrões de educação e saúde, equivalentes ou melhores que os dos EUA em vários aspectos, inclusive expectativa de vida, mortalidade infantil e alfabetização.

Para estimular a reestruturação da economia e substituir os empregos roubados pela crise à economia planejada,

o “Período Especial” também criou espaços limitados para a iniciativa privada.

Abriu a mineração e o setor de turismo ao investimento estrangeiro, legalizou a posse de dólares, permitiu o trabalho por conta própria em maior escala e permitiu aos agricultores vender legalmente, no

mercado livre, a produção que ultrapassasse as cotas estabelecidas pelo governo. Partes das fazendas estatais foram distribuídas a famílias que quisessem se mudar da cidade para o campo e se tornarem pequenas produtoras, organizadas em cooperativas, e aquelas que permaneceram na cidade foram estimuladas a criar hortas e culturas hidropô-

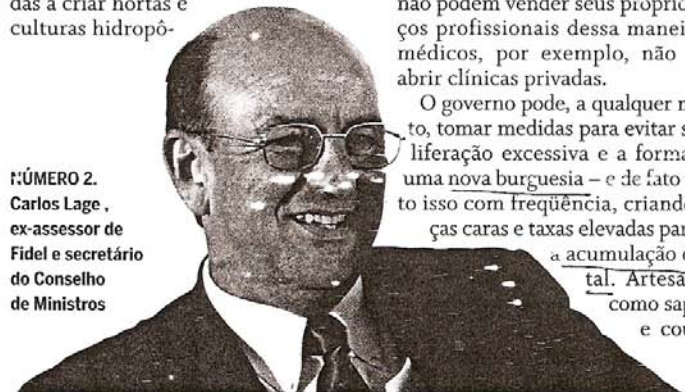
nicas em terraços, estacionamentos e jardins. O açúcar foi ultrapassado pelo níquel como principal produto de exportação: a produção do metal cresceu de 27 mil toneladas em 1993 para cerca de 100 mil em 2008.

Tais reformas foram muitas vezes interpretadas no exterior como o início de uma transição para o capitalismo à chinesa. Ao contrário de Pequim, porém, o regime de Fidel em momento algum pretendeu revisar sua filosofia em questões essenciais ou planejou a continuação indefinida do crescimento relativo da economia de mercado.

Mais importante, Havana jamais deu sinais de querer promover o surgimento e crescimento de uma nova classe empresarial, reconhecer constitucionalmente seu papel e admitir a no Partido e em posições de poder no aparelho de Estado. O governo encarou o “cuentapropismo” como mal necessário, não como ponte para o capitalismo. Os autônomos são proibidos de contratar empregados e de vender serviços para empresas estrangeiras ou estatais. Os graduados em nível superior não podem vender seus próprios serviços profissionais dessa maneira – os médicos, por exemplo, não podem abrir clínicas privadas.

O governo pode, a qualquer momento, tomar medidas para evitar sua proliferação excessiva e a formação de uma nova burguesia – e de fato tem feito isso com frequência, criando licenças caras e taxas elevadas para evitar a acumulação de capital. Artesãos, tais como sapateiros e coureiros,

O trabalho por conta própria é visto como mal necessário, não como o início da reforma liberal



NÚMERO 2.
Carlos Lage,
ex-assessor de
Fidel e secretário
do Conselho
de Ministros

OS POLÊMICOS NÚMEROS DA REPRESSÃO

Houve prisões e execuções. Mas quantas?

Na Cuba dos anos 60, a pena de morte foi aplicada em grande escala tanto a presos políticos quanto a criminosos comuns e não há dados oficiais para distingui-los ou estabelecer seu número. A maior concentração de execuções ocorreu em consequência da invasão da Baía dos Porcos, em abril de 1961, operação condu-

zida por agentes da CIA e exilados cubanos.

O historiador britânico Hugh Thomas estimou em 5 mil as execuções por motivos políticos até 1971. Isso inclui 550 integrantes do governo Batista e de sua polícia secreta, levados ao *Paredón* nos primeiros seis meses de 1959, mas não os mortos em combate contra o regime castrista, algo menos de 3

REGORIO MARENGO/AP



VELHOS ERROS.
Fidel, vitorioso,
dispensou Che
e aceitou depender
da URSS, o que custou
caro à economia



pagam o equivalente a até 150 dólares mensais para manter sua atividade e os que alugam quartos a turistas pagam 250 dólares, sejam os quartos ocupados ou não.

A abertura para a economia de mercado não foi ampliada à medida que a recuperação econômica começou a mostrar seus efeitos, em fins dos anos 90. Na verdade, começou a ser parcialmente revertida, especialmente depois que a eleição de Hugo Chávez para o governo da Venezuela aliviou as dificuldades para a importação de combustíveis e outros produtos essenciais, oferecendo ao governo cubano linhas de crédito e a troca direta de petróleo pelo trabalho de médicos cubanos nas favelas de Caracas e outros serviços. Em boa parte, a Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas) articulada por Chávez e Fi-

del, incluindo ainda Bolívia, Equador e Nicarágua, tem-se mostrado capaz de substituir o Comecon, que de 1981 a 1985 permitiu a Cuba um crescimento médio anual de 7,3%.

Nos últimos anos, o país tem atingido taxas de crescimento das mais altas na América Latina e no mundo: 5,4% em 2004, 11,8% em 2005, 12,5% em 2006 e 7,5% em 2007, segundo os critérios cubanos, que contam os serviços públicos a preço de mercado. Pelos critérios internacionais, que os calculam a preço de custo, essas taxas seriam menores: 4,2%, 8%, 7,5% e 6,4%. Em 2008, deve crescer 8% pelos critérios locais e 5,4% pelos internacionais.

A reforma mais importante praticada pelo governo desde que viu melhorar as perspectivas da economia foi o início da desdolarização. De 1993 a 2004, para fa-

cilitar a captação de divisas pelo turismo, foram criadas lojas estatais que vendiam produtos de alta qualidade em dólares. Criou-se um apartheid econômico não só entre cubanos e turistas, como também entre os cubanos que continuavam a receber em peso e os que trabalhavam em atividades ligadas ao turismo, com as quais ganhavam dólares e acesso a um padrão de vida mais elevado. Estudantes e profissionais de nível superior viram-se estimulados a deixar suas carreiras para ganhar a vida como taxistas e prostitutas.

mil. Os refugiados cubanos falam em 12 mil a 15 mil executados e outras fontes em 2 mil.

De qualquer maneira, as execuções tornaram-se relativamente raras a partir dos anos 70 e foram completamente suspensas a partir de abril de 2000, salvo por três dos 11 seqüestradores de um barco de turistas, executados em 2003. Restaram nas prisões, segundo a Anistia Internacional, 52 condenados à morte, sem destino definido.

Muito menos há consenso sobre as prisões. Exilados cubanos dizem que 60 mil

chegaram a ser presos em consequência da Baía dos Porcos. Hoje, a organização anticomunista Diretório Democrático Cubano lista 326 presos de consciência e a Anistia Internacional, 69 na cadeia, mais 12 em prisão domiciliar. Por outro lado, não há registro (segundo a Anistia Internacional) de tortura física, desaparecimentos ou execuções extrajudiciais. Não há notícias de levantes populares contra o regime nem de manifestações reprimidas com violência.

Em outubro de 2004, para restringir esse dualismo econômico – que, naturalmente, conduz a uma duplicidade moral –, as lojas estatais deixaram de aceitar moeda estrangeira, substituindo-a por um “peso conversível” e tirando-a, na prática, da circulação. Embora a posse de dólares continue legal, assim como sua troca por pesos à taxa oficial, o governo criou uma taxa de 10% sobre o câmbio do dólar que não é aplicada a outras moedas fortes, estimulando o uso do euro no turismo. Além disso, os

Nosso Mundo

trabalhadores cubanos de resorts exclusivos de estrangeiros foram proibidos de aceitar gorjetas e presentes.

O governo cubano também tornou-se mais seletivo em relação aos investimentos estrangeiros, limitando os setores nos quais podem ser aplicados (principalmente energia, petróleo, mineração e turismo) e fechou 60 de 313 empreendimentos internacionais por não servirem aos objetivos do país.

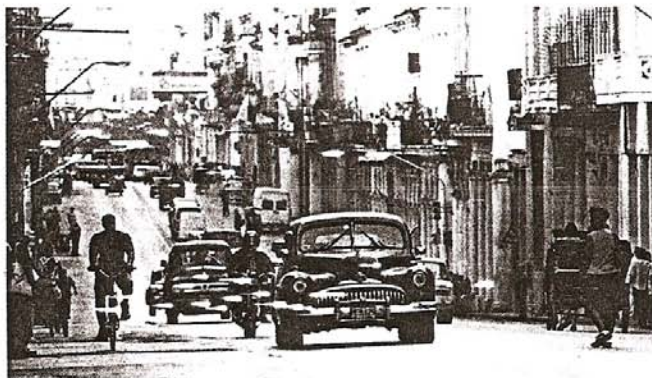
Ainda em 2004, o governo cessou de emitir licenças para 40 das 162 atividades abertas a autônomos, inclusive reparos de bicicletas, venda de lanches e os chamados "paladares" (restaurantes de até 12 lugares, assim chamados por alusão ao *Paladar* criado pela protagonista da novela brasileira *Vale Tudo*, de 1988-89). Duas mil licenças foram revogadas no ano seguinte e essas atividades passaram a ser mais intensamente fiscalizadas. O número de *cuentapropistas* urbanos caiu de 200 mil em 1997 para cerca de 140 mil em 2006. Mesmo contando os 150 mil trabalhadores agrícolas autônomos, representam pouco mais de 6% da população economicamente ativa, 75% da qual continua empregada pelo Estado.

A expectativa de "processo de reformas" de Raúl Castro e Carlos Lage, que o paternal chanceler Miguel Angel Moratinos, de uma Espanha ainda demasiado ansiosa para voltar a desempenhar o papel de metrópole, se disse disposto a apoiar, continua sem muita base nas ações reais da liderança cubana, ao menos nos termos em que o Ocidente quer imaginá-la.

Muito menos parece despontar no horizonte a "transição" esperada por Busi Júnior, para a qual já nomeou um "coordenador". Em parte, talvez, por culpa da própria estratégia estadunidense. Ao dar apoio incondicional aos exilados cubanos e sua exigência de restituição das propriedades perdidas no processo revolucionário, fechou as portas da esperança aos candidatos a novos capitalistas que poderiam surgir da sociedade

cubana ou do próprio Partido Comunista, como se viu na ex-URSS e no Leste Europeu: caso caísse o regime, quem ganharia seriam os exilados e não os burocratas do partido e do governo, muito menos os *cuentapropistas*.

Em seu livro *Depois de Fidel*, Brian Latell, ex-analista de Cuba para a CIA, afirma que Raúl pretende seguir o modelo chinês e vietnamita de abertura



ALTOS E BAIXOS. A economia resistiu à terrível crise dos anos 90 e se recupera

para o capitalismo sob controle do Partido Comunista. Embora Janette Habel, especialista em América Latina da Universidade de Paris VIII e autora de *Rupturas em Cuba*, tenha uma expectativa algo diferente. Observa que o modelo chinês implica o crescimento do desemprego, desigualdade e outras contradições sociais que Cuba não suportaria.

Cética sobre o Partido Comunista, que a seu ver não existe como instância de debate e formulação de políticas, Janette aponta as FAR (Forças Armadas Revolucionárias), pelas quais Raúl Castro é o responsável, como vetor de mudanças. Além de garantir a ordem, são uma potência econômica que investe no turismo, na agricultura, na indústria e nas telecomunicações e controla dois terços da economia (com o objetivo de conseguir recursos para sua missão de defender o país dos EUA).

Desde o final dos anos 80, com o apoio de Raúl Castro e, depois, também de Carlos Lage, as FAR promoveram um processo de aumento da produtividade e rentabilidade

em suas empresas que sua coesão e disciplina conseguiram levar a bons resultados, ao contrário do que ocorreu nas empresas civis. A Central dos Trabalhadores advertiu, porém, sobre os riscos de generalizá-la no plano social e agravar o desemprego em tempo de crise, sendo aparentemente apoiada por Fidel. Hoje, com a economia em melhor forma e a juventude pressionando por uma melhora dos padrões de consumo e por empregos correspondentes às suas elevadas qualificações, tais reformas podem voltar à agenda, na medida em que sejam compatíveis com a mentalidade militar, que inclui a defesa intransigente da soberania e das conquistas sociais do país.

As FAR constituem, além disso, uma instituição respeitada, não maculada por envolvimento na repressão (deixada ao Ministério do Interior), sobre cuja extensão não há consenso (*quadro Os Polêmicos números da repressão*, à pág. 30).

Resta, porém, o desafio de qualquer corpo de sucessores: mostrar capacidade de substituir a autoridade carismática que Fidel exerceu nos seus melhores anos por outra mais burocrática e rotineira, pois o comandante não deu espaço para o debate público, à crítica racional ou à ascensão de lideranças com brilho próprio. Ainda que não se possam negar os méritos de sua revolução, ela deixou muito a dever quanto à abertura de novos caminhos para a democracia e a participação popular. Será uma tragédia se essa deficiência levar a perder tudo o que foi conquistado no campo do combate ao imperialismo, do bem-estar social e da sustentabilidade ecológica. Apesar de tudo, é uma experiência com a qual o mundo, ante a perspectiva de esgotamento do petróleo, deterioração do ambiente e agravamento das desigualdades, tem muito a aprender. ■

Apesar de tudo, o mundo tem algo a aprender com Cuba sobre bem-estar e sustentabilidade

COMO MANTER MIAMI LONGE

REFLEXÃO Para o escritor Tariq Ali, a volta dos cubanos exilados destruiria o país

POR GIANNI CARTA, DE LONDRES



Tariq Ali, escritor, historiador e um dos editores da revista *New Left Review*, está acostumado a opinar sobre o destino de Cuba após Fidel Castro. O futuro de Havana lhe interessa profundamente, porque a Revolução de 1959, escreve o

ativista político no mais recente livro *Piratas do Caribe: O Eixo da Esperança* (que será lançado no Brasil em maio pela editora Record), “foi a nossa revolução”. Na obra, Ali defende a tese de que o eixo composto por líderes latino-americanos com inclinações ideológicas de esquerda representa uma alternativa à hegemonia global dos Estados Unidos.

Trocando em miúdos: o autor crê que, mesmo sem Fidel, Cuba estará secundada por Hugo Chávez e sua revolução bolivariana, a qual inclui Evo Morales, entre outros. Segundo ele, o motivo é que prevalece na América Latina uma mentalidade, por parte de líderes políticos como Chávez, que transcende a nação e visa o continente. “Mas isso não é suficiente para salvar Cuba”, afirmou Ali a *CartaCapital*.

Certas reformas, alega, precisam ser implementadas. E indaga: como preservar alguns dos ganhos reais da Revolução Cubana, entre eles o serviço de saúde, o sistema de educação, a existên-

cia de um nível de igualdade econômica mais elevado do que em qualquer outro país da América Latina? “Cuba não deveria ser uma economia neoliberal”, opina. A transição russa, que resultou em uma economia caótica, deveria servir de lição para Havana, acrescenta.

Ali vê com horror a “miamização” de Cuba, que receberia de volta os “cubanos fascistas” residentes na Flórida e “ainda ativos”. Se Miami se mudasse



Ali. Sua mais nova obra, *Piratas do Caribe*, sai no Brasil em maio

para Cuba, pondera, “todo o trabalho realizado desde 1959 seria destruído”. O historiador acredita ser “impensável uma invasão de Cuba patrocinada

pelos Estados Unidos, visto que haveria resistência”. E acrescenta, com ironia: “Creio que os americanos tentariam comprar a ilha, visto que têm dinheiro suficiente para dar para cada cubano 1 milhão de dólares”.

Sim, mas como tornariam cada cubano

milionário? “Eles não poderiam, claro, fazer isso diretamente. Precisariam, portanto, de uma ponte.”

Na Europa do Leste, afirma, essa ponte foi formada por ex-membros do Partido Comunista. Na Rússia, idem. E quem fará o mesmo em Cuba? Talvez facções do Partido Comunista Cubano, ou do Exército. “Essa é a grande questão”, considera.

Embora Ali veja aspectos positivos perpetrados por Fidel, ele está longe de ser acritico em relação ao regime cubano. Ele lamenta o fato de Fidel ter centralizado debates em todas as áreas. Isso explicaria o fato de, agora, num momento de transição, o país estar em estado de confusão.

A falta de senso crítico por parte das massas não se deve somente à ausência de debate num país onde a mídia é censurada, mas também devido a “Brezhnevização” de Cuba, argumenta Ali. De fato, em *Piratas* ele escreve que os primeiros “desvios” de Havana foram “dormir com um gordo e feio burocrata chamado Brezhnev”, e ter defendido a invasão da Tchecoslováquia pelo Pacto de Varsóvia.

“Eles (cubanos) nunca se tornaram completamente acriticos como a vasta maioria dos habitantes do Leste Europeu”, esclarece Ali. “Mais da metade da população de Cuba não desenvolveu, porém, um espírito crítico.” Segundo o historiador, os livros escolares não são concebidos para encorajar os estudantes a pensar de forma crítica.

Ali condena a maneira como o poeta Heriberto Padilla foi tratado pelo regime que nutria preconceito contra gays, à maneira soviética. Ao contrário de Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre, estes entre os signatários de uma carta aberta em 1971, Ali fala de uma divisão entre os defensores da revolução: os que continuaram a apoiá-la, embora críticos, e aqueles já enveredando por novos caminhos, e para os quais o caso Padilla serviu de gota d’água.

Após ter feito críticas a Cuba para um grupo de intelectuais e escritores, em Havana, no fim de 2005, Ali pondera: “Agora somos velhos. Precisamos uns dos outros. É o amor no tempo do cólera”. ■

HAVANA ESMIUÇADA

ENTREVISTA O legado, o futuro e o significado de Fidel Castro e da revolução analisados pelo historiador José Jobson Arruda

A SERGIO LIRIO



Fidel Castro e Cuba têm o dom de transformar uma porção expressiva da intelectualidade brasileira em *hooligans*, à direita e à esquerda. Ama-se ou odeia-se, de forma inquestionável, o comandante, e os resultados do regime, sem nenhuma concessão às

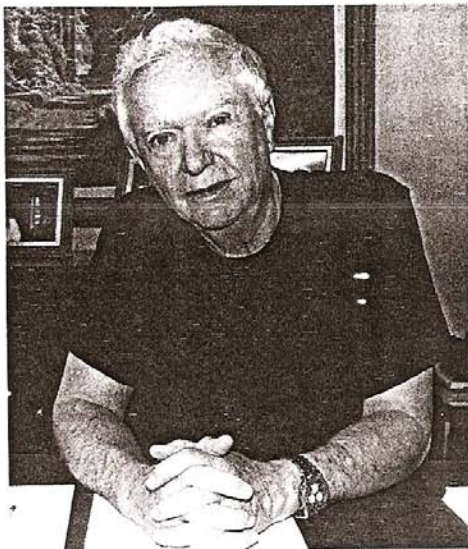
nuances. O historiador José Jobson de Andrade Arruda é um raro pensador capaz de produzir uma argumentação equilibrada sobre o tema. Professor titular da USP e da Unicamp, e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da Universidade Sagrado Coração, Arruda faz uma arguta reflexão sobre o significado do afastamento de Fidel nesta entrevista à *CartaCapital*.

CartaCapital: O que significa na prática o anúncio de Fidel Castro?

José Jobson de Andrade Arruda: De imediato, muito pouco. A médio prazo, pode significar muito. A estrutura de poder montada há décadas permanece inalterada e já foi, de certo modo, testada nos 18 meses em que Raúl Castro assumiu de fato o comando do país. No próximo quinquênio, as coisas certamente mudarão. Raúl não é jovem, entrará na casa dos 80 anos em breve. Além do mais, é preciso considerar os interesses divergentes da jovem guarda cubana, um segundo escalão ansioso por assumir as rédeas do governo. Significará luta pelo poder, que abrirá espaço para que os descontentamentos se precipitem, que as resistências apareçam de maneira mais ampla e não pontual.

CC: O regime é capaz de subsistir sem a presença física de Fidel?

JJAA: O regime subsistirá sem Fidel, mas não por muito tempo. Enquanto tiver vida, ele continuará a ser o gestor de



JULIO FURTADO/USC

CC: Cuba caminha para uma transição ao estilo chinês ou para um esfacelamento nos moldes do Leste Europeu?

JJAA: O modelo chinês está no horizonte de expectativa das lideranças cubanas no momento. Seria a conciliação ideal: preservar o poder no âmbito restrito do Partido Comunista Cubano e acelerar a abertura econômica, rumo à introdução da economia de mercado, um socialismo de mercado, se quiséssemos sintetizar e rotular a experiência chinesa. Mas Cuba não é a China. A minúscula ilha sobrevive graças aos esforços inauditos de sua população. A China é um gigante, com massa populacional enorme que pode ser explorada por longo tempo em favor da permanência do regime comunista no poder. O histórico das relações Cuba-Estados Unidos é desfavorável aos cubanos e mudará pouco se o regime de liberdade das ditas democracias liberais não for instalado na ilha. A China, ao contrário, está inex-

tricamente atada aos Estados Unidos, e a aproximação via laços de mercado globalizado tenderá a se estreitar ainda mais. Os choques político-ideológicos tipo Guerra Fria estão sepultados, e somente aparecem como escaramuças tênues. Na verdade, são uma cortina de fumaça palatável aos dirigentes chineses, que podem assim reafirmar alguns de seus pressupostos ideológicos mais caros.

“ Os êxitos não rublaram o exercício autoritário do poder ”

travemente atada aos Estados Unidos, e a aproximação via laços de mercado globalizado tenderá a se estreitar ainda mais. Os choques político-ideológicos tipo Guerra Fria estão sepultados, e somente aparecem como escaramuças tênues. Na verdade, são uma cortina de fumaça palatável aos dirigentes chineses, que podem assim reafirmar alguns de seus pressupostos ideológicos mais caros.

CC: A perspectiva, então, é que ocorra algo semelhante ao que aconteceu com os países do Leste Europeu?

CC: A perspectiva, então, é que ocorra algo semelhante ao que aconteceu com os países do Leste Europeu?

JJAA: Caso a experiência do passado possa servir como uma bússola para o futuro – e a experiência muitas vezes serve somente para reavaliarmos o próprio passado, jogando poucas luzes sobre o futuro –, o sentido da trajetória cubana aponta mais na direção do que se passou no Leste Europeu após o colapso da União Soviética e as Revoluções de 1989. Isto é, a instalação de um regime democrático e liberal com rápida transição para a economia de tipo capitalista.

CC: O sucesso da revolução realmente dependia da longa permanência de Fidel no poder?

JJAA: Fidel permaneceu oficialmente no poder por 49 anos e três dias. Mas sua presença é mais longa, pois impregna o imaginário de gerações desde o assalto ao quartel de Moncada, em 1953. Nesse momento, eu tinha apenas 11 anos, nem desconfiava o que era uma revolução, mas fiquei de ouvidos colados no rádio, atraído pelas peripécias de um grupo de jovens idealistas, e torci por eles, mesmo sem saber o que significava. Mais tarde, estudante de história, professor universitário, assumi de corpo e alma muitas de suas propostas na expectativa de um mundo melhor, e não fui o único. Sua opção por consolidar internamente o processo revolucionário foi uma decisão acertada, que exigia certa postura conciliatória, mas que não era original, pois fora também a opção de Lenin na Revolução Russa. É exatamente

o oposto de Che Guevara, que se tornaria o herói de muitos mundos, incandesceria a imaginação de gerações até se tornar objeto de consumo na sociedade globalizada, certamente inspirada em Trotski, que desejara levar a revolução comunista o mais rapidamente possível a todos os países que apresentassem condições mínimas para aclimatá-la. Fidel tornou-se, portanto, marca forte, imagem forte, sinônimo de crítica permanente ao sistema hegemônico. Mas não escapuliu à velha máxima da revolução devoradora de seus filhos. Se não teve o destino trágico de um Robes-

pierre, guilhotinado, teve sua imagem erodida pela história que impunha sacrifícios pungentes de uma sofrida população que, no início, aderira com entusiasmo ao ideário da revolução. Os êxitos incontestáveis no plano educacional, no campo da saúde pública, não foram suficientes para nublar o exercício autoritário do poder, da repressão aos dissidentes, em suma, da falta absoluta de direitos civis e políticos. E, gradativamente, o mito vivo com sinal positivo vai se transformando em mito vivo com sinal negativo, o que é certa-



“A retirada dos mísseis foi uma vitória de Pirro para Kennedy”

mente uma pena, sobretudo para os que comungaram com a fase épica da Revolução Cubana. Os ditadores não abrem mão do poder. Na maioria dos casos, isso é sinal de suicídio, literalmente.

CC: De que forma a Guerra Fria influenciou os rumos da Revolução Cubana?

JJAA: A Guerra Fria foi decisiva na orientação do processo revolucionário cubano. Cuba era a ponta de lança que a União Soviética tinha no quintal dos Estados Unidos. Tornou-se a contrapartida da Turquia, nas fronteiras com a URSS. Sabe-se hoje que o êxito de Kennedy na retirada dos mísseis instalados em Cuba foi uma vitória de Pirro, pois a concessão maior foi a retirada dos mísseis de alcance médio instalados nas bases turcas, que incomodava Krushchev e os generais do Kremlin. Isto ex-

plica a sustentação financeira da Revolução Cubana pelo dinheiro soviético, pelo fornecimento de petróleo a preços simbólicos e a compra de açúcar cubano por preços extorsivos. Historiador não deve raciocinar por hipótese, mas, se cedéssemos à tentação, seria possível afirmar que, sem o contexto da Guerra Fria que gera dois imperialismos, o norte-americano e o soviético, competindo pela hegemonia mundial, dificilmente Cuba teria sobrevivido sob o regime comunista, e a longevidade de Fidel Castro não estaria sendo lembrada na oportunidade de sua abdicação ao poder.

CC: De que maneira o cenário político latino-americano teria evoluído se não tivesse ocorrido a revolução em Cuba?

JJAA: A Revolução Cubana marcou indelevelmente o cenário político e ideológico latino-americano. Seus ecos são audíveis com nitidez na trágica experiência chilena. Reverberam nas iniciativas de João Goulart. São o paradigma negativo que sustentou o golpe de 1964 entre nós. Mas não pensemos que a trajetória

havida na América Latina teria sido diferente, uma alternância permanente de regimes mais à esquerda ou mais à direita, mais democráticos ou mais autoritários, que remetem a dificuldades estruturais inatas de antigas colônias que se tornaram Estados Nacionais, libertos das peias do imperialismo do mercantilismo para ser lançados à arena da história nas malhas do imperialismo do comércio livre, uma trajetória incompleta, pois se enreda nas artimanhas do novo imperialismo financeirista, sob disfarce naturalizado da globalização.

CC: Como a ilha de Fidel afetou as relações entre os Estados Unidos e o resto do continente?

JJAA: A revolução forçou os Estados Unidos a prestarem mais atenção à América Latina. A experiência cubana foi o sinal de alerta, a sinalização de que a fase em que os norte-americanos nadavam de braçadas na região havia passado. Em que a Doutrina Monroe não mais ecoava com tanta facilidade. A po-

Nosso Mundo

lítica externa dos Estados Unidos doravante passou a ter um vezo ideológico mais forte. Todas as medidas de auxílio financeiro estavam condicionadas a este objetivo. No fundo, aplicaram-se muito mais a aparelhar os órgãos de controle de repressão social e política, com efeitos danosos sobre os países em que foram aplicados, marcas indeléveis do exercício abusivo de poder.

CC: E a influência sobre a esquerda?

JJAA: É difícil avaliar os efeitos sobre o pensamento de esquerda em escala mundial. Considerando-se a clivagem ideológica intensa do período da Guerra Fria, a correta avaliação dos argumentos fica sensivelmente prejudicada, na perspectiva do rigor exigido pela análise histó-



“Cuba não é a China. Sobrevive pelo esforço da população”

ca. De qualquer forma, o evento alimentou, de forma densa e demorada, os argumentos com que se esgrimiam os dois lados. Pensando-se exclusivamente no espaço da América Latina, o ideário resultante da Revolução Cubana, teve um

papel positivo, por incorporar ao imaginário político e social a possibilidade de uma alternativa até então inexistente, pois a experiência da Revolução Russa e da comunização do Leste Europeu pareciam coisas distantes de nosso continente e de suas tradições culturais.

CC: Qual é a comparação possível entre Fidel e Hugo Chávez?

JJAA: A comparação está mais para a caricatura do que para a historicidade. O mimetismo chavista em relação ao fidelismo é evidente. Os longos discursos sem a mesma verve, o histrionismo, os ataques frontais aos Estados Unidos, que, paradoxalmente, consomem a maior parte de seu petróleo. Nesse sentido, o do chavismo, trata-se de uma espécie de ópera-bufo. Mas Chávez tem o petróleo que seu grande mestre não possui. E isto faz toda a diferença. Dá-lhe maior capacidade de ação política na difusão de suas idéias. As relações com Morales, Uribe, são um exemplo. Mas lhe falta, na comparação, o essencial. Fidel tinha, e ainda tem, carisma, qualidade inata que pode aflorar se a história cria o momento propício. Chávez pode ter esse momento, mas lhe faltará sempre o carisma do revolucionário de Sierra Maestra. Não incendiará imaginários, não criará sonhos, nem fantasias. Um sargento de pelotão.

CC: Fidel é um pensador marxista coerente ou um líder de esquerda que adapta o discurso marxista de acordo com as necessidades práticas do momento?

JJAA: É coerente, sim. A tal ponto que pode ser chamado de dinossáurico. O que, no meu entender, é positivo. Gosto da frase de Niemeyer repetida por Fidel, de que é preciso ser conseqüente até o fim. Mas também entendo que a coerência absoluta em toda uma trajetória de vida não é um dom pessoal. É mais uma dádiva da história. A letargia em que se meteu a história cubana facilitou a coerência, e, se houve pequenas adaptações, elas permaneceram enredadas na lógica da base de sua matriz original. Nesse aspecto, o da coerência, Fidel foi auxiliado pelos Estados Uni-



“Sempre faltará (a Chávez) o carisma do mestre”

dos, que, ao adotarem o embargo que dura 46 anos, contribuíram para que uma das tônicas marcantes de seus discursos permanecesse inalterada, a responsabilização do bloqueio e, portanto, dos Estados Unidos pelas mazelas cubanas.

CC: A que atribuir a sobrevivência do regime cubano, enquanto todos os outros inspirados no marxismo — exceção possível da Coreia do Norte — caíram ou se transformaram, na prática, em sociedades capitalistas?

JJAA: A sobrevivência do regime cubano deve-se mais aos seus fracassos do que aos seus

êxitos, à semelhança do regime coreano. Se o êxito é sinônimo de desenvolvimento econômico, distribuição equitativa de renda, melhora nos padrões da existência cotidiana, progresso cultural e científico, significa que se Cuba o tivesse alcançado plenamente, não pontualmente, as transformações sociais e as necessidades de liberdade política e direitos sociais por ela carregada teriam sido inevitáveis e, em decorrência, o regime talvez não tivesse sobrevivido por longo tempo. A letargia histórica alonga a temporalidade.

CC: A centralização e a personalização do poder podem ser explicadas de que forma? Falta de liderança, o personalismo de Fidel, tendências estruturais do modelo adotado?

JJAA: A questão contém a essência da resposta. Um mix de tudo isso. Primeiro, é impensável, em regimes comunistas, a dispersão do poder. A centralização absolutizada é a sua marca. Segundo, pela personalidade, já dita, excepcionalmente carismática de Fidel Castro que, por desdobramento, tenderia a esmaecer as figuras que o circundavam. Se assim não fosse, seria pela lógica da preservação do poder, que exige o eclipsamento de todos aqueles que, por algum motivo, venham a ganhar realce. Poder só se divide se não é possível retê-lo de modo unívoco. ■

O SOCIALISMO VAI RESISTIR

MUNDO Os analistas concordam em um ponto: até o castrismo permanece

POR CYNARA MENEZES



Nenhum analista político ao redor do mundo arriscou-se a cravar um palpite sobre o que acontecerá exatamente com Cuba após a renúncia de Fidel Castro. Irá se democratizar? Se renderá aos Estados Unidos e à economia de mercado? O único aspecto em que as opiniões convergiram é que o socialismo na ilha não acabará com a saída de Fidel. Nem mesmo o castrismo, ao menos não num primeiro momento.

As mudanças virão, mas lentamente, e o futuro mais especulado para a Cuba pós-Fidel é que parta de vez para o modelo chinês de "Perestroika sem Glasnost" (abertura econômica sem abertura política), como se dizia na década de 1990 em comparação ao que aconteceu com o modelo soviético.

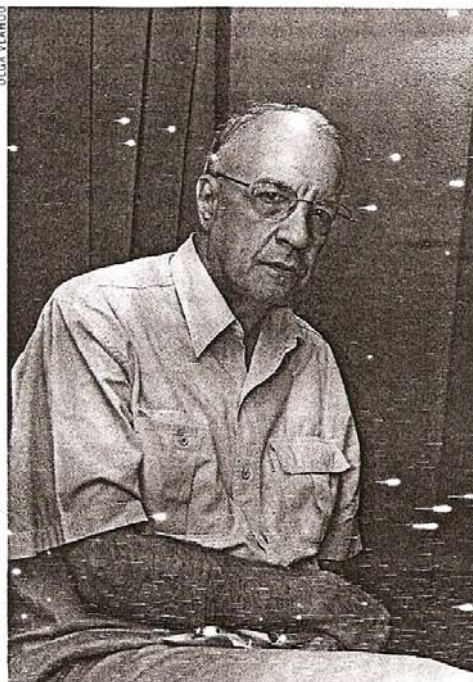
Nos principais jornais do mundo, a notícia da renúncia foi recebida com a acidez de praxe quando se trata de Fidel Castro, mas também com certa reverência à figura do velho líder revolucionário, aliada a uma boa dose de incerteza diante dos possíveis cenários que se descortinam para Cuba.

"O eclipse de um mito", disse o francês *Le Monde* em editorial, prevendo que a renúncia não trará câmbios imediatos, mas que a ausência da figura imponente de Castro pode encorajar os jovens a reagir. "Os diques poderão ceder diante da impaciência de uma juventude que, já faz tempo, não crê mais no mito", afirmou o diário.

Outros jornais mostraram-se aparentemente pouco preparados para lidar com a notícia, previsível e ao mesmo

tempo surpreendente, no sentido de que Fidel não deixou o poder com a morte. Houve uma espécie de antecipação dos obituários já preparados, mas as análises, com o afastamento do comandante em vida, perderam o sentido.

O *New York Times* clamou Washington a encorajar uma transição pacífica para a democracia, começando "a falar diretamente com os políticos e o povo de Cuba". O espanhol *El País* apostou que Raúl Castro fará mudanças, mas não se sabe em que ritmo. "Qualquer fórmula que não conduza à democracia plena na ilha se converterá num beco sem saída", advertiu em editorial.



SADER. O desafio é enfrentar o empobrecimento do povo

Para Emir Sader, professor de Políticas Públicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Cuba vive um bom momento, com a descoberta de petróleo e os acordos firmados com a China e a Venezuela, mas seu desafio agora é enfrentar as demandas pendentes, sobretudo em relação ao empobrecimento da população.

"Há também a questão das proibições excessivas, que o próprio Raúl Castro andou criticando", diz Sader. "Mas não se coloca a hipótese de acabar com o regime socialista. Até porque, para os cubanos, não é como aconteceu com os habitantes do Leste Europeu, que sonhavam que seus países se tornassem uma França ou Alemanha. A perspectiva para Cuba sem o socialismo é ser um Haiti, o que ninguém por lá deseja."

Sader não acredita em um substituto único para Fidel, como o sempre lembrado vice Carlos Lage Dávila. "Ali não tem Pelé, vão precisar de uma equipe."

"Não tenho dúvida de que Carlos Lage é o homem mais forte para assumir o poder", discorda o ex-embaixador brasileiro em Cuba, Tilden Santiago. "Ele é muito dedicado e querido pelo povo, simples, costuma andar de bicicleta por Havana."

Mas Tilden concorda com Sader de que uma guinada fora do eixo socialista é praticamente impossível. "Acredito em uma mudança à maneira cubana, ou seja, a partir do que já conquistaram. O primeiro passo de Raúl no poder, tenho certeza, será assegurar que se haverá mudanças se preservado esse objetivo central pelo socialismo", avalia.

A influência de Castro sobre o novo governo, mesmo afastado dos cargos de presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros, é tida pelos analistas internacionais como certa. A ponto de a imprensa norte-americana definir o novo cargo do comandante-em-chefe, em tom de troça, como "comentador-in-chief", ou um dirigente disposto a dar palpites em tudo.

Nosso Mundo

"A decisão de afastamento não é maquiagem, está ligada à debilidade física, com conseqüências políticas também", contrapõe Tullo Vigevani, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e integrante do Grupo de Análise da Conjuntura Internacional (Gacint) da USP.

"Acho que Fidel quis mesmo facilitar a ascensão de outros dirigentes, não só de Raúl. Houve uma razoável renovação no Partido Comunista Cubano (PCC), gente jovem que terá interesse em participar do processo", avalia Vigevani.

Para o especialista, não há elementos para se pensar em ruptura radical em Cuba no curto prazo. "O grupo dirigente vai manter o controle. Talvez a renúncia desencadeie novos elementos, pode haver certas fricções na cúpula, mas nada disso é certo. Todas as mudanças, ao menos inicialmente, serão feitas sob o controle do PCC", acredita.

O advogado Itobi Alves Correia tinha 27 anos quando chegou a Cuba, em 1970,

como militante da organização clandestina Ação Libertadora Nacional (ALN) foragido da ditadura militar brasileira. Viveu na ilha até 1972, lá esteve em outras duas ocasiões e desde então acompanha o processo. Para ele, Fidel sai de cena, faz a própria sucessão, mas não será capaz de segurar as reações que seguramente virão. "Toda mudança implica um movimento que leva a sociedade a se posicionar. No caso de Cuba, creio que se exigirá maior liberdade individual, a saída do isolamento e até reatar relações com os Estados Unidos", opina. "Quanto ao socialismo, está bem implantado e me parece bem-aceito pela população. Não foi só a força e a repressão que segurou o regime, há adesão ao projeto."

No domingo 24, o novo Parlamento, eleito em 20 de janeiro, se reunirá em Havana para decidir quem assumirá a presidência do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros, acumuladas até julho de 2006 por Fidel Castro. Biógrafo de Che Guevara e autor de um perfil de Fidel, o jornalista norte-americano Jon Lee Anderson acredita que Raúl Castro ocupará boa parte dos cargos, mas inventará uma maneira de compartilhá-los com a cúpula do Partido Comunista, Carlos Lage Dávila à frente.

"O aspecto mais impor-



ZAMORA. Sem imitar a China

tante da renúncia de Fidel é que coloca o cubano para refletir sobre o futuro, torna mais agudo o fato de que Cuba já não é o país sem relógio, que tem um tempo próprio, o que é parte de seu encanto e ao mesmo tempo seu maior dilema. Ficou a mensagem de que isso está acabando", analisa Anderson. "Além disso, a saída de Fidel vai aumentar a pressão midiática e política em torno da necessidade de mudanças, embora Fidel tenha sido precavido. É a transição mais adestrada que já vimos. Não é a agonia lenta que vimos na Espanha de Francisco Franco."

Apesar de também não crer no abandono do regime socialista, o jornalista aponta um fator que será importantíssimo nos rumos da ilha a partir de agora: o resultado das eleições nos EUA. Mesmo com as péfias declarações públicas de Barack Obama em relação ao afastamento de Fidel, similar as feitas pelo concorrente republicano John McCain, Anderson acredita que, fora do calor da campanha, eleito presidente, o

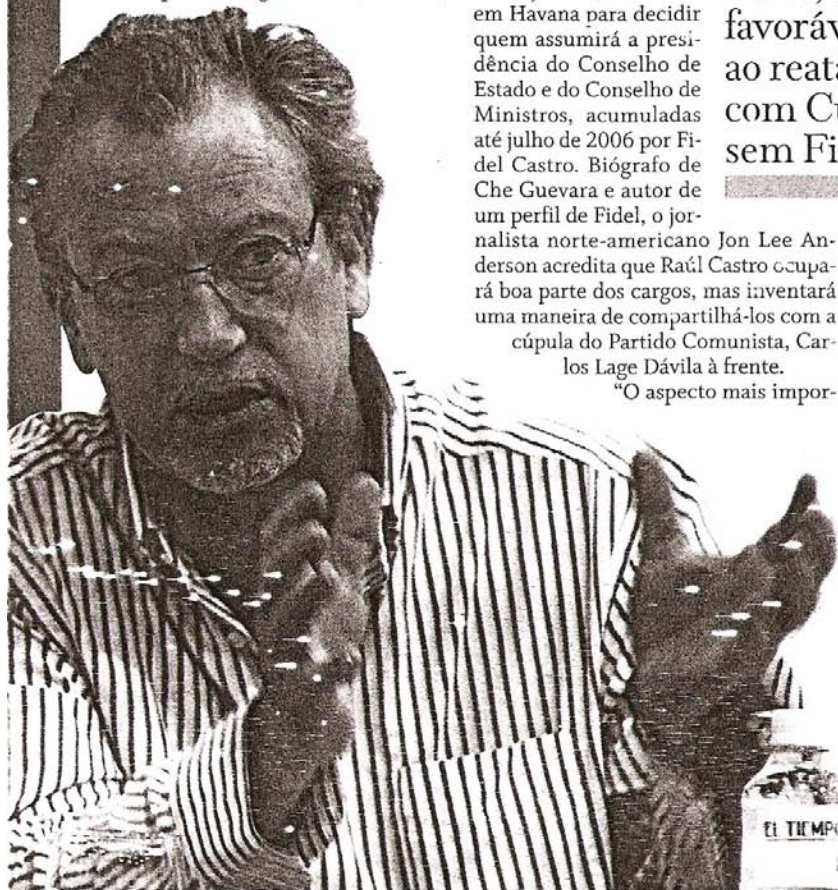
democrata seria muito menos refratário ao reatamento de relações com Cuba. "Ele é o primeiro candidato a presidente que disse que se sentaria para conversar com o líder cubano. Ganhando a eleição, Obama pode ir pela distensão", aposta.

O professor de Relações Internacionais nicaraguense Augusto Zamora, hoje docente na Universidade Autônoma de Madrid, acompanha o processo cubano desde os anos 80. De lá para cá, visitou a ilha anualmente, como professor-visitante da Universidade de La Habana. E descarta completamente a adoção de um modelo socialista à chinesa pela ilha. "Isso seria o mesmo que dizer que a China poderia adotar um modelo caribenho. Eles são chineses, nós somos latino-americanos. Há coisas que só os chineses podem fazer. Trabalhar 20 horas

ANDERSON.
Não é a agonia
lenta da Espanha

por dia, por exemplo. Nós não fazíamos nunca", diz Zamora. ■

Obama, enfim eleito, seria favorável ao reatamento com Cuba sem Fidel



WILLIAM FERNANDO MARTINEZ/AP

ANEXO B

Revista Época

Época
n.510, fev. 2008

PER
10610708

istas
abrem o ponto
mulheres

EXCLUSIVO: os contratos
suspeitos de uma fundação de
Brasília com prefeituras do PT

A REVISTA DE QUEM TEM OPINIÃO

ÉPOCA

www.epoca.com.br

COMPRAR DE PESSOALMENTE
VENDA PROIBIDA
R\$ 7,90 (R\$ 5,10)
25 DE FEVEREIRO, 2008

Depois de Fidel

Estamos diante
de uma segunda
revolução cubana?

DA REDAÇÃO

A nossa comunidade

Nós – jornalistas e leitores da comunidade ÉPOCA – temos um encontro marcado toda semana na edição impressa da revista. E estamos juntos a todo instante na internet, em www.epoca.com.br. Comandada pela jovem editora Leticia Sorg, a equipe de nosso site viveu na semana passada um fascinante desafio jornalístico. Eles tiveram de lidar, em tempo real, com uma das notícias mais relevantes dos últimos tempos: a renúncia do ditador cubano Fidel Castro, depois de 49 anos no poder.

Apresentamos imediatamente o vídeo em que Fidel anunciava sua renúncia. Em seguida, relacionamos uma série de links para textos e reportagens e fizemos uma extensa análise dos desdobramentos da notícia. Pudemos também debater, juntos, o fim da era Fidel. E publicamos ainda, com exclusividade, um texto da blogueira cubana Yoani Sánchez, de 32 anos. Yoani desafiou a censura oficial cubana para descrever a esperança de uma geração que quer Cuba sem Fidel. “Nas ruas, tudo segue como antes, mas na intimidade dos lares as garrafas de rum se desenvolvem e as crianças pequenas perguntam quem é esse senhor de que falam os adultos, e que eles já não conhecem”, diz Yoani.

(Leia a íntegra de seu texto em www.epoca.com.br.) Nesta edição da revista, também trazemos um extenso material analítico e histórico sobre Fidel, com destaque para um artigo exclusivo produzido para ÉPOCA pelo poeta cubano Raúl Rivero, exilado em Madri (leia na página 84).

Ainda na semana passada, pudemos ler em primeira mão em nosso site uma entrevista exclusiva com o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Nela, Kassab deixa claro que ainda é cedo para tirá-lo do páreo na disputa pela Prefeitura paulistana nas eleições deste ano. A entrevista de Kassab ganhou intensa repercussão em blogs e outros sites, pois a disputa pela Prefeitura de São Paulo tem uma importância estratégica para a sucessão presidencial, daqui a dois anos. É um tema de que já tratamos em diversas reportagens publicadas em nossa edição impressa.

Nossa comunidade é assim: ora estamos em nosso site descobrindo e debatendo as últimas notícias, ora estamos na revista, interagindo de outra forma. Um meio completa o outro, um ajuda o outro, um ilumina o outro. ÉPOCA é ambos.

HELIO GUROVITZ
Diretor de Redação



DESAFIO
Leticia (à frente) e a equipe do site de ÉPOCA. Eles têm um encontro marcado com os leitores a qualquer instante



A reportagem de capa da última edição de ÉPOCA mostrou que o turismo espacial é um sonho cada vez mais realizável

As viagens para fora da Terra

Poucos anos atrás, jamais poderíamos pensar em viajar pelo espaço, ver a Terra e seus planetas vizinhos. Agora, por acaso, em outra reportagem, falou-se da existência de produtos sólidos na superfície de Titã, lua de Saturno. Transformados em combustíveis, eles dariam mais que todo o existente na Terra. Vamos fazer um tubo de transporte para lá no futuro?

Marcos Luiz Silva, Campo Grande, MS

Um recall disfarçado

A solução da Volkswagen para evitar que os donos do Fox percam parte do dedo na hora de rebater o banco traseiro foi assunto de ÉPOCA (509/2008)

Chorei ao ler o texto 'Prêmio para a angústia', sobre Amy Winehouse. A reportagem traduziu tudo o que eu sentia. Rezo a Deus para que a mantenha viva. Sua voz é capaz de virar do avesso meu coração

Luciano Lazaro, Belo Horizonte, MG

CARTA DA SEMANA

Foto: Frederic Jean/ÉPOCA

MUNDO CUBA



Cuba sem Fidel

ÍCONE
Fidel Castro deixou
o poder depois de
quase 50 anos. Cuba
perde seu maior
valor: o de símbolo
da esquerda

Mesmo velho e doente, o mais antigo ditador do mundo escolhe a hora e a forma de deixar o poder. Agora, Cuba tem pela frente o desafio de escolher um futuro de reformas ou aferrar-se ao modelo comunista instalado há quase 50 anos

MARCELO MUSA CAVALLARI, RICARDO AMARAL E THOMAS TRAUMANN

UMA ILHA NO CARIBE, DO TAMANHO de Santa Catarina e com o PIB menor que o da Bahia, tornou-se, na semana passada, o epicentro de um furacão mundial, com tremores de alívio e tristeza sentidos em todos os continentes. O furacão leva o nome de Fidel Castro, de 81 anos, 1,91 metro de altura, o maior sobrevivente da história política mundial. O comunista Fidel resistiu a 638 tentativas de assassinato, nas contas do regime cubano, a dez presidentes americanos e a cinco papas. De cada dez cubanos vivos, sete só conheceram um líder. Prolixo, barbudo, de carisma irrefutável, um amante de charutos, mulheres e beisebol (*leia mais à pág. 86*), Fidel era o chefe de governo mais antigo do mundo até a terça-feira, quando decidiu deixar a Presidência após 49 anos para se tornar, como escreveu em sua carta aberta, “um simples soldado no campo das idéias”. Sua renúncia abriu um riquíssimo debate sobre o abismo entre os sonhos e a realidade da revolução que derrubou o ditador Fulgencio Batista em janeiro de 1959. Mas, sobretudo, o ato inesperado de Fidel, ao deixar voluntariamente o palco por fraqueza física, deixa no ar uma interrogação principal e abre um leque de dúvidas: estaríamos diante de uma segunda revolução cubana? Seu irmão Raúl Castro ou algum dos homens fortes da ilha teriam autonomia para abrir a economia de Cuba, seguindo o modelo adotado pela China, que mantém a censura e o controle político inalterados? Será que a liberdade de expressão em Cuba deixará em algum momento de ser vista como golpista, burguesa e anti-revolucionária? O atraso do país e a decrepitude das regras estariam com os dias – ou os anos – contados? Após meio século de ditadura, como se comportará Cuba daqui para a frente? O que acontecerá com o embargo americano, em vigor há quase 46 anos?

Nos bastidores, Fidel não conseguiu cumprir seu voto de silêncio de dez dias após a renúncia. Diante da onda de especulações sobre uma eventual volta do capitalismo a Cuba, escreveu na sexta-feira uma mensagem sob o título “Reflexões do companheiro Fidel”. Em sua carta, publicada no diário oficial do Partido Comunista, o *Granma* – que significa *grandmother* ou avó, em inglês –, Fidel esfriou os ânimos dos assanhados por mudanças significativas em curto espaço de tempo. “(O presidente dos Estados Unidos George W.) Bush disse que minha mensagem (*de renúncia*) era o início do caminho da liberdade de Cuba, ou seja, a anexação.” Mesmo acamado por 19 meses

para se recuperar de grave doença intestinal, Fidel não abandona a retórica antiimperialista do comandante-em-chefe que se apegou ao cerco à ilha quase como se fosse uma medalha de guerra. Fidel pode ter pendurado as botas e o boné militares, e relegado ao cabide do armário a farda impecável sem vincos, mas, enquanto não morrer, continuará, mesmo de moletom na cadeira de balanço, cofiando a barba branca e destilando sua ironia contra a potência vizinha. “Meio século de bloqueio parece pouco aos prediletos. Mudança, mudança, mudança!, gritavam em uníssono. Estou de acordo, mudança!, mas nos Estados Unidos. Cuba mudou e seguirá seu rumo dialético”, escreveu Fidel. O comandante aposentado afirmou que os cubanos não retornarão jamais ao passado, “antes da vitória na revolução de 1959”. Apesar da absoluta fragilidade, o agora ex-ditador cubano escreveu como se estivesse num front de batalha: “É preciso abrir fogo ideológico sobre eles (*os americanos*)”.

Os abalos provocados pela renúncia de Fidel se fizeram sentir na campanha para as eleições nos Estados Unidos. Com mais de 1 milhão de cubanos exilados no país, a maioria na Flórida, os pré-candidatos democratas Barack Obama e Hillary Clinton, mesmo relutantes, foram impelidos a reagir. Obama se disse favorável à suspensão do embargo comercial a Cuba; e Hillary preferiu defender o relaxamento gradual do bloqueio. A condição exigida pelos dois é que haja reformas democráticas na ilha. O republicano John McCain, fiel a seu eleitorado, mantém a política atual, de só se aproximar de Cuba após o fim formal do castrismo. O embargo, em vigor desde

O atraso do país e a decrepitude das regras estariam com os dias contados?

1962, quando as propriedades de empresas americanas na ilha foram confiscadas sem indenização pelo governo de Fidel, não é responsabilidade de Bush. Nem de nenhum presidente. É a lei Helms-Burton (senador Jesse Helms e deputado Dan Burton, ambos republicanos), aprovada pelo Congresso, que impõe o bloqueio. Mas, “quando o Congresso perceber que não existe unanimidade sobre o bloqueio, a política do embargo perderá a razão de ser e será anulada”, diz Silvia Wilhelm, que dirige a Comissão Cubano-Americana para os Direitos da Família. Isso só acontecerá se um democrata for o novo presidente dos EUA depois das eleições de novembro.

A resistência e a inflexibilidade já folclóricas de Fidel não impedem o mundo de discutir o futuro de Cuba. Raúl Castro, interino no poder desde que seu irmão mais velho se submeteu a uma cirurgia, em julho de 2006, já deu vários sinais de que pretende retomar as reformas em direção a um regime ▶

Foto: Stringer/Reuters

25 DE FEVEREIRO DE 2008 | REVISTA ÉPOCA | 81

misto de controle político com economia de mercado. Não se pode esperar demais de Raúl. Em julho, ele abriu um debate sobre as deficiências da economia cubana. Defendeu “modificações estruturais e conceituais”. Mas o irmão mais novo de Fidel, conhecido como El Chino, com seus olhos puxados, não é um democrata. Já pertencia à Juventude Comunista quando Fidel ainda cultivava apenas idéias nacionalistas de esquerda.

“Raúl não é um Gorbachev”, diz o diretor do Instituto de Estudos Cubanos e Cubano-Americanos da Universidade de Miami, Jaime Suchlíki, referindo-se ao presidente que abriu a economia e instituiu a democracia na ex-União Soviética, agora Rússia. O professor de Miami acredita que a abertura será lenta. “Cuba não vai abrir completamente o mercado para investimentos estrangeiros, para a iniciativa privada. Há oportunidades no turismo, na indústria petrolífera e na extração de níquel. Mas ninguém vai abrir uma fábrica de sapatos em Cuba, porque eles não têm dinheiro para comprar sapatos”, afirma Suchlíki. Ainda é uma incógnita como o sucessor de Fidel se comportará. Na ilha, a pressão por abertura aumenta à medida que a população convive com o sistema de “dupla economia”: socialismo estatal e setores “capitalistas” como turismo e petróleo. Nos anos 90, o governo permitiu a instalação de restaurantes familiares – os paladares –, mas em pouco tempo Fidel restringiu essas pequenas empresas, cobrando impostos altos e limitando o número de mesas.

Um dos pioneiros dessa atividade falou a ÉPOCA em janeiro. Seu restaurante chegou a empregar 20 funcionários e a faturar US\$ 750 por semana – uma fortuna para os padrões cubanos. “Ernesto” (nome fictício) fechou o negócio, mas juntou dinheiro suficiente para deixar o país. Aguarda a direção dos ventos para tomar sua decisão. “Queremos ter o direito de abrir nosso próprio negócio – algo que em Cuba é privilégio das empresas estrangeiras – e que o Estado mantenha seus serviços no que ele é bom”, disse Ernesto. “Nenhum cubano quer que aconteça aqui o que houve na Alemanha ou

na Rússia, não queremos o capitalismo selvagem.” A unificação da Alemanha pôs fim à Alemanha Oriental comunista. A Rússia viveu uma transição rápida e caótica para o capitalismo. Até mesmo enquadrar o futuro de Cuba ao “modelo chinês” parece uma aposta arriscada. A China, depois da morte do fundador da China comunista, Mao Tsé-tung, em 1976, começou a reformar a economia. Hoje, convivem no país uma espécie de capitalismo selvagem tutelado pelo Estado e uma ditadura comunista feroz.

“A China é um país comunista, mas as pessoas têm liberdade para ganhar muito dinheiro e comprar carros, celulares”, disse Alberto, vendedor de charutos, ao jornal espanhol *El País* (por medo da repressão, os cubanos raramente revelam seu sobrenome ao falar a jornalistas estrangeiros). “Por que não pode ser assim o comunismo cubano?”,

Raúl Castro já deu sinais de que quer um regime misto de reforma econômica e controle político

perguntou Alberto, muito mais interessado em dinheiro no bolso e livre-comércio que no “arsenal de idéias” que Fidel e seus escudeiros prometeram preservar.

Os quase 40 anos de dependência em relação aos soviéticos (1962-1991) deixaram traumas e lições para os cubanos. Quando o socialismo implodiu no Leste Europeu, os russos abandonaram

os cubanos à própria sorte. “Houve fome em Havana numa questão de dias”, afirma um professor universitário. Além da comida, a ilha teve de enfrentar o problema da energia, à base de derivados de petróleo. “Descobrimos que os geradores, os carros, as máquinas e até as geladeiras que os soviéticos nos forneciam eram não só ruins, como grandes bebedores de óleo”, diz um engenheiro da velha geração. Mais de 4 mil pequenos grupos geradores chineses foram postos a funcionar em rede, resolvendo o problema dos apagões. Quase 1 milhão de refrigeradores russos foram substituídos por modelos chineses de baixo consumo, financiados aos consumidores em prestações baixas. A principal lição foi entender como é imprudente e errado depender economicamente de um só país. “Eles nos sustentavam e de repente tiraram a escada e ficamos no ar”, disse a ÉPOCA um dirigente comunista da geração que participou

O círculo do poder

Oito homens estão dividindo hoje o governo de Cuba. Os principais cargos, inclusive a sucessão de Fidel, devem continuar com eles

1 Raúl Castro

Irmão de Fidel e veterano de Sierra Maestra, o comandante do Exército tem exercido as funções de Fidel desde 2006. Deve ficar com alguns dos principais cargos que Fidel acumulava



2 Carlos Lage

O médico, nascido em 1951, é o principal responsável pela tímida reforma econômica de Cuba. É hoje secretário e vice-presidente dos conselhos de Estado e de Ministros



4 José Ramón Balaguer

Ministro da Saúde, é um dos fundadores do Partido Comunista. Dirige o Programa de Saúde Pública Nacional e Internacional, tido como um dos triunfos da Revolução



6 Francisco Soberón

Presidente do Banco Central de Cuba. Nascido em 1944, é membro do Conselho de Estado. Sua marca tem sido o combate à circulação clandestina de dólares na ilha

8 Ricardo Alarcón

Preside o congresso desde 1993 e representou Cuba na ONU por mais de dez anos. No passado, chegou a ser apontado como o mais forte candidato à sucessão de Fidel



dos primeiros anos da Revolução (são poucos). “Os soviéticos nos davam ajuda até em demasia e ficamos viciados. Não vamos repetir esse erro em relação a nenhum país”, acrescentou o velho comunista.

Hoje, no entanto, o regime é dependente da Venezuela de Hugo Chávez. A Venezuela exporta para Cuba mais de US\$ 7 bilhões por ano. Parte disso é paga com serviços prestados por 20 mil médicos cubanos na Venezuela. E a outra parte é financiada pelo governo camarada de Chávez. O presidente venezuelano também socorre o fechamento das contas externas da ilha. A derrota de Chávez no plebiscito de dezembro disparou o alarme em Havana. Eles perceberam que o regime chavista também pode ruir, como ruiu a União Soviética. Por isso, precisam tanto de outros parceiros, entre os quais o Brasil.

Na terça-feira, horas depois da divulgação oficial da renúncia de Fidel Castro, o presidente Lula disse a um assessor que o Brasil seria “fundamental na transição cubana”. Segundo Lula, o novo governo cubano tentará montar relações especiais com quatro países: Venezuela, China (um dos maiores investidores da ilha), Espanha (a porta do turismo europeu) e o Brasil. A principal aposta está na exploração de petróleo no mar, uma especialidade da estatal brasileira Petrobras. Cuba tem o domínio de uma área de 112.000 quilômetros quadrados no Golfo do México. Sem capital para iniciar as pesquisas, Fidel Castro abriu essa área para contratos com empresas estrangeiras. Desde 1999, seis petroleiras de Índia, Canadá, Vietnã, Espanha, Noruega e Venezuela fecharam contratos com a Cubana de Petróleo (Cupet). Na viagem que fez em janeiro, o presidente Lula cumpriu a promessa de reabrir o escritório da Petrobras na ilha, que estava fechado desde 2005. O acordo firmado com a estatal brasileira prevê a pesquisa e exploração de petróleo em águas profundas. Na conversa com o irmão de Fidel, Raúl Castro, Lula também voltou a oferecer tecnologia para a produção de álcool combustível a partir da cana-de-açúcar. Ao contrário de Fidel, que já chamou os biocombustíveis de “ne-

crocombustíveis”, Raúl foi receptivo à idéia.

O anúncio de Fidel não foi uma surpresa. Afinal, desde agosto de 2006 estava afastado do exercício do cargo de presidente do Conselho de Estado por problemas de saúde. Seu irmão, Raúl Castro, comandante das Forças Armadas de Cuba, exercia o poder. Ninguém dizia se Fidel poderia voltar ao poder ou não. “Era incômoda minha posição”, escreveu Fidel em sua carta de renúncia, “diante de um adversário que fez tudo de imaginável para se desfazer de mim e em nada me agrada comprazer”. A referência aos EUA é óbvia.

Na verdade, o problema dos EUA com Cuba começou muito antes de Fidel. A ilha fecha a passagem livre de qualquer navio que saia do Porto de Nova Orleans em direção ao Atlântico (leia o quadro à pág. 90). É a porta de saída da maior parte da produção agrícola americana. Quem controlar Cuba pode ameaçar o comércio americano. Por isso, os EUA entraram em guerra com a Espanha no fim do século XIX e transformaram Cuba num país independente. Na década de 1930, Cuba flertou com a Alemanha. Fidel se beneficiou da Guerra Fria e vendeu a importância geopolítica de Cuba à União Soviética, em troca de generosos subsídios.

Cuba é muito mais importante no mundo como um símbolo. E ela é um símbolo por causa de Fidel. Sem Fidel, o regime cubano perde o símbolo da vanguarda do comunismo internacional. Ou ao menos do antiimperialismo, especialmente do antiamericanismo. A Revolução Cubana nunca se viu como uma mudança de governo em Cuba apenas. A atuação de Ernesto Che Guevara na África e na América do Sul era parte da mística em torno dos combatentes de Sierra Maestra. Para a América Latina especificamente, Fidel foi o ícone das mudanças que organizações de esquerda do continente inteiro buscavam.

Na avaliação da cúpula cubana, Fidel cumpriu uma de suas mais importantes tarefas políticas: conduzir a transição do comando da ilha. Primeiro para os últimos representantes da velha guarda (como seu irmão Raúl, de 76 anos) e os expoentes ▶



3 Felipe Pérez
Ministro das Relações Exteriores e ex-secretário de Fidel, é, aos 42 anos, o mais forte representante da nova geração política cubana, que já nasceu depois da Revolução



5 José Ramón Machado Ventura
Veterano da luta em Sierra Maestra, é membro do Comitê Central do Partido Comunista e um dos responsáveis pelo Programa Nacional e Internacional de Educação, outra glória do regime



7 Esteban Lazo Hernandez
Formado em Economia, ocupa o cargo de vice-presidente. Participou do programa de alfabetização de Cuba, lançado logo após a Revolução, em 1959, e sempre cuidou de educação



da "geração intermediária", os comunistas na faixa dos 50 ou 60 anos de idade. "Fidel não está renunciando, não está indo para o exílio, não vai ficar esperando a morte. Ele transmite as funções numa demonstração de confiança no povo cubano e na Revolução que formou nossos dirigentes", disse a ÉPOCA, por telefone, o deputado Raúl Suárez Ramos. Pastor da Igreja Batista, Suárez é um dos poucos deputados na Assembléia Nacional não-filiados ao Partido Comunista. Nem por isso é menos governista. Combatu ao lado de Fidel e de Che Guevara na tentativa de invasão da Baía dos Porcos (Playa Girón, como preferem os cubanos), em 1962 (leia mais na pág. 90). Hoje, o deputado-pastor é um dos contatos do governo com organizações religiosas internacionais.

A transição cubana, pelo menos aquela que o regime castrista quer, é mais geracional que política ou econômica. Se Raúl Castro for mesmo eleito presidente do Conselho de Ministros, os indicadores de mudança devem ser procurados na nova composição do conselho (31 membros) e dos cinco vice-presidentes. Atualmente, quatro são da velha guarda, incluindo dois comandantes que desceram a Sierra Maestra e dois antigos dirigentes do partido. O quinto é Carlos Lage, de 56 anos, que já é o secretário do conselho (leia o quadro à pág. 82).

Fidel comandou o processo de sucessão. Além de reafirmar sua "liderança moral", ganhou tempo para que o novo governo se consolidasse como continuação daquele improvisado há um ano e meio, quando ele adoeceu. O "programa", que inclui algumas reformas na burocracia e na economia, foi estabelecido no discurso de Raúl de junho de 2007. Fidel administrará o pós-castrismo para preservar seu ideário, seus seguidores e até para garantir sua imunidade. Como fez no Chile Augusto Pinochet, que, depois de 17 anos de uma ditadura sangrenta, deixou o poder, mas se manteve como comandante do Exército e depois senador vitalício.

Fora de Cuba, os exilados, concentrados em Miami, querem o fim imediato do regime. Entre eles estão descendentes dos espoliados pela Revolução, dos opositores expulsos ao longo de quase cinco décadas, mas também gente que fugiu simplesmente para melhorar de vida. Querem voltar ao país que foram forçados a deixar (leia ao lado o artigo de Raúl Rivero Castañeda).

Julia Sweig, diretora de Estudos Latino-Americanos da ONG americana Council on Foreign Relations e autora do livro *Por dentro da Revolução Cubana*, escreveu na revista *Foreign Affairs* que a expectativa do governo americano era que houvesse uma imensa agitação em Cuba quando Fidel se afastasse do poder. "Mas houve uma demonstração surpreendente de ordem e seriedade nas ruas", diz Sweig. "A despeito da esmagadora autoridade pessoal de Fidel, o governo está fundado em muito mais que o carisma, a autoridade e a lenda. Cuba está

longe de ser uma democracia multipartidária, mas é um país funcional, com cidadãos de opiniões fortes."

As opiniões fortes podem ser encontradas hoje não só nas ruas, mas nos pontos de internet que começaram a ser instalados em hotéis e centros de acesso público em Havana e Varadero, a praia preferida dos turistas. Por meio da rede, blogueiros independentes conectam-se ao mundo, assumindo riscos políticos e pagando os altos preços de acesso. Um deles é a escritora e blogueira cubana Yoani Sánchez, de 32 anos, que enviou um texto a ÉPOCA (na íntegra em www.epoca.com.br <<http://www.epoca.com.br>>). "Fomos nos esquecendo de Fidel, e a nota de renúncia só nos fez lembrar que fizemos bem em colocá-lo no baú das coisas velhas", diz Yoani. Ela admite ter notado "algo de tristeza ou de alívio entre os mais velhos", mas o que enxerga entre os mais jovens é a mais profunda apatia. Segundo Yoani, "a corda da solução biológica foi esticada por tempo demais e, agora que se soltou, encontra-nos cansados e com a atenção voltada para a sobrevivência de cada dia". Para a blogueira, "haverá um futuro sem ELE". Um futuro nobre e grande, com menos amarras e mais liberdade. ♦

Palácios e c

O poeta e jornalista cubano exilado pelo regime comunista fala da sensação de ter sido traído e sonha com a volta a uma Havana pré-Fidel

UNS DIAS ATRÁS, UM AMIGO VENEZUELANO, mais especificamente de Maracaibo, que ia viajar para Cuba, me perguntou se eu queria algo especial de Havana. Não, obrigado, disse eu. Muito obrigado. O que quero de Havana é toda Havana.

Não quis ser grosseiro nem áspero com o viajante, mas a resposta me pegou de surpresa e me fez entender imediatamente que havia sido ditada pela inveja, que, como se sabe, é uma forma de admirar com raiva.

Era irritante aceitar que alguém poderia ir à cidade onde vivi 40 anos, onde noivei e nascera minhas filhas. Parece que me doía que esse senhor fosse caminhar pelas ruas onde caminhei com meus pais e amigos e fosse tomar um copo de rum no bar onde falei com a garota que era meu grande amor. Uma cidade que é também minha e está fechada para mim pela ditadura científica administrada por uns talebans de guayaberas (*tipo de camisa social comum na América Latina*).

Esse era um dos sentimentos constantes e graves do exílio. Inclusive para mim, que conheci a liberdade na Espanha e ali fui tratado como alguém que volta depois de muitos anos ao seio da família.

Falo da sensação e depois da certeza de que um grupo de sujeitos armados roubou sua casa, pátio, jardins e o tirou dali sob a mira de uma pistola. Arrancaram das paredes os quadros com as fotos dos seus antepassados e os diplomas de corte e costura das tias e queimaram em público os cobertores, lençóis, almofadas e mosquiteiros onde estavam enredados todos os sonhos.

Para mim, que um dia acreditei e trabalhei em favor desses gângsteres, o saque foi uma dupla punhalada. Alguém tem uma visão ge-

Raúl Rivero Castañeda

calabouços

ral do golpe quando já é tarde e está na cena do crime como vítima e como cúmplice. A questão, então, é sair do drama. Encontrei ou quis encontrar um caminho no jornalismo alternativo. Uma pequena agência de informação e de opiniões que contasse aos cubanos e ao mundo o que realmente acontece em Cuba. Uma realidade que os meios governamentais dissimulam encobrindo uma torrente de quinquilharia política e um discurso esgotado e comemorativo.

Fiz isso por quase 15 anos, mas na primavera de 2003, junto com outros 74 jornalistas, bibliotecários e ativistas políticos e de direitos humanos, depois de fazer considerações sobre uma ópera revolucionária de Kim Il Sun, fomos à cadeia cumprir penas para elefantes.

Condenaram-me a 20 anos. Eu tinha 57, de modo que encarei como prisão perpétua. Quero mencionar brevemente para ÉPOCA que, apesar da agonia que sofri durante os 12 meses em que fiquei encarcerado de castigo na solitária, em condições de campo de concentração, o momento mais apavorante para mim, como cidadão, foi o ato do julgamento.

Aqueles homens em trajes descuidados, sujos e desbotados. Os espelhos presos com arame, as mãos vazias, sem um único documento sobre as mesas dos magistrados. Calmos, entre cochilos e sobressaltos, alheios, rotos, ausentes ante o discurso político do delegado que nos difamava sem uma única prova, aprendi que o comunismo pode dar um crivo irreal a seus atropelos porque seqüestra a justiça.

Em um regime policial como o cubano, o medo é um elemento que o governo não racionaliza, como faz com o pão, a carne, o açúcar e o leite desde 1964. O medo é distribuído de casa em casa, em abundância, todos os dias. Deram aos membros do tribunal que julgou a mim e ao poeta e jornalista Ricardo González Alfonso (*também preso em Cuba*) uma dose extra naquela manhã. Eles a apuraram com disciplina e deleite. Isso os manteve indiferentes (e pior, às vezes, satisfeitos) enquanto o delegado (um gorila de gravata) nos condenava a passar a



HAVANA
Carro da década de 50 na capital cubana. A Revolução congelou a cidade no passado

eternidade atrás das grades repintadas com asfalto e fechadas com cadeados chineses comprados com dinheiro venezuelano.

Minha experiência no cárcere de Canaleta, na província de Ciego de Ávila, teve duas vertentes dramáticas mas enriquecedoras. Dediquei o tempo em que fiquei na cela sozinho a meditar, tratar de sobreviver às doenças e escrever poesia. Uma coleção de poemas que acabo de publicar na Espanha e que se chama *Vidas y Oficios*.

O outro ano que cumpri, passei-o em uma penitenciária de presos comuns. Uma população penal amontoada, cheia de fome e privações, muito jovem. Uma parcela da realidade cubana que me faltava conhecer em minha longa trajetória dos palácios aos calabouços. Daí saem os relatos do livro que estou escrevendo.

Acredito que conheço muito bem meu país. De San Antonio a Maisí, de Miami a Madri, do México a Porto Rico e de San José a Estocolmo, por onde andam os exílios. Tenho a certeza de que estamos mais próximos que nunca da liberdade e será inaugurado um país amplo e plural com espaço para todos os cubanos.

Também sei que o primeiro passo é ir às portas das celas. E abri-las. Pelo menos é o que penso nesta cidade nobre e quente. Neste país onde aprendi a ser livre na lição de tolerância e também nas brigas verbais para defender com dignidade espaços e pontos de vista.

Apesar da reação que contei acima, que é pura emoção, não vivo com ódio insuperável porque aprendi a tempo que, neste período de fogo, quem é objetivo sai ileso e quem mais se queima é quem experimenta.

Não sou um anjo do Caribe que anda de férias pela Europa. Sou um homem que tem amigos presos, gente querida na emboscada e os caprichos de uns ambiciosos que se recusam a descer dos cavalos.

Tenho uma filha em Cuba, outra nos Estados Unidos (onde mora também minha neta, Maya) e outra em Madri. Tenho ou não o direito de lutar com paixão, inteligência e energia para voltar a morar com elas no país em que todos nascemos?

Acredito que sim. Com esse empenho me levanto todos os dias para datar e assinar embaixo do que escrevo. ◆

Raúl Rivero Castañeda nasceu em 1945 em Morón, Camagüey, Cuba. Formado em Jornalismo, foi correspondente-chefe da agência oficial cubana de notícias em Moscou nos anos 70. Em 1989 deixou o Sindicato Nacional de Escritores, pró-governo, do qual foi diretor, e assinou um manifesto de dissidentes. Em 1995 fundou a Cuba Press, agência independente de notícias. Preso e condenado a 20 anos em 2003, foi solto no ano seguinte por pressão internacional e vive na Espanha. Rivero escreveu este texto a pedido de ÉPOCA

O legado de Fidel

Ao longo da vida, Fidel adotou um lema: "A História me absolverá". À medida que o julgamento se aproxima, isso fica cada vez mais difícil



NO PODER

Fidel discursa pela primeira vez como governante, em Havana, em janeiro de 1959

EM 26 DE JULHO DE 1953, LIDERANDO cerca de cem homens, Fidel Castro atacou o quartel de La Moncada, em Santiago de Cuba, numa das primeiras rebeliões contra o regime de Fulgencio Batista que anos depois levariam à Revolução. Na ocasião, os rebeldes foram dizimados. Fidel e seu irmão Raúl conseguiram escapar, mas acabaram presos. Durante o julgamento, no duplo papel de acusado e advogado, Fidel proferiu uma frase que ficaria famosa:

— A História me absolverá.

Misto de defesa e manifesto revolucionário, Fidel adotaria esse lema ao longo de uma vida marcada pelo carisma pessoal, por aventuras amorosas e indiscutíveis conquistas políticas. Após quase 50 anos como líder de uma das mais longevas ditaduras do planeta, qual será, afinal, o julgamento da História sobre a era Fidel em Cuba?

No campo político, a resposta é inequívoca. O regime de Fidel foi responsável por 5.775 execuções por fuzilamento, 1.231 assassinatos extrajudiciais, 984 mortes na prisão e 200 pessoas desaparecidas, de acordo com o relatório de novembro do Cuba Archive, projeto conduzido há dez anos pelo pesquisador Armando Lago, autor de *The Black Book of Cuban Communism* (O Livro Negro do Comunismo Cubano, sem tradução brasileira). O total de 8.190 mortos, que se refere apenas a casos documentados, incluindo criminosos comuns, confere à ditadura cubana uma posição mais letal que a de Augusto Pinochet, no Chile, acusada de patrocinar algo como 3

A construção da lenda

Opositor de um regime corrupto de uma pequena ilha, Fidel se tornou personagem da Guerra Fria e ícone da esquerda do mundo todo

A Revolução

Fidel Castro lidera um grupo de opositores que tenta derrubar o ditador Fulgencio Batista. Após seis anos de tentativas de guerrilha, em janeiro de 1959 os rebeldes comandados por Fidel e Che Guevara tomam Havana

A Guerra Fria

Em 1961, Fidel declara Cuba nação socialista e permite que Nikita Krushev (à dir. na foto) instale misséis na ilha. O mundo chega à beira da guerra nuclear. A ex-URSS (Rússia) recua. Fidel sobrevive a atentados tramados pela CIA



Fotos: Andrew Saint-George/Magnum Photos, AP, Top Foto/Keystone, Romano Cagnoni/Getty Images, Marty Lederhandler/AP, AFP e Other Images

mil assassinatos. Até hoje a imprensa cubana sofre com a censura e não há nada que se pareça com um esboço de democracia no país. "Se você chama de liberdade de imprensa o direito dos inimigos de Cuba de falar e escrever contra a Revolução Cubana, eu diria que não somos a favor dessa liberdade", disse Fidel em entrevista a seu biógrafo, Ignacio Ramonet.

No campo econômico, também não há o que discutir. Cuba está entre as economias menos pujantes da América Latina. Enquanto o continente cresceu em média 1,5% ao ano entre 1956 e 2003 e o Brasil registrou crescimento médio anual de 2,5% no período, Cuba apresentou um índice de 0,4%. Isso põe a economia cubana em penúltimo lugar entre as latino-americanas. A ilha de Fidel só ganha do Haiti no boletim do crescimento econômico. Nesse ponto, a era Fidel também se aproxima de uma decepção diante do que sonhavam os revolucionários. Restam, é verdade, indicadores sociais favoráveis a Cuba (*leia o quadro à pág. 90*). Mas a vida e o legado de Fidel Castro revelam que o julgamento da História não terá a benevolência que Fidel previa em La Moncada.

Cuba foi a primeira colônia espanhola na América. Foi preciso que os EUA enfrentassem o domínio da Espanha para que Cuba se tornasse um país. Durante essa guerra, o espanhol Angel Castro, pai de Fidel, chegou à ilha, em 1898. O camponês analfabeto de 17 anos recebeu dinheiro para tomar o lugar de um rico jovem espanhol no Exército, prática comum na época. Angel desembarcou no leste da ilha, mas não chegou a lutar. Estava na Província de Oriente quando o governo espanhol transmitiu a soberania sobre Cuba ao general americano John Rutter Brooke, em 1899. Depois da derrota espanhola, Angel se estabeleceu em Cuba.

A independência da Espanha gerou uma onda de prosperidade. Grandes empresas americanas exploravam a lavoura canavieira. Trabalhando para a maior delas, a United Fruit, Angel começou a sair da pobreza. Enriqueceu e se apaixonou pela professora, María Luísa Argota. O casal teve dois filhos e viveu feliz até a chegada de uma criada, uma camponesa de 14 anos, mesma idade de Lúdia, a filha mais velha. Criada e patrão se engraçaram. Quando nasceram os dois primeiros filhos bastardos, Ângela e Ramon, María Argota conseguiu

abafar a traição do marido. Com a chegada do terceiro – Fidel, nascido em 3 de agosto de 1926 –, ela não suportou mais e fugiu. A mãe de Fidel, Lina Ruz González, uma camponesa analfabeta, virou dona da casa. Por não ser casada, Lina não podia dar aos filhos o sobrenome de dom Angel. O menino só foi batizado em 1935, com o nome de Fidel Hipólito Ruz González. E se chamaria também Fidel Casiano Ruz González antes de se tornar finalmente Fidel Alejandro Castro Ruz, em 1941. O "Alejandro" teria sido acrescentado por ele mesmo. Fidel é um grande admirador de Alexandre, ►



AMOR E ÓDIO
Fidel compartilha com os demais cubanos a grande influência cultural dos EUA na ilha. Jogava beisebol, admirava Ernest Hemingway (acima, à dir.) e adorava Coca-Cola



○ Além das fronteiras

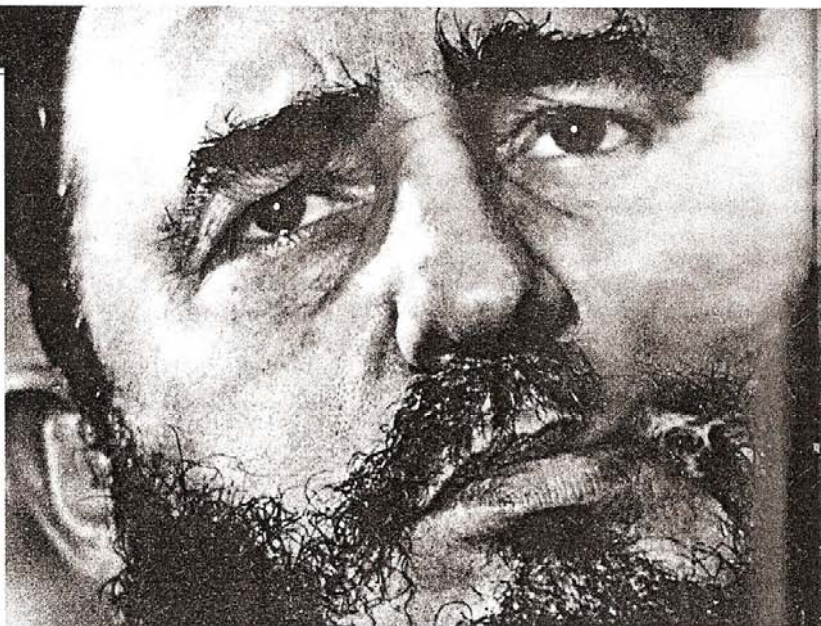


Em 1965, Ernesto Che Guevara parte para a África, com o objetivo de organizar uma guerrilha no Congo. Começa a exportação da revolução. No pólo oposto, milhares de cubanos descontentes com os rumos do castrismo fogem do país, rumo aos EUA

○ Os símbolos



Em março de 1968, o governo cubano completa a estatização econômica. A partir de maio, milhares de estudantes saem às ruas da Europa e dos EUA exibindo cartazes com fotos de Che Guevara e Fidel



O Grande. Por essa história familiar turbulenta, Fidel sempre foi discriminado por seus colegas de turma, que faziam parte da elite econômica de Santiago de Cuba.

Em 1942, o eixo da vida de Fidel mudou para Havana. Três anos mais tarde, quando ingressou na faculdade de Direito, Fidel ainda era, em suas próprias palavras, “um analfabeto político”. “Nessa universidade, aonde cheguei apenas com meu espírito rebelde e algumas idéias elementares de justiça, tornei-me revolucionário”, disse anos depois, já no poder. Logo no primeiro ano se envolveu com política estudantil e se elegeu representante de curso.

Ele juntou-se, em 1947, a uma expedição que planejava ajudar na derrubada de Rafael Trujillo, na República Dominicana. O ataque fracassou, mas serviu para Fidel aprender na prática suas primeiras lições de guerrilha. Ao se diplomar, em 1950, Fidel abriu, com dois colegas de turma, uma firma de advocacia. Mais interessado em agitação política que nos negócios, logo abandonou a sociedade. Passou a viver, com a mulher – Mirtha Díaz Balart – e o filho Fidelito, de mesada enviada pelo pai. Em março de 1952, Fulgencio Batista, candidato à Presidência, decidiu não aguardar as eleições e deu seu segundo golpe de Estado. Fidel, então envolvido na política partidária, passou a ser guiado por uma idéia fixa: derrubar Batista. Após se organizar por pouco mais de um ano, período em que se tornou um dos mais conhecidos opositores do regime, Fidel partiu para a ação e promoveu o ataque a La Moncada.

Condenado a 15 anos de prisão, ele era o mais importante e popular opositor de Batista. Em 1955, a pressão popular levou Batista a anistiar os moncadistas, entre eles os irmãos Castro. Fidel saiu da prisão como estrela e embarcou para o exílio no México. Lá, conheceu um médico argentino comunista, chamado Ernesto Che Guevara.

Aprendeu táticas de guerrilha com um militar espanhol e se dedicou a organizar uma ação para derrubar Batista. No início de dezembro de 1956, liderou um grupo de 82 homens armados que partiram para Cuba, a bordo do iate Granma (vovó, em inglês, nome dado pelo antigo proprietário, um americano de Miami). O barco encalhou e o grupo foi surpreendido pelo Exército cubano. Fidel, Raúl e Che refugiaram-se na Sierra Maestra e organizaram a guerrilha.

A ditadura de Batista espalhou a notícia de que Fidel fora morto no ataque e seu corpo devorado por jacarés. Fidel já era um mestre em construir e explorar a própria imagem. Imaginou uma jogada de marketing político exemplar. O Movimento 26 de Julho, assim batizado em referência ao ataque a Moncada, organizou uma entrevista de seu líder ao jornalista Herbert Matthews, do *New York Times*. Matthews subiu a Sierra em fevereiro. Encantou-se pela personalidade de Fidel. Depois, publicou três reportagens sobre o líder guerrilheiro e a situação da política cubana. Matthews

conseguiu a proeza não apenas de provar que Fidel estava vivo, mas transformou-o num sonhador revolucionário, que lutava para instaurar uma democracia na ilha.

A ilha foi inundada com cópias traduzidas das reportagens. Fidel conquistou cada vez mais adeptos em Cuba. Havia uma sensação de que a queda de Batista era só questão de tempo. Sob o comando de Che Guevara, os guerrilheiros avançaram em direção à capital. Em 1º de janeiro de 1959, Batista fugiu de Havana e exilou-se em Portugal. Era a vitória da Revolução. O Departamento de Estado dos EUA logo reconheceu o novo governo. Fidel, que estava em Santiago, cruzou o país, rumo à capital. Em Havana, Che comandava os primeiros fuzilamentos promovidos pelo novo regime. Fidel ainda era apenas um nacionalista. Raúl e Che eram os marxistas.

Fidel cultivou laços de amizade com personalidades tão díspares quanto o casal de filósofos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, o escritor Ernest Hemingway, o cantor Chico Buarque e o político baiano Antônio Carlos Magalhães.

○ O ouro de Moscou



A ilha se torna dependente da URSS, que compra açúcar e vende petróleo a preços camaradas. Cuba apóia guerrilhas comunistas mundo afora. Em 1973 um golpe no Chile derruba Salvador Allende (à dir. na foto), aliado de Fidel



● Sinais perigosos

Fidel anuncia que não impedirá a saída de cidadãos cubanos do país. Cerca de 125 mil pessoas deixam a ilha em menos de seis meses. Na Polônia, uma greve revela ao mundo o sindicato Solidariedade e seu líder, Lech Walesa, que seria o primeiro presidente pós-comunista do país em 1989

Fotos: Charles Tassadi e Boris Yurchenko/AP; AFP, AP e Cutm TV/Reuters



PATERNALISMO
Fidel tratava os cubanos como crianças. Deixou até de fumar charutos em público para dar exemplo

O Comandante, como já começava a ser chamado, se interessava "vivamente pelo outro", nas palavras do jornalista Fernando Morais, autor de *A Ilha*, um dos primeiros livros a descrever o regime cubano por dentro. "É uma pessoa muito afável, cordial, no sentido etimológico da palavra", diz Frei Betto, outro de seus amigos brasileiros. "O Fidel também gosta muito de cachorros", diz Morais. "Quando soube que um fila poderia pesar até 100 quilos, ficou interessado. E eu prometi que daria os cachorros de presente para ele." Morais conta que conduziu um casal de cães da raça fila brasileiro até Havana e dividiu a conta com Chico Buarque.

Fidel sabia usar o valor simbólico de suas amizades. Em 1960, Sartre e Simone de Beauvoir, o casal mais charmoso da esquerda mundial na época, visitou Havana duas vezes. No mesmo ano, Fidel se encontrou com Hemingway, o americano mais cubano de então. Fidel teria se inspirado em seu romance *Por Quem os Sinos Dobram*, sobre a guerrilha liderada pelos republicanos espanhóis contra as tropas

nacionalistas, para organizar o exército rebelde. O encontro entre os dois barbados se deu por ocasião do Torneio de Pesca Hemingway, vencido por Fidel. Tad Szulc, autor de uma biografia de Castro, escreveu que foi essa "a única vez em que Fidel hesitou em se impor a alguém, no caso, a um homem a quem considerava genial".

Quando menino, Fidel gostava de filmes de faroeste, especialmente "daqueles revólveres cujas balas não acabavam". Aos 13 anos, pediu, em carta ao presidente dos EUA na época, Franklin Roosevelt, uma nota de US\$ 10. "Nunca vi uma nota verde americana e gostaria de ter uma." Recebeu um "não" padronizado.

Sua barba tem uma explicação minuciosa. Teria surgido da vida dura na guerrilha, sem lâminas de barbear, e virou um carimbo de guerrilheiro saído das montanhas. E tem um lado prático. "Se você multiplicar pelos dias do ano os 15 minutos diários que leva para fazer a barba, vai verificar que dedica quase 5.500 minutos a essa tarefa", disse Fidel. "Ao deixar de fazer a barba, você ganha por um ano uns dez dias."

Fidel sempre fez questão de manter sua vida privada longe dos holofotes. Um dos boatos menos nobres sustenta que Fidel, no auge de seu vigor físico, não se dava ao trabalho de tirar a surrada farda verde-oliva, limitando-se a arriar as calças antes de atacar suas presas nos escuros corredores do poder. Fidel nunca compareceu a um único evento público ladeado por uma mulher, namorada ou outra companheira. Geralmente ia sozinho, embora muitas vezes tenha recorrido à companhia da cunhada Vilma Espín.

Isso ajuda a entender por que o mundo nunca foi apresentado à *señora* Fidel Castro. Mãe de cinco dos oito filhos oficialmente reconhecidos pelo Comandante, Dalia Soto del Valle era alta, bonita e tra-

balhava como secretária do Sindicato dos Cortadores de Cana-de-Açúcar quando conheceu Fidel durante uma campanha de alfabetização. Há indícios de que tenham se casado em 1980, ano da morte de Celia Sánchez Manduley, talvez a mulher mais importante da vida de Fidel. Filha de um médico de Manzanillo, cidade próxima a Santiago de Cuba, Celia conheceu o Q.G. da guerrilha na Sierra Maestra antes de Fidel, pois foi responsável por organizar o esconderijo para os foragidos náufragos do Granma. Manteve com Fidel uma ambígua relação de amiga, companheira, confidente e, ao menos nos primeiros anos, amante. Espécie de *alter ego* do "líder máximo", era seis anos mais velha que ele e é apontada como uma das únicas pessoas com ascendência sobre Fidel.

Viver duas décadas com duas mulheres diferentes não foi a única proeza amorosa do galante revolucionário. Ele fez fama também como conquistador de corações femininos, como a atriz Ava Gardner, a estonteante Gina Lollobrigida e a jornalista Bárbara Walters. Fidel reconheceu a paternidade de oito filhos, com quatro mulheres. O mais velho, Fidelito, estudou Física Nuclear na ex-União Soviética e dirigiu a comissão nuclear de Cuba. Foi demitido sob a alegação oficial de "incompetência". É fisicamente muito parecido com o pai. "Ele esteve no Brasil para fazer um curso. Entrou com nome falso e ninguém ficou sabendo", diz Morais.

Fidel teve uma filha—Alina—com Natalia Revuelta, uma loira de olhos verdes, casada, de quem se tornou amante. Embora fosse de origem aristocrata, Naty, como era chamada, abraçou a causa da Revolução. Alina fugiu de Cuba, com nome falso, em 1993, fingindo ser uma turista espanhola. De lá para cá, mora em Miami, onde apresenta um programa de rádio anticomunista. Intitula-se "a filha rebelde de Fidel". ▶

○ Contra a abertura



Mikhail Gorbachev (à esq. na foto) assume o poder na URSS e anuncia o início das mudanças políticas e econômicas: glasnot (transparência) e perestroika (reestruturação). Fidel desaprova a perestroika, que qualifica de "perigosa" e "oposta aos princípios do socialismo". Cai o Muro de Berlim. Regimes comunistas do Leste Europeu são derrubados um após o outro

○ Tempos de crise



Com o fim da URSS, Cuba entra em profunda decadência econômica. A situação melhora com a ascensão de Hugo Chávez (à esq. na foto) na Venezuela, em 1999. Com problemas de saúde, Fidel se afasta em 2006 em favor do irmão Raúl

No poder, Fidel se indispsôs com os EUA e criou laços com a União Soviética. Como represália, em 1961 o governo de John Kennedy rompeu relações com Cuba. Três meses mais tarde, em abril, 1.297 exilados cubanos desembarcaram na Baía dos Porcos, numa desastrosa operação da CIA, com o objetivo de derrubar Fidel. Em janeiro de 1962, os EUA determinaram o bloqueio econômico de Cuba – em vigor até hoje. Em 16 de outubro, um avião-espião americano detectou ogivas nucleares soviéticas em território cubano apontadas para a Flórida. Seis dias mais tarde, Kennedy ordenou o bloqueio naval da ilha, exigindo de Moscou a retirada imediata dos mísseis.

A Crise dos Mísseis projetou Fidel como um dos protagonistas da geopolítica mundial. Com o passar dos anos, já alçado à condição de inimigo preferencial dos EUA, Fidel passou a exercer ele próprio enorme influência na América Latina, inclusive no Brasil. Foi para Havana que rumaram os 15 presos políticos trocados pelo embaixador americano Charles Elbrick, seqüestrado pela guerrilha brasileira, em dezembro de 1969. Recebidos pelo próprio Fidel, foram presenteados com casa, comida e roupa lavada. E alguns, como o ex-deputado José Dirceu, por lá ficaram e receberam treinamento militar.

Na década de 80, com o prenúncio do fim do bloco comunista, Fidel aproximou-se de países da Europa ocidental, como a Espanha. Com o desmoronamento da União Soviética, em 1991, Cuba enfrentou seu momento mais crítico. A economia encolheu 35% entre 1989 e 1993. No fim dos anos 90, a ascensão de Hugo Chávez dá origem a uma nova e importante parceria econômica para Cuba. Hoje é Chávez quem começa a ocupar nos sonhos da esquerda latino-americana o papel que um dia coube a Fidel. Na disputa de charme e humor com Fidel, Chávez não tem chance. Em 1995, jornalistas perguntaram o que Fidel achava de cubanos com formação superior caírem na prostituição devido à crise decorrente do colapso soviético. Fidel respondeu que a educação em Cuba era tão boa que até as prostitutas tinham diploma. E fez a platéia rir. ♦

COM REPORTAGEM DE **ROBERTO GUIMARÃES**

A ilha de Fidel

Com 11 milhões de habitantes, Cuba é o único país comunista das Américas e, por seu valor simbólico e sua proximidade geográfica com os EUA, tem uma importância internacional desproporcional a suas dimensões

Cuba Em 110.000 quilômetros quadrados vivem 11 milhões de cubanos. Segundo o censo de 2002, há 65% de brancos, 25% de mestiços e 10% de negros



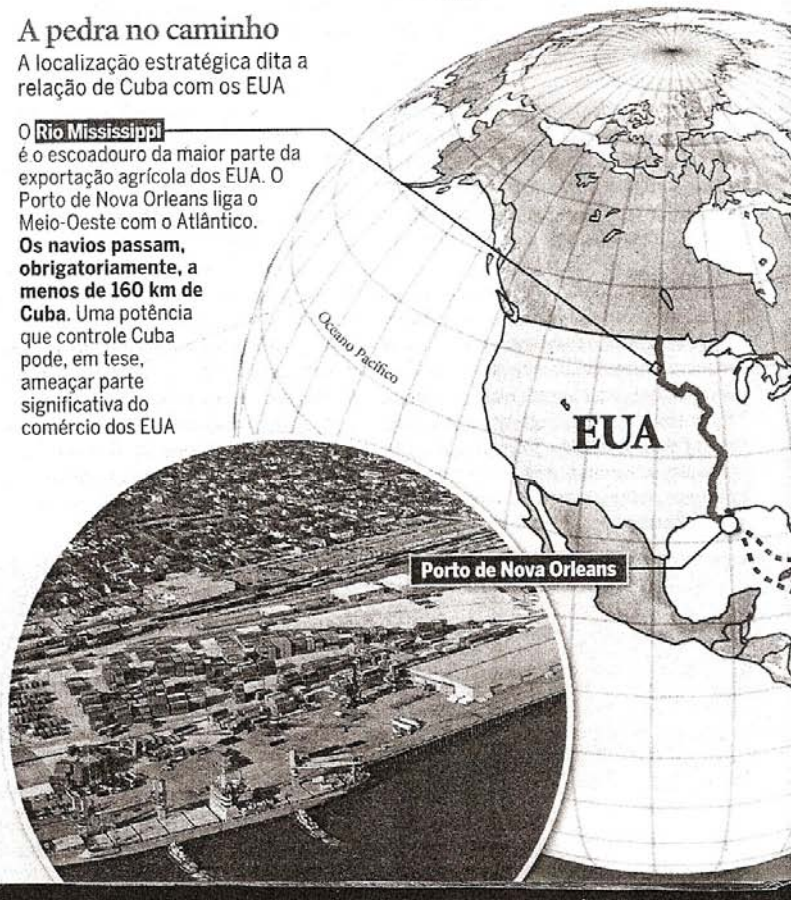
A pedra no caminho

A localização estratégica dita a relação de Cuba com os EUA

O Rio Mississippi

é o escoadouro da maior parte da exportação agrícola dos EUA. O Porto de Nova Orleans liga o Meio-Oeste com o Atlântico.

Os navios passam, obrigatoriamente, a menos de 160 km de Cuba. Uma potência que controle Cuba pode, em tese, ameaçar parte significativa do comércio dos EUA

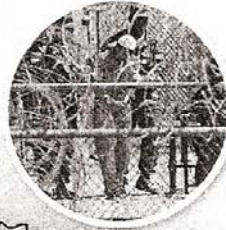


O turismo é a maior fonte de divisas do país. Dois milhões de turistas foram a Cuba em 2006 e gastaram US\$ 3 bilhões. O balneário de **Varadero** é o destino preferido dos visitantes europeus



CUC Moeda usada pelos turistas para substituir euros e dólares. US\$ 1 equivale a 0,8 CUC

Desde 1903, os EUA controlam a **Baía de Guantánamo**. Lá, fizeram uma base naval onde hoje estão os prisioneiros das guerras do Afeganistão e do Iraque



A Revolução em números

Como Cuba se compara com o mais bem colocado do mundo e com o Brasil em indicadores importantes

Índice de desenvolvimento Humano

1 Islândia	0,968
51 Cuba	0,838
70 Brasil	0,800

Expectativa de vida ao nascer (em anos)

1 Japão	82,3
22 Cuba	77,7
20 Brasil	71,7

Índice de mortalidade infantil (em mortes de crianças de até 1 ano por mil nascidos vivos)

Islândia	2
Cuba	6
Brasil	31

PIB per capita (em US\$ com paridade de poder de compra)

	1956	2003
América Latina	2.841	5.786
Cuba	2.145	2.569
Brasil	1.896	5.563

Crescimento anual médio do PIB de 1956 a 2003

Brasil	2,3
Am. Latina	1,5
Cuba	0,4

Índice de alfabetização de adultos (em %)

1 Geórgia	100,0
2 Cuba	99,8
34 Brasil	88,6

Na **Sierra Maestra**, região montanhosa de selva, os revolucionários travaram três anos de combates contra as tropas de Fulgêncio Batista até tomar o poder, em janeiro de 1959



Guantánamo
Sierra Maestra



Desde a independência, os EUA tentam controlar Cuba

1898 | Os EUA vencem a guerra com a Espanha, que abre mão de Cuba

1902 | Cuba se torna independente, mas sob a proteção americana

1906 | Tomás Estrada Palma, primeiro presidente de Cuba, renuncia. Os EUA invadem o país para sufocar uma rebelião

1909 | José Miguel Gómez ganha a eleição presidencial supervisionada pelos EUA. Fim da ocupação americana

1912 | Tropas americanas voltam a Cuba para sufocar uma rebelião

1917 | Militares americanos entram em Cuba para defender o presidente Marjío García Menocal

1924 | Ditadura de Gerardo Machado

1933 | Machado é derrubado por **Fulgêncio Batista**



1934 | Os EUA renunciam ao direito de intervir em assuntos internos cubanos

1956 | **Fidel Castro** chega a Cuba com seus guerrilheiros

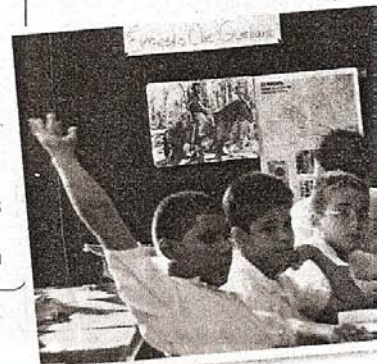
1958 | Os EUA retiram o apoio militar a Batista

1959 | Castro toma o poder

1961 | Os EUA patrocinam uma tentativa de invasão de Cuba por exilados cubanos anticastristas

1962 | Castro autoriza a União Soviética a instalar mísseis nucleares no país. Os EUA impõem bloqueio econômico à ilha

Fotos: Hughes Hervé/AFP, Bettmann/Corbis/Latin Stock, AP (2), Lynne Sladky/AP, Lynne Sladky/AP, Archivo Boletín/APP, José Gollis/AP e David J. Phillip/AP



ANEXO C

Revista Isto É

Isto
v.31, n.1999, fev. 2008

PER
10610717

EXCLUSIVO O relatório
e os documentos da PF
sobre a Operação Navalha

terceiro fascículo da Novíssima
Gramática Ilustrada Sacconi

GRÁTIS!

www.istoe.com.br

EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

RS7,90

€ 5,00

foto: marcelo scavone

www.istoe.com.br

- Mulheres que tomam anticoncepcionais e fumam multiplicam as chances de trombose após a cirurgia
- Conheça a tabela que indica o seu risco
- Saiba o que vai determinar o sucesso ou o fracasso da lipo

A VERDADE SOBRE A LIPO



CLAUDIO GATTI/AG. SETE

40 HISTÓRIA

Curió, o militar que comandou a ofensiva contra a Guerrilha do Araguaia, rompe o silêncio e revela um suposto cemitério clandestino

28 OPERAÇÃO NAVALHA

Relatório da PF complica o ex-ministro Silas Rondeau e o governador do Piauí, Wellington Dias

46 ESPANHA

Conheça a história das viajantes brasileiras impedidas de entrar no país

52 RELIGIÃO

A doutrina divulgada pelo astro Tom Cruise torna-se religião em vários países europeus

64 CAPA

Saiba quais são os fatores de sucesso e fracasso da lipoaspiração, a cirurgia plástica mais popular do mundo

88 MÚSICA

Álbuns da cantora Carla Bruni, agora primeira-dama da França, chegam ao Brasil



EMERSON

74 CUBA

Renúncia de Fidel Castro sinaliza mudanças políticas e econômicas na ilha

82 CIÊNCIA

Nasa confirma existência de petróleo em Saturno

90 CULTURA

O detetive Sherlock Holmes, criação de Arthur Conan Doyle, faz sucesso há 120 anos

SEÇÕES**8 ENTREVISTA****11 CARTAS****20 A SEMANA****26 BRASIL****CONFIDENCIAL****62 GENTE****73 SEU BOLSO****96 EM CARTAZ****98 BASTIDORES****EDITORIAL****O adeus de Fidel**

A notícia correu os quatro cantos do mundo: Fidel saiu de cena. Saiu? Qualquer observador mais atento notará que não. Cuba está impregnada de Fidel e mesmo os eventuais sucessores seguem por sua cartilha, e assim devem continuar por algum tempo. Quase 50 anos após a revolução daqueles românticos guerrilheiros liderados pelo Comandante, como era chamado, Cuba ficou para trás. Parece parada no tempo, política e economicamente. Apresentou avanços dignos de nota na educação e saúde. Mas enclausurou-se numa redoma de idéias atrasadas, levadas adiante na base da tirania. Cuba vingou até aqui como último reduto firme de um modelo político que caiu por terra e ainda não mostra muito empenho em mudar esse status.



HO, JIMMIE LO REUTEMAN

A ilha que o próprio Fidel acostumou a definir como um risco no mapa não tem hoje nem a mera noção de como se integrar à economia globalizada em curto espaço de tempo. Alijada do processo de modernidade devido ao embargo americano, Cuba resiste como uma caricatura de si mesma. Fidel, após anos de resistência, assumiu ares pitorescos. Nem mesmo os ferrenhos adversários, como os EUA, acreditam firmemente numa conversão do dia para a noite. A Cuba de Fidel continuará como Cuba de Fidel. Mesmo sem Fidel. Ele sai dos holofotes, mas há quem diga que nos bastidores da cena, apesar de adoentado, alquebrado e sem aquela verve de discursos intermináveis, continuará dando as cartas e o rumo da ilha. A abertura, como em todas as ditaduras à esquerda e à direita que vingaram por aqui, deverá ser "lenta, gradual e segura". A indicação do irmão de Fidel, Raúl Castro, é um sintoma dessa tendência. Outros muitos estão espalhados pelas ruas de Havana e arredores. A maneira como os cidadãos cubanos ainda são tratados, privados dos mais elementares direitos, diz muito de um país que – com 11 milhões de habitantes e PIB magro, de pouco mais de US\$ 40 bilhões – enfrenta agora o grande desafio da integração. Uma integração tardia, porém vital para a sua sobrevivência.

CARLOS JOSÉ MARQUES,
DIRETOR EDITORIAL



Renúncia do comandante,
depois de quase meio século
no poder, abre período
de transição controlada

A ilha sem FIDEL CASTRO

Por LUIZA VILLAMÉA

A carta anunciando o afastamento oficial de Fidel Castro do comando de Cuba veio a público na terça-feira 19, mas estava sendo rascunhada há tempos. Em março de 2003, falando a seus companheiros na Assembleia Nacional (Parlamento cubano), Fidel prometeu continuar ao lado deles o tempo que fosse necessário, “nem um minuto a mais, nem um minuto a menos”. Por outro lado, partilhou a intenção de se manter ativo e influente

enquanto a saúde permitisse. “Agora compreendo que meu destino não era vir ao mundo para descansar no final da vida.” Onze anos antes, em fevereiro de 1992, durante um jantar no Palácio do Governo, em Havana, mostrou que estava atento à sua saúde e aos frequentes comentários a respeito dela na imprensa internacional. “Não adianta procurar sinais de debilidade”, disse a esta repórter, mostrando as mãos longas, com unhas compridas e bem tratadas. “Estou firme.”



SEMPRE ALERTA
Mesmo depois de ter
dito adeus aos cargos,
Fidel apontou suas
baterias contra
os Estados Unidos

ESPECIAL

Na época, a imagem do imponente guerrilheiro que afugentara o ditador Fulgêncio Batista tinha cedido espaço para a do governante de farda, que se perpetuara no poder e colocara a pequena ilha do Caribe em descompasso com o mundo desenvolvido. O colapso da União Soviética, no ano anterior, havia implicado a perda de US\$ 6 bilhões em subsídios anuais. O regime implantado em 1959 parecia estar se extinguindo. Cuba vivia o chamado Período Especial, marcado por uma profunda crise e severo racionamento de alimentos e combustíveis, do qual começou a sair quando promoveu uma pequena abertura em suas relações econômicas com o resto do mundo.

Depois, graças principalmente ao petróleo do presidente venezuelano Hugo Chávez, Fidel não apenas sobreviveu como conseguiu criar condições para controlar a própria sucessão. **Mesmo com a saúde debilitada, recuperando-se de uma enfermidade abdominal não esclarecida, ele só renunciou à Presidência um ano e meio depois de transferir o cargo "provisoriamente" a seu irmão, o ministro da Defesa Raúl Castro.** "Não me despeço de vocês. Desejo apenas combater como um soldado das idéias. Seguirei escrevendo sob o título 'Reflexões do companheiro Fidel' ", avisou, fazendo referência à série de artigos que começou a publicar no ano passado no *Granma*, o jornal oficial do país. "Será mais uma arma do arsenal com a qual se poderá contar."

Na prática, a carta de Fidel só tornou oficial um processo que já se desenrolava nos bastidores do regime: ele se retira de cena, mas, na medida de suas forças, continua no jogo. "O poder de Fidel não vem de sua posição, vem do fato de ele ser Fidel", costuma repetir um dos mais respeitados dissidentes do país, o engenheiro Oswaldo Payá. À frente do grupo pró-democracia Projeto Varela, na semana passada Payá voltou a pedir a convocação de eleições livres e a libertação dos presos políticos, para que "o povo cubano possa começar uma nova etapa de sua vida".

No que diz respeito à sucessão, não há mudanças significativas à vista. O cenário que se desenha na ilha é a eleição de Raúl Castro neste domingo 24 pelos 614 integrantes da Assembleia Nacional eleitos em janeiro. Conhecido como El Chino, por causa dos olhos puxados, Raúl vem dando mostras de seu compromisso com as reformas, embora na última reunião do Parlamento, em dezembro passado, tenha declarado que não dava para avançar "tão rápido" quanto desejam alguns

TRIUNFO Fidel, Che Guevara (no banco de passageiro) e companheiros desfilam por Havana depois da fuga do ditador Fulgêncio Batista



O desafio do sucessor de Fidel é colocar Cuba em compasso com o mundo desenvolvido, conciliando abertura política e econômica

SUPERSTUDIO/ALPO KEYSTONE



setores. De imediato, a maior expectativa é com relação a quem será o segundo na hierarquia e como se dará a divisão do poder. Os mais cotados são o vice-presidente do Conselho de Estado, Carlos Lage, um pediatra de 56 anos que arquitetou as reformas econômicas dos anos 90; o presidente da Assembleia Nacional, Ricardo Alarcón, 71 anos; e o chanceler Felipe Pérez Roque, 42 anos, uma liderança em ascensão.

CICLO HISTÓRICO
Durante 49 anos, a trajetória de Cuba esteve vinculada à de Fidel

1926

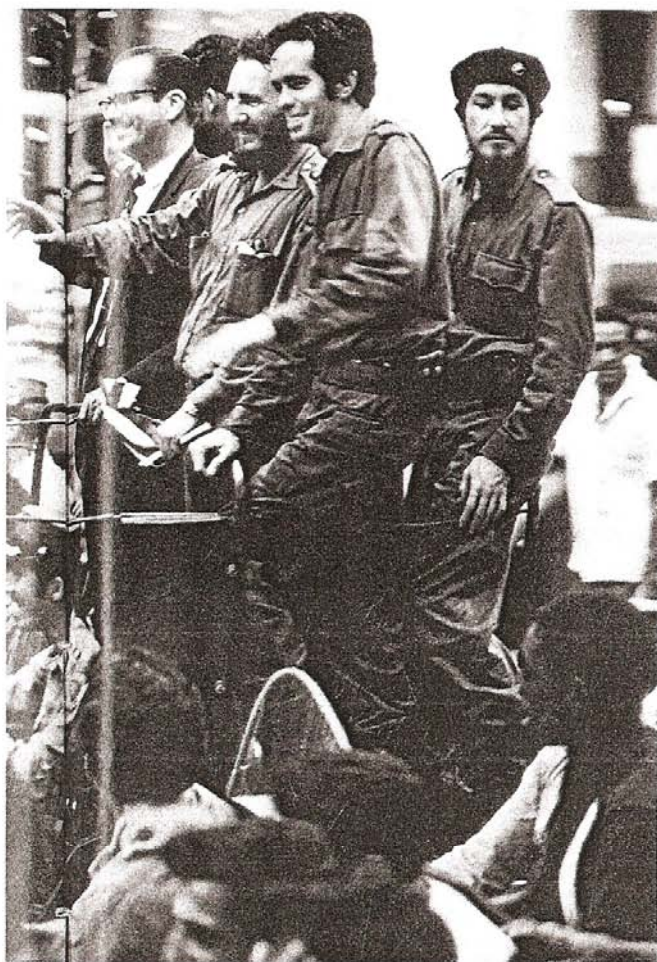
Fidel Alejandro Castro Ruz nasce em 13 de agosto em Birán, filho de um fazendeiro bem-sucedido de origem espanhola. Estuda em um colégio jesuíta



1953



Fracassa a tentativa de tomada do quartel de Moncada, rebelião contra a ditadura de Fulgêncio Batista, liderada por Fidel. Ele é condenado a 15 anos de prisão



a
lo
le
is
ia
5-

Principal artífice da aproximação da Igreja Católica com o regime de Fidel, que culminou com a visita do papa João Paulo II a Cuba em 1998, o religioso brasileiro Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, está convencido de que haverá um aprimoramento do socialismo. "Nem os bispos católicos de Cuba torcem mais pelo capitalismo", afirma ele, cujo livro *Fidel e a religião* ultrapassou a marca de 1,3 milhão de exemplares vendidos na ilha. "Os cubanos olham em volta e não desejam que o futuro de seu país seja o presente de

Honduras ou da Guatemala." Durante sua última viagem a Cuba, às vésperas do anúncio de Fidel, frei Betto conversou longamente com Raúl, que estava entusiasmado com os acordos firmados com o Brasil em janeiro e, em particular, com a perspectiva de a Petrobras levar tecnologia a Cuba para explorar petróleo no Golfo do México.

Raúl, que já vinha incentivando um processo interno de críticas "construtivas à revolução", tem pela frente a tarefa de promover uma efetiva abertura econômica do país. Trata-se de uma missão complicada. Talvez por isso mesmo ele tenha passado a repetir o slogan divulgado no país durante o Período Especial – "Sí, se puede" –, por coincidência um dos lemas da campanha do democrata americano Barack Obama. **De qualquer forma, a idéia de conciliar manutenção do cerceamento político com reforma econômica não parece promissora, em especial pela expectativa por mudanças que se prolifera no país.** Um reflexo desse sentimento foi o recente episódio, gravado em vídeo, no qual um estudante da Universidade de Ciências Informáticas de Havana pergunta a Ricardo Alarcón, que é o principal consultor de Fidel para relações com os Estados Unidos, "por que os cubanos precisam trabalhar três dias para comprar uma escova de dentes". Não demorou muito para o estudante, Aliécer Ávila, aparecer em público e dizer que fora mal interpretado. O fato é que, naquela altura, o vídeo fazia sucesso no mercado negro da ilha.

Com 11,4 milhões de habitantes e pouco mais de 110 mil quilômetros quadrados, Cuba deve adotar um modelo econômico similar ao chinês, expandindo as parcerias já existentes com empresas privadas e públicas de países capitalistas. Ao mesmo tempo, tentará encontrar uma forma de manter as conquistas sociais adquiridas no decorrer dos 49 anos em que Fidel se manteve no poder, principalmente nas áreas de educação e saúde. Se depender do presidente americano George W. Bush, continuará a enfrentar o embargo econômico imposto em 1962, em represália às expropriações de propriedades de americanos na ilha. "Estou falando de eleições livres e justas, não dessas eleições manipuladas que os irmãos Castro tentam impor como uma democracia verdadeira", disse Bush em Ruanda, na África.



Em janeiro, os EUA rompem relações com Havana. Em abril, Cuba derrota 1.300 anticomunistas treinados pela CIA que tentam invadir o país pela Baía dos Porcos

1955

Depois de escrever sua própria defesa, *A história me absolverá*, Fidel é anistiado e se exila no México. Lá, organiza um movimento de resistência a Batista

cada,
erada



1956

Fidel e 81 guerrilheiros desembarcam em Cuba do iate *Granma*, mas são surpreendidos pelo Exército. Os 12 sobreviventes montam uma guerrilha em Sierra Maestra

1959

Batista foge para Miami, Fidel entra em Havana. O novo governo cria tribunais para julgar contrarrevolucionários e começa as reformas urbana e agrária

1961

UMA TRANSIÇÃO INTRANSITIVA?

Ditadores não costumam renunciar pacificamente, ainda mais quando são tão carismáticos a ponto de se transformarem em mitos políticos em vida, como Fidel Castro. Ou eles morrem no poder, vetustos, ou caem antes em desgraça e dele são apeados pela força – dos palácios ou das ruas. Regimes comunistas tendem a se sair melhor do que seus congêneres de direita no engenho e na arte de controlar a transição política depois da morte do Grande Líder, embora quase nunca na direção desejada por este. Vladimir Lênin, que liderou a Revolução Bolchevique de 1917, percebeu no leito de morte que o fiel Josef Stálin distorcera seu projeto político. O ex-seminarista se apossou do aparelho burocrático do Partido Comunista e, atra-

vés dele, chegou ao Kremlin, derrotando seus inimigos Trotsky, Bukhárin e Kamenev, intelectualmente muito mais qualificados do que ele. Mas o próprio Stálin, em quase três décadas de autocracia, também pagou caro por não cuidar da sua herança política, deixando seus epígonos se digladiarem. Em 1956, três anos depois da morte do Guia Genial dos Povos, seus crimes foram denunciados pelo novo líder soviético, Ni-



EM FAMÍLIA Raúl (à dir.) sucederá ao irmão

kita Kruchóv, no relatório ao XX Congresso do PCUS. Na China, Mao Tsé-tung quase destruiu o país ao lançar a Revolução Cultural Proletária (1966-1976) para se manter como Grande Timoneiro. Mas ele também não conseguiu forjar um herdeiro a tempo e as lutas internas fizeram com que Deng Xiaoping, principal adversário de Mao, voltasse ao poder em 1978. Ele promoveu uma revolução econômica, desta vez capitalista, mas sob a égide do PC. O “pequeno timoneiro” enterrou assim a utopia camponesa maoísta, embora tivesse o cuidado de lhe prestar honras rituais.

Atento observador da história, Fidel vem há tempos preparando sua sucessão de maneira a evitar que sua obra seja desmantelada no dia seguinte à sua morte. O processo teve lances dramáticos. Em junho de 1989, quando o bloco soviético se desfazia a olhos vistos, quatro membros do primeiro escalão cubano foram presos e levados a uma corte marcial sob a acusação de corrupção e tráfico de drogas. O principal acusado foi o general Arnaldo Ochoa Sánchez,

Nos Estados Unidos, porém, um grupo de mais de 100 congressistas já despachou para a secretária de Estado, Condoleezza Rice, um documento requerendo “revisão completa” da política. O tema também deve permear a campanha presidencial americana. O candidato republicano, John McCain, é a favor do embargo até a realização de eleições livres e a libertação de todos os prisioneiros políticos. Hillary Clinton e Barack Obama, que ainda disputam a vaga democrata, sinalizaram no passado disposição em amenizar o embargo, mas agora se mostram mais cuidadosos. Por trás da cautela estão os votos da comunidade cubano-americana

da Flórida, estimada em 500 mil pessoas, fundamental para definir quem será o concorrente democrata de McCain. **“Um a um, os candidatos se sentiram obrigados a exigir que Cuba fizesse mudanças imediatas, para não correrem o risco de perder o único voto que fosse”, escreveu Fidel no Granma. “Mudança, mudança, mudança!, gritaram em uníssono. Eu concordo, mas mudança também da parte dos EUA”.**

Aos 81 anos, Fidel escolheu a dedo o momento para sua retirada de cena, embora compelido pela fragilidade física, como ficou evidente em uma de suas mais recentes imagens públicas, durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Quase meio século se passou desde que uma sucessão de ataques desfechados pela guerrilha que comanda-

1962

Os EUA impõem um embargo econômico a Cuba. A instalação de mísseis soviéticos no país leva o presidente John Kennedy a decretar um bloqueio naval da ilha

1965

Castro funda o novo Partido Comunista de Cuba e se torna seu primeiro-secretário. Che Guevara parte para liderar revoluções no Congo e depois na Bolívia

1968

Cuba se alinha decisivamente à URSS na disputa ideológica contra a China. Sete anos depois, envia tropas regulares para ajudar o governo marxista de Angola

1980

Cerca de 125 mil cubanos “descontentes” saem do país em direção aos EUA

1991

Com o fim da União Soviética, Cuba fica sem subsídios econômicos



comandante das tropas cubanas em Angola. Militar brilhante e condecorado, Ochoa criticava Fidel e simpatizava com a *perestroika*, a via reformista de Mikhail Gorbachov. O general foi detido pouco antes de sua nomeação como comandante da poderosa região militar ocidental, julgado e fuzilado dias depois. "Com a execução de Ochoa e seus amigos, mediante um amplo expurgo de oficiais descontentes, Castro enviou uma advertência às Forças Armadas: Cuba não toleraria o 'novo pensamento' que ameaçava sacudir o bloco soviético", escreveu Andrés Oppenheimer em *La hora final de Castro*. Os militares foram enquadados e desapareceu assim uma potencial ameaça ao poder do comandante.

Depois disso, o roteiro de Fidel vem combinando duas variantes da transição definidas pelos analistas franceses Denis Rousseau e Corinne Cumerlato, autores do livro *L'Île du docteur Castro*: a sucessão dinástica ("roteiro norte-coreano") e a transição conduzida pelo comandante ("roteiro chileno"). A primeira é inspirada no ditador comunista da Coreia do

Norte Kim Il Sung, que reinou 46 anos e nomeou como sucessor o filho Kim Jong Il. Raúl Castro, comandante das Forças Armadas Revolucionárias e vice-presidente do Conselho de Estado, é há tempos o herdeiro designado de Fidel. Menos carismático mas mais pragmático do que o irmão, além de idoso (76 anos), Raúl poderá formar uma liderança colegiada, confiando a condução do governo a homens como Carlos Lage, Ricardo Alarcón e Pérez Roque.

Por sua vez, a "via chilena" da transição se revela agora com um Fidel renunciando às suas responsabilidades formais e atuando nos bastidores como um "grande magistrado". E, por incrível que pareça, até setores da oposição acreditam que este seja o caminho político mais adequado. "É preciso que Castro facilite o processo de mudança, dele participe e mesmo o conduza", diz o dissi-



Fidel aprendeu a não repetir os erros de alguns líderes comunistas

dente cubano Elizardo Sánchez. "Participar de um processo de mudança permitiria a Fidel Castro preservar sua lenda de revolucionário emblemático e carismático. Também lhe permitiria proteger sua vida e a de seus homens. Como fez Augusto Pinochet no Chile", compara. "Paradoxalmente, Fidel é o

principal obstáculo a uma transição democrática e, ao mesmo tempo, é o único que pode conduzir as mudanças de maneira pacífica", atesta Eduardo García Moure, líder de uma organização sindical cubana no exílio.

É cedo para saber se a fórmula de Fidel manterá intacto o modelo por ele criado. Se assim for, a "vista do amanhecer no trópico" continuará sendo apenas o nome de um romance de Guillermo Cabrera Infante.

CLÁUDIO CAMARGO

va provocou a fuga do ditador Fulgêncio Batista e dos latifundiários que exploravam as plantações de açúcar da ilha. "Fidel é o único mito vivo da história da humanidade", disse Lula em Vitória (ES), ao ser informado sobre a renúncia. "Acho que ele construiu isso à custa de muita

competência, muito caráter, muita força de vontade e também de muitas divergências, ou seja, muita polêmica." Entre os pontos mais con-

troversos está o tratamento dado aos inimigos do regime: prisão e, em muitos casos, fuzilamento. Seu adeus representa o primeiro passo no distanciamento necessário para responder a uma de suas frases mais célebres: "Podem condenar-me, não importa, a história me absolverá." Por enquanto, Fidel desperta paixões com a mesma intensidade que ódios. Da primeira vez que proferiu a frase, em sua defesa pela tentativa de ataque ao quartel de Moncada em 1953, acabou condenado a 15 anos de prisão. ■



1998

O papa João Paulo II visita Cuba. Fidel transforma em escândalo internacional a saga de Elián González, o sobrevivente de um naufrágio resgatado por parentes na Flórida

2003

Numa ofensiva do regime cubano contra dissidentes, 75 intelectuais e escritores pró-democracia são presos e condenados a longas penas de prisão



2008

Depois de ficar um ano e meio afastado da Presidência por problemas de saúde, Fidel renuncia aos seus cargos. Passou a escrever no *Granma* e a receber líderes amigos, como Lula

ANEXO D

Revista Veja



Carta ao leitor

Fidel já vai tarde

Na semana passada, quase meio século depois de implantar em Cuba uma versão comunista do velho caudilhismo ibero-americano, Fidel Castro anunciou sua renúncia dos postos mais altos da hierarquia da ilha, a Presidência e a chefia das Forças Armadas. Não se enxergue no gesto nenhuma generosidade ou desprendimento. Fidel saiu porque está em fase terminal de uma doença grave. Fôlego tivesse, os cubanos ainda teriam de suportá-lo por mais tempo, adiando sabe-se lá até quando a tentativa de retornar à vida normal em uma sociedade aberta.

Quem mais sofreu sob Fidel Castro foram os cubanos. O ditador matou quase 10000 pessoas ao cabo de julgamentos sumários. Mais de 2 milhões fugiram para o exterior. Os outros 11 milhões que permaneceram cativos vivem há décadas em estado de penúria moral, miséria física e desesperança, o cardápio clássico das ditaduras. Mas a renúncia do ditador é uma boa notícia também para outros países latino-americanos. Durante décadas, Fidel foi a fonte geradora de utopias enganosas às quais gerações de latino-americanos se agarraram, a maioria em boa-fé, como alternativa para sair da miséria, que viam como resultado da exploração e do desprezo dos Estados Unidos. Há muito tempo, porém, ficou evidente que as origens do atraso nos países da América Latina deveriam ser buscadas nas próprias decisões erradas que aqui se tomavam. Em muitos países essa dedução lógica redundou em pouca ou nenhuma ação na direção correta, em grande parte pela reação raivosa dos movimentos de esquerda inspirados na utopia farsesca de Fidel Castro com suas bandeiras de "Não às reformas burguesas!", "Não às privatizações!"...

A mais extraordinariamente burra dessas bandeiras igualava a um vendilhão da pátria o governante que insistisse em honrar a dívida externa. No Brasil tentou-se até convocar um plebiscito para obrigar o governo a dar o calote na dívida. Fidel não perdia uma chance de incentivar essa e outras bandeiras populistas. É auspicioso constatar que, na mesma semana em que o caudilho saiu de cena, o governo brasileiro anunciou a morte da dívida externa.

Pela primeira vez na história, a diferença entre a dívida e os ativos brasileiros no exterior é positiva para o Brasil em 4 bilhões de dólares. Essa situação confortável abre caminho para uma convivência com nossos parceiros comerciais ainda mais vantajosa para nós. O Brasil chegou a ela porque vem fazendo na economia justamente o contrário de tudo o que preconizam Fidel e seus seguidores. Por essa e outras razões é que brasileiros e outros povos latino-americanos podem dizer com a boca cheia que ele "já vai tarde".

**Fidel nos anos 60:
bandeiras erradas**

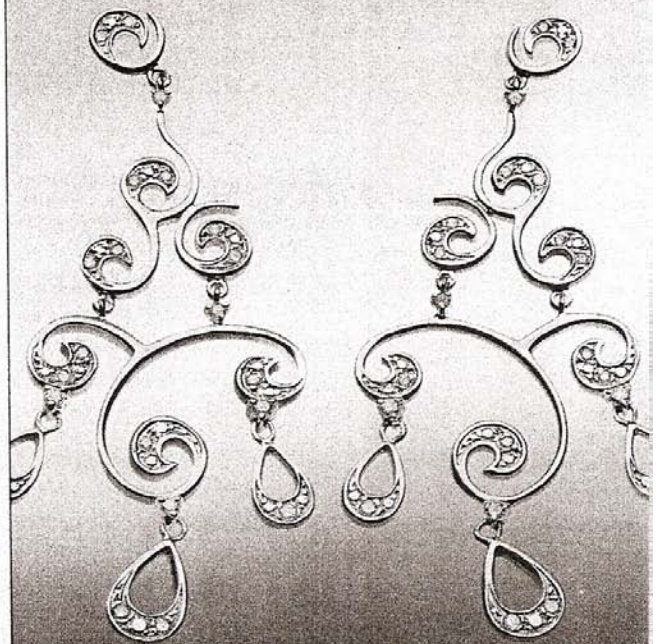


veja 27 de fevereiro, 2008 9

LIZARD.


Par de brincos de ouro branco 18K com diamantes.
10x R\$ 382 ou R\$ 3.820. Validade: 08.03.2008.
Peças ampliadas para mostrar detalhes.
VE 0656 | ©H.Stern 2006 | 0800.227442

www.hstern.com.br



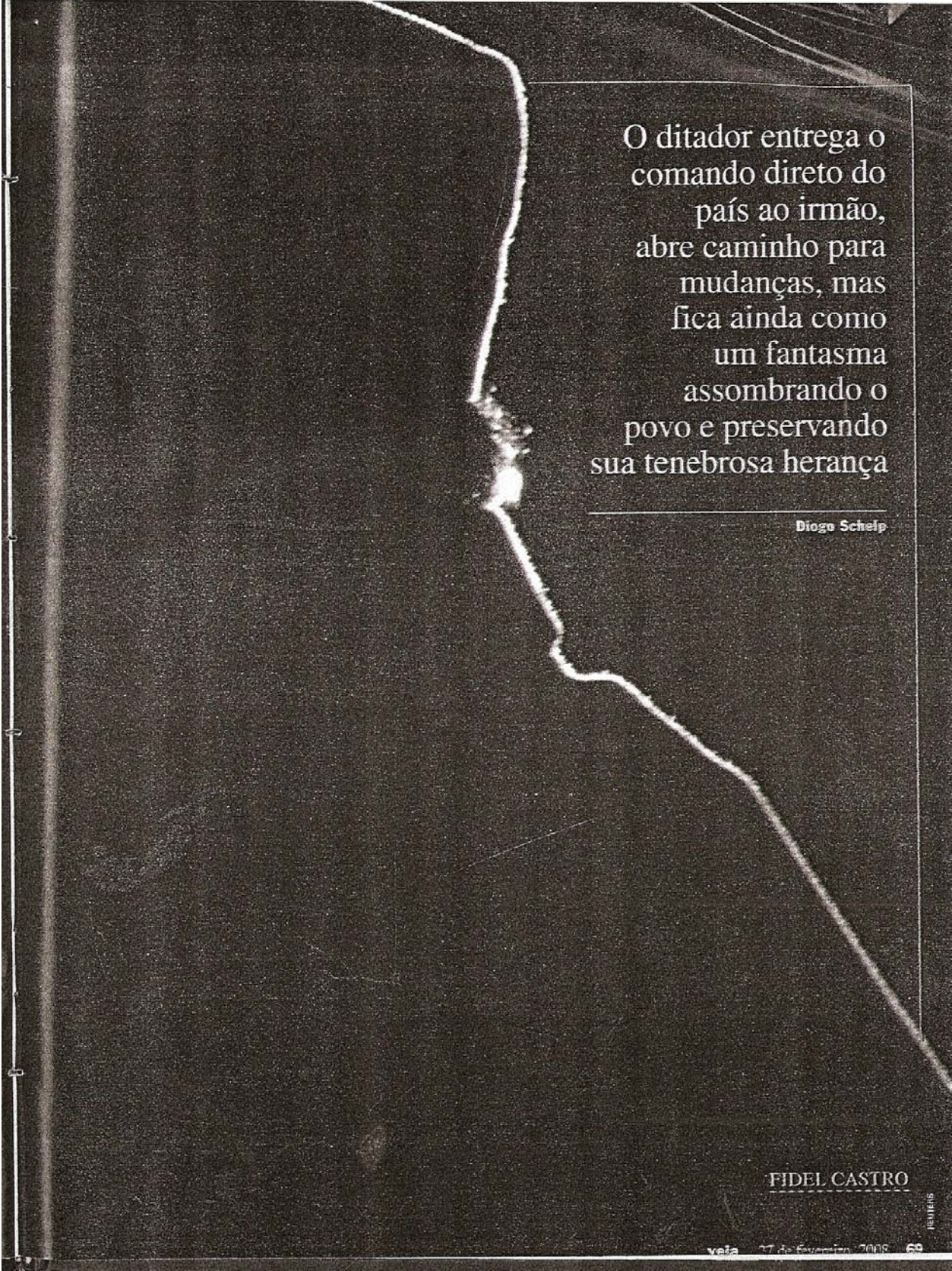
H. Stern

Cuba



**UM PAÍS
DE MUITO
PASSADO
AGORA
TEM ALGUM
FUTURO**

68 27 de fevereiro, 2008 veja



O ditador entrega o
comando direto do
país ao irmão,
abre caminho para
mudanças, mas
fica ainda como
um fantasma
assombrando o
povo e preservando
sua tenebrosa herança

Diogo Schelp

FIDEL CASTRO

veja 17 de Fevereiro 2008 69

REUTERS



TIME & LIFE PICTURES/GETTY IMAGES

DAVI E GOLIAS

Enquanto Fidel reinou, os Estados Unidos tiveram dez presidentes. O clima de confronto com o vizinho poderoso fortaleceu o poder do ditador, que pôde posar de Davi na luta contra Golias. Fidel em piscina em visita à Romênia, em 1972, e, ao lado, americanos assistem a discurso de Kennedy durante a crise dos mísseis, em 1962

Em 1953, levado a julgamento pelo crime de ter enviado seus primeiros seguidores para um ataque suicida a um quartel, o jovem advogado Fidel Castro Ruz assumiu a própria defesa e o fez de forma magnífica. Antecipando a retórica magnética, grandiosa, arrogante mas farsesca que o caracterizaria pelo resto da vida política, disse aos juízes: "A história me absolverá". Passou-se mais de meio século e, aos 81 anos, conceda-se, Fidel está diante do tribunal da história. Visto o sofrimento que infligiu ao povo durante 49 anos como senhor absoluto de Cuba, a absolvição está fora de cogitação. Cabe recurso? Não dá mais tempo. Fidel está em fase terminal de uma grave doença e, na semana passada, anunciou que não mais concorreria à eleição indireta que escolhe o presidente e o comandante-em-chefe das Forças Armadas.

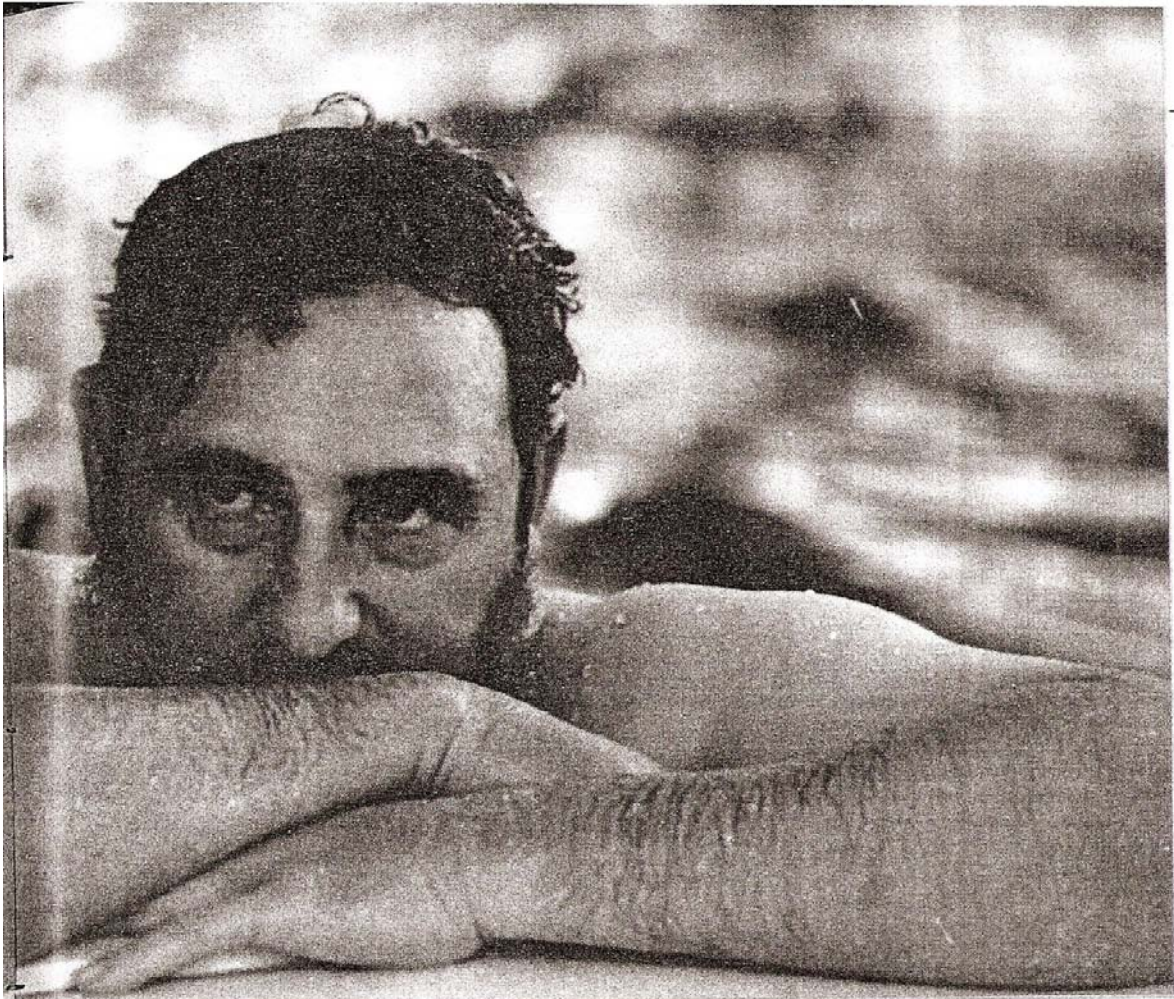
Seus apaniguados viram o gesto como prova de desprendimento do comandante e evidência de modéstia e renúncia pessoal em benefício da pátria. Tudo encaenação. Nem que quisesse, a saúde debilitada e a velhice lhe permitiriam candidatar-se a algo mais do que uma vaga no jazigo dos heróis na Praça da Revolução. Diante de uma impossibilidade finge que está por cima. Vintage Fidel. Clássico Fidel. Vai anunciar o corte da cota de leite para a população adulta de Havana? Diga à multidão que não faltará leite para as crianças. Vai ter de recuar, desmontar os mísseis atômicos soviéticos e devolvê-

los a Moscou? Diga que Cuba é soberana e pode ter as armas que quiser: "Os mísseis se vão. Mas ficam todas as demais armas" — como se isso fosse algum consolo. Mas as massas vão acreditar. Foi pego exportando terroristas para insuflar a subversão em outros países? Diga que, se quisesse mesmo fazer terrorismo, Cuba produziria "excelentes terroristas, e não esses incompetentes que foram presos". Está difícil explicar a miséria franciscana da economia cubana? Diga que quem está mal são os Estados Unidos ("os ianques estão falidos"), o Japão ("tenho pena dos japoneses") e a Europa ("o velho continente está esgotado"). Está prestes a morrer, não consegue caminhar nem discursar? Diga que vai apenas mudar de posto, mas que o combate continua.

Todo político tem de ser bom mentiroso. Para ser Fidel é preciso, no entanto, ser um grande farsante. Ele é um dos maiores que a história conheceu. É presidente de uma nação paupérrima, mas vive como um cônsul romano que come lagostas quase todos os dias? Negue: "Temos as lagostas mais doces do Caribe, mas não as comemos. Trocamos por leite para as crianças". Vive cercado de um aparato de segurança que parece um bunker ambulante? Invente que é um homem simples que às vezes anda só pelas ruas, como um filósofo peripatético absorto em uma paisagem idílica: "Outro dia, no México, ia só pela rua, só como uma pomba...".

Desde os primeiros momentos da revolução que o levou ao poder, em janeiro

de 1959, Fidel mostrou a utilidade política de um grande fingidor. Quando começaram os julgamentos sumários com o objetivo de criar um clima de terror e matar os inimigos, e até alguns amigos políticos, Fidel não aparecia como carrasco (esse era o papel do argentino Che Guevara) nem como juiz. Fingia não se envolver. Em uma aparição famosa, ele vai ao tribunal do júri e faz um discurso mercurial: "Que esta revolução escape da maldição de Saturno. E que é a maldição de Saturno? É o dito clássico, o refrão clássico de que, como Saturno, as revoluções devoram seus próprios filhos. Senhoras e senhores deste tribunal, que esta revolução não devore seus próprios filhos". Lindo? Sim, mas era uma farsa. Naquele mesmo dia, dois jovens combatentes comunistas urbanos que não lutaram na guerrilha rural de Castro foram condenados à morte. A revolução devorava alguns de seus próprios filhos. Mas o que ficou? O discurso inflamado com referências eruditas. Fun-



ciona sempre? Não. Funciona em Cuba, que tem Fidel e algumas outras características que ajudam esse tipo de farsa a passar por verdade. Ajuda muito banir a imprensa, dominar a televisão e o rádio, proibir a entrada de jornais estrangeiros no país e impedir os cidadãos de viajar para o estrangeiro. Ajuda enjaular por tempo indeterminado, e sem juízo formado, toda a oposição. Ajuda muito abolir as liberdades individuais e ser o ditador de uma ilha, um país-cárcere. Eis a grande obra de Fidel Castro em meio século de governo. A história o absolverá? Difícil.

Cuba tem um presidente, mas não uma Presidência. Fidel Castro é a revolução. Lealdade ao estado cubano é a lealdade a Fidel. Naturalmente, à medida que se aproxima o dia de seu desaparecimento, a questão da sucessão provoca tremenda incerteza e instabilidade potencial. Sobre tudo porque em ditaduras personalistas a sucessão para valer geralmente só pode ocorrer depois da morte do grande cací-

que, mesmo que ele tenha passado muito tempo incapacitado de governar. A lenta agonia de Mao Tsé-tung e de Leonid Brejnev congelou a China e a União Soviética por anos. O mesmo ocorre com Fidel. Em julho de 2006, sabendo-se entre a vida e a morte, ele foi forçado a delegar ao irmão, Raúl, o título de presidente em caráter provisório. O anúncio de que não mais voltará ao cargo ocorreu seis dias antes de a Assembléia Nacional aprovar o novo Conselho de Estado e seu presidente (o mais graduado título de Fidel desde que o Conselho foi estabelecido, em 1976). É quase certo que Raúl será confirmado no cargo. Mas os camaradas podem optar por um homem mais jovem, o vice-presidente Carlos Lage, 56 anos, de forma a evitar a necessidade de nova sucessão em curto prazo, já que Raúl está com 76 anos. É bem possível que Lage se torne, por enquanto, o número 2 de Cuba, o lugar até agora ocupado pelo primeiro-irmão. Toda a movimentação, no final das contas, faz

parte do jogo de paciência. Enquanto estiver neste mundo, Fidel continuará a ser a voz forte nas decisões estratégicas.

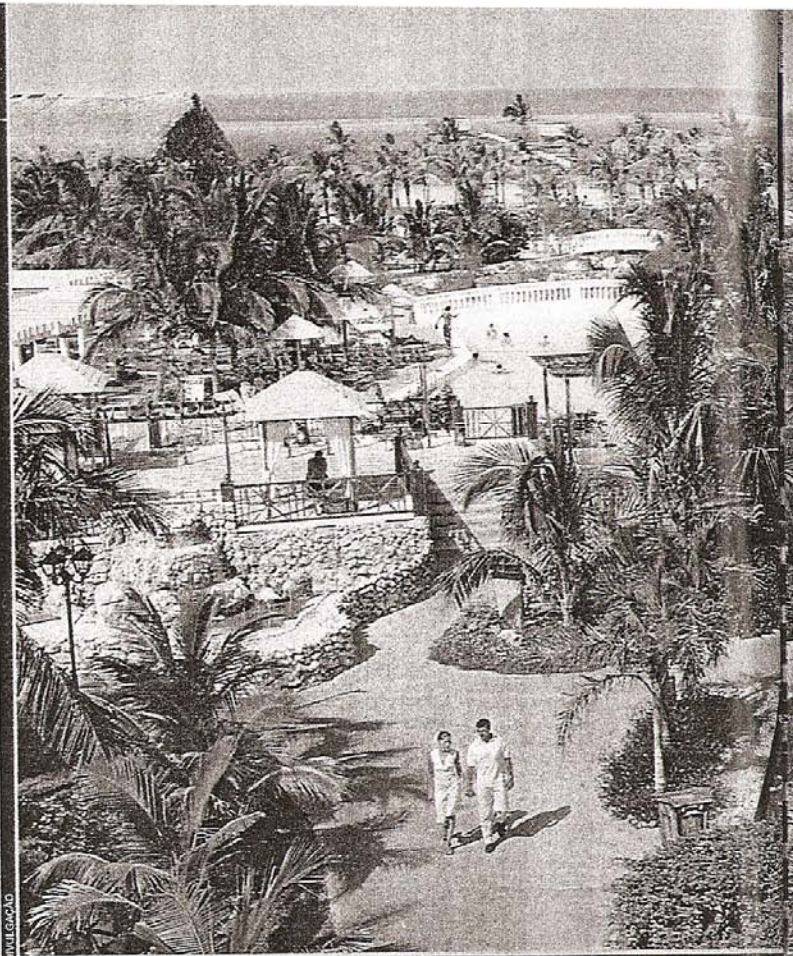
O que será de Cuba depois que Fidel for se encontrar com Marx no céu dos comunistas? O regime cubano, da forma como nós o conhecemos, não pode sobreviver a seu criador. No dia seguinte ao funeral do "comandante-en-jefe", tudo parecerá no mesmo lugar — o Partido Comunista, a polícia política, os ministérios, a camarilha dirigente —, mas essa estrutura terá a consistência de um painel cenográfico. Fidel Castro liderou uma revolução cara à imaginação da esquerda latino-americana. Sobreviveu à inimizade dos Estados Unidos, lutou na linha de frente da Guerra Fria e, seu feito mais notável, sobreviveu ao colapso do patrono soviético. No curso dessa carreira, ele pegou uma ilha caribenha, cujo destino natural era a irrelevância, e a colocou no centro das preocupações internacionais. Não há ninguém com o currículo e o talento necessá-

rios para ocupar o posto de comandante-em-chefe e ser levado a sério pela população da ilha. Dois terços dos 11 milhões de cubanos nasceram depois de 1959 e não conheceram outro líder exceto Fidel. "Nos livros escolares, Fidel é enaltecido como o grande pai, aquele que trabalha dia e noite para proteger os cubanos", disse a VEJA o historiador argentino Carlos Malamud, do Instituto Real Elcano, em Madri.

Raúl ganha o cargo, mas falta-lhe o carisma necessário para ocupar o papel de pai da pátria que seu irmão encarna. A ilha foi submetida a um processo traumático por meio século. Fidel derrubou um sargento ignorante e corrupto, detestado pelos cubanos e desprezado pelo mundo. Não fez isso apenas com seu grupo de guerrilheiros barbudos em Sierra Maestra. A revolução cubana foi produto da vontade de uma frente ampla de estudantes, partidos políticos, organizações profissionais e contou com o entusiasmo da população cubana. O objetivo capaz de aglutinar toda essa gente era a restauração da Constituição democrática de 1940, rasgada pelo ditador Fulgencio Batista. Fidel traiu todos eles. No fim de 1959, já tinha iniciado a repressão política. Dois anos depois, aproveitou-se das rivalidades da Guerra Fria para instalar o comunismo e se tornar cliente da União Soviética. Fuzilou antigos aliados, destruiu famílias e arruinou as esperanças de duas gerações de cubanos.

Quem pôde fugiu. Há 2 milhões de exilados — um em cada seis cubanos vive no exterior, uma proporção de exilados maior que a existente no Afeganistão, país devastado por trinta anos de guerra civil. O governo de Fidel Castro é agente do maior fracasso material da história das ditaduras latino-americanas. O comunismo foi formalmente estabelecido em abril de 1961. A economia planificada foi um desastre imediato. O racionamento de alimentos, que ainda persiste, começou no ano seguinte. O salário médio de um trabalhador cubano equivale a 10 dólares. A produtividade dos canaviais de Cuba, que já foi o maior produtor mundial, hoje é de 27 800 quilos por hectare, um índice baixíssimo. No Brasil, é de 73 900 quilos.

Cuba não teria sido o que foi nos últimos 49 anos se não fosse Fidel e, pelo mesmo motivo, está fadada a mudar com ele fora do poder. Não é fácil, pois a receita do desastre econômico está no coração do sistema político. Fidel jamais pre-

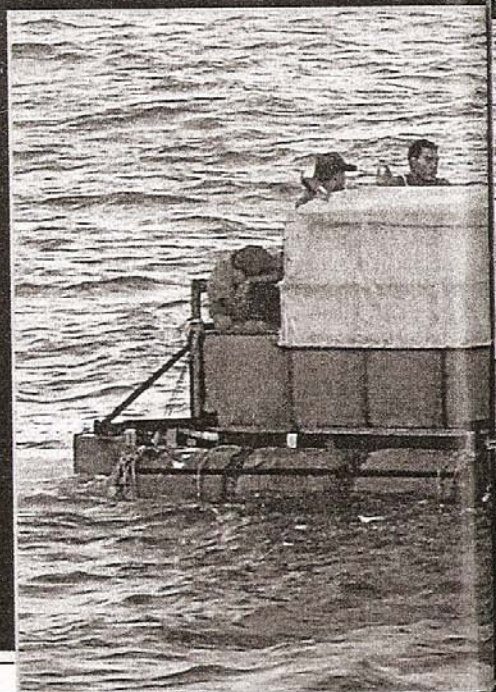


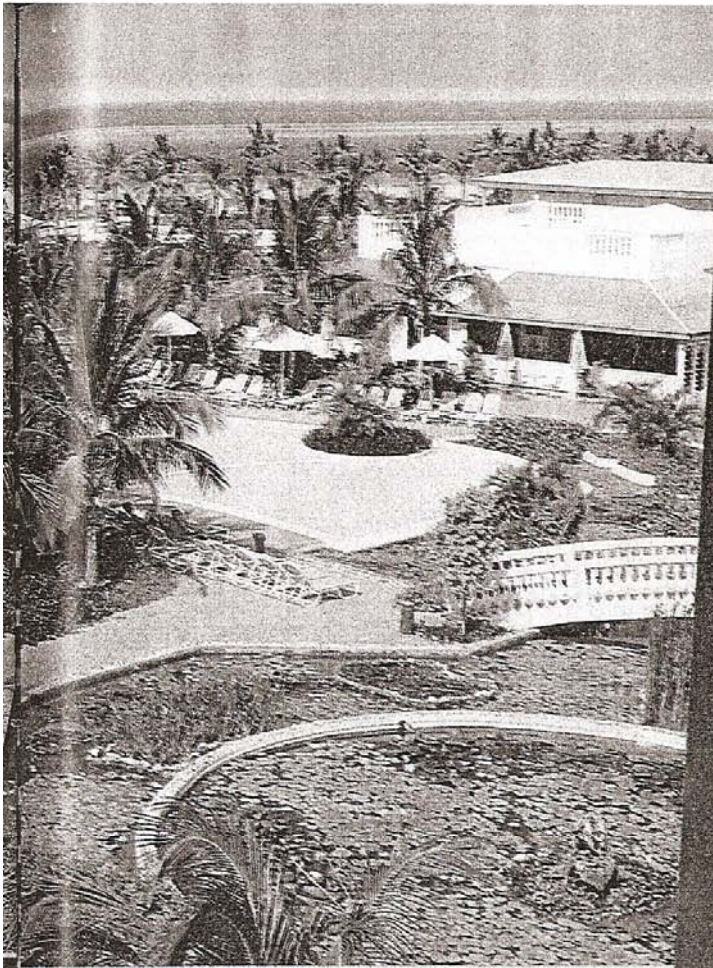
A OPORTUNIDADE

Acima, resort da rede Meliá na ilha de Cayo Guillermo, em Cuba, proibido para cubanos; o crescimento da indústria do turismo, que recebe 2 milhões de visitantes por ano, é mérito de Raúl, que colocou militares aposentados para administrar o setor

O DESESPERO

Cubanos fogem para os Estados Unidos em um caminhão da década de 50 transformado em balsa, em 2003: 78 000 pessoas morreram na tentativa da travessia





46 anos de racionamento

O racionamento de alimentos está em vigor desde 1962. Todo cubano tem o direito de comprar uma lista mensal de itens, a libreta, a preços subsidiados nos armazéns do governo. Na província de Villa Clara, no centro de Cuba, a libreta tem os seguintes itens alimentícios:

AÇÚCAR BRANCO (1,3 QUILO)
 AÇÚCAR MASCADO (1,3 QUILO)
 ARROZ (2,3 QUILOS)
 GRÃOS (0,9 QUILO DE FEIJÃO OU ERVILHA)
 ÓLEO DE COZINHA
 (250 MILILITROS A CADA TRÊS MESES)
 SAL (454 GRAMAS)
 CAFÉ (681 GRAMAS)
 CARNE OU FRANGO
 (227 GRAMAS)
 LEITE OU IOGURTE DE SOJA
 (30 LITROS, SÓ PARA CRIANÇAS)

PREÇO TOTAL _____ 20 pesos

A libreta é suficiente para alimentar cada pessoa da família por apenas uma semana, em média.

Para o resto do mês, o cubano é obrigado a comprar comida em mercados livres, onde a lista acima sai por cerca de 160 pesos

Considerando que o salário médio cubano é de 265 pesos mensais, o equivalente a 10 dólares, não sobra nada para gastar com outros produtos básicos

tendeu estabelecer uma economia socialista com padrão mínimo de racionalidade e produtividade, como tentaram os comunistas do Leste Europeu — ou como os chineses e os vietnamitas estão fazendo agora. Mercado e instituições são anátemas em sua ideologia. Em lugar disso, o comandante-em-chefe apostava na mobilização em massa a pretexto de defender a pátria e no esforço incondicional daqueles que lhe eram fiéis. O próprio Partido Comunista foi, durante bastante tempo, mero coadjuvante. Há mais de dez anos não realiza um congresso. Ele sempre se recusou totalmente a implantar as políticas macroeconômicas necessárias para aumentar o PIB e a produtividade, criar empregos, salários reais e, até mesmo, aumentar a arrecadação de imposto. Incapaz de produzir riqueza, Fidel só podia oferecer aos cubanos uma divisão mais

ou menos equitativa da pobreza. Por muito tempo conseguiu convencê-los de que isso era uma virtude socialista.

Não é de surpreender que essa situação tenha dado origem a um mundo bipolar, o da dupla moralidade. Em público, os cubanos apóiam o comandante-em-chefe e o regime e defendem objetivos socialistas. Em particular, engajam-se em atividades ilegais, compram e vendem no mercado negro e planejam deixar o país. O fenômeno foi reconhecido pelo Partido Comunista na década de 90, mas este não conseguiu eliminá-lo ou não se esforçou para isso. Alegres apesar das agruras de um país aos pedaços, os cubanos são uma fonte inesgotável de piadas sobre as mazelas do regime. Um exemplo: na escola, perguntam ao menino quais são as três grandes conquistas da revolução. Ele responde prontamente que são a educação, a saúde e a seguridade social. Provocativa, a professora quer saber quais são os três defeitos. O aluno também os tem na ponta da língua: café-da-manhã, almoço e jantar. Visto de uma perspectiva egoísta, o modo de governar adotado por Fidel foi um sucesso para ele próprio. Nenhum outro ditador de sua época permaneceu tanto tempo no poder. Ele sobreviveu à hostilidade de dez presidentes americanos. "Sem Fidel Castro, o regime cubano teria acabado junto com a União Soviética, quase vinte anos atrás", disse a VEJA a socióloga cubana Marifeli Pérez-Stable, vice-presidente do Diálogo Interamericano, um centro de análises políticas em Washington. Por outro lado, o estilo castrista é um problema para seus sucessores. Ninguém pode governar como Fidel governou, e não há acordo entre os camaradas sobre o melhor caminho a adotar.

Ela não vê perspectiva de democracia em Cuba em futuro próximo e também não está certa de que condições favoráveis à transição possam emergir a curto prazo. Na sua opinião, há quatro cenários possíveis para o futuro de Cuba.

■ O primeiro é o desejado por Raúl Castro e muitos camaradas do Partido Comunista. Sem a presença de Fidel, seus membros poderiam enfim colocar em prática as reformas econômicas, copiando algumas medidas favoráveis ao mercado adotadas na China ou no Vietnã e mantendo intacta a estrutura política. Apesar de o partido conservar o monopólio do poder, haveria bastante liberdade econô-



NOVO PATROCÍNIO

O presidente Hugo Chávez, ao lado de Raúl Castro, entrega um quadro de presente a Fidel, em visita ao ditador doente em agosto de 2006: o venezuelano ajuda Cuba com petróleo subsidiado em troca de médicos e professores cubanos que trabalham na Venezuela. Raúl não vê com bons olhos a influência de Chávez sobre Cuba, mas não tem muita opção

DÍVIDA EXTERNA PER CAPITA

EXPORTAÇÃO

IMPORTAÇÃO

MORTALIDADE INFANTIL

CONSUMO DIÁRIO DE CALORIAS PER CAPITA

CONSUMO DE CARNE PER CAPITA

AUTOMÓVEIS PER CAPITA

PRODUÇÃO DE ARROZ

NÚMERO DE JORNAIS DIÁRIOS

RENDA PER CAPITA



A CUBA QUE FIDEL RECEBEU...

...E A QUE ENTREGOU

49 dólares	3 000 dólares
3,6 bilhões de dólares	3,2 bilhões de dólares
3,3 bilhões de dólares	10,8 bilhões de dólares
13º entre os melhores do mundo	25º entre os melhores do mundo
2700	2600
33 quilos por ano	31 quilos por ano
2º lugar na América Latina	9º lugar na América Latina
261 000 toneladas por ano	208 000 toneladas por ano
58	17, todos controlados pelo governo
4ª maior na América Latina	29ª na América Latina

mica. Se der tudo certo, café-da-manhã, almoço e jantar deixarão de ser um problema para os cubanos.

■ O segundo cenário é o almejado pelos cubanos exilados nos Estados Unidos. Com a saída de Fidel e uma ligeira abertura econômica, seu sucessor daria início à transição democrática. Novos nomes de dentro do regime e da sociedade civil ganhariam projeção política e começariam a pressionar o governo e a população não se daria por satisfeita apenas com a melhoria da qualidade de vida. Os sucessores de Fidel decidem não recorrer à repressão em massa, o que abre caminho para o estabelecimento da democracia a médio prazo.

■ Uma terceira possibilidade seria que as reformas econômicas levadas a cabo pelos sucessores de Fidel se revelem lentas em produzir resultados. A população perde a paciência e protestos explodem nas cidades. A linha-dura propõe usar a força, mas os reformistas preferem negociar. Convocam um diálogo nacional e a transição para a democracia ocorre em ritmo acelerado.

■ O último cenário é o mais caótico. O sucessor de Fidel é cauteloso desde o início, com medo de perder o controle. Não há abertura política ou econômica. Protestos populares espalham-se pela ilha. O Exército é chamado, cubanos fogem em massa para a Flórida. Uma intervenção americana ou de forças de paz da ONU não estaria fora de cogitação.

Depois de perder a mesada soviética, a economia cubana encolheu 35% entre 1989 e 1993. Muita gente esperou que Fidel fosse engolido pela queda do Muro de Berlim. Ele respondeu declarando um "período especial", com medidas austeras e reformas tímidas, mas pragmáticas. Sob o comando de Raúl e Lages, foram permitidas a abertura de restaurantes familiares, feiras livres para complementar a escassa ração oficial e a circulação de dólares. Também foram encorajados o turismo e os investimentos estrangeiros, principalmente em hotéis, minas de níquel e exploração de petróleo. O resultado foi que algumas pessoas melhoraram de vida. Fidel viu nisso uma afronta ao sacrossanto princípio da igualdade revolucionário. Em 1996, ele deu marcha a ré nas reformas. O investimento estrangeiro tornou-se mais seletivo. A repressão política intensificou-se e culminou com a prisão de 75 dissidentes em 2003, na maioria condenados a longas penas de prisão.

Hugo Chávez substituiu a União Soviética como provedor. Ele manda 92 000

“O CASTRISMO ACABOU”

O dissidente cubano Héctor Palacios Ruiz considera o afastamento de Fidel Castro um alívio para a população, mas duvida que seu substituto consiga manter-se no poder, exceto pela força. “De toda forma, qualquer um é melhor que Fidel”, diz o sociólogo de 64 anos. Preso em 2003 e condenado a 25 anos de cadeia por sua atividade oposicionista, ele foi solto no fim de 2006, em caráter condicional, para tratar da saúde. De Madri, onde está cuidando das doenças adquiridas na cadeia, Palacios concedeu ao repórter Thomaz Favaro a seguinte entrevista.

RAÚL CASTRO PODE SER MELHOR PARA CUBA QUE SEU IRMÃO, FIDEL? Qualquer um é melhor neste momento. Fidel Castro é um homem apegado ao poder, obstinado em evitar mudanças substanciais em Cuba. A falta de mudanças é o que de pior pode acontecer, pois os problemas econômicos e sociais do país são gravíssimos. Não creio, contudo, que Raúl consiga ser o dirigente de Cuba. Ele não tem força política suficiente nem o carisma necessário para isso. Raúl pode tentar governar pela força, apontando a pistola para a população cubana, mas por pouco tempo. O próprio Raúl já disse que Fidel é insubstituível.

POR QUE FIDEL É INSUBSTITUÍVEL? Fidel Castro é um político inteligente e muito hábil. Ele sempre teve todo o poder nas mãos e concentrou pessoalmente todos os cargos importantes: comandante-em-chefe, primeiro-secretário do Partido Comunista, chefe do Conselho de Ministros e presidente do Conselho de Estado. Fidel também conseguiu estabelecer uma aliança internacional com a esquerda e chegou a ser visto como o Homem do Século XX. Ele é um ícone da história. Não se pode esquecer que seu rosto e sua vontade foram onipotentes em Cuba durante as cinco décadas em que reinou. Acredito que tudo isso desaparecerá rapidamente. Note que ninguém chorou a saída de Fidel. Isso mostra como as pessoas estão cansadas do regime castrista. O castrismo desaparecerá da mesma forma que o stalinismo e o hitlerismo, movimentos que viraram fumaça depois da morte de seus criadores.

O QUE FALTA PARA QUE COMECEM AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS EM CUBA?

As mudanças não começam nas estruturas políticas, e, sim, na população. Quando o povo está insatisfeito, pede mudanças. As transformações começam quando as pessoas percebem que o governo não tem como resolver os problemas. Isso já teve início em Cuba, mas se trata de um processo lento. Com a saída de Fidel da cena política, desaparecerão também muitos dos seus dogmas. O que temos em Cuba não é sequer socialismo ou comunismo. O regime cubano não encontra respaldo nem na teoria nem na prática comunistas. É um castrismo, terror semeado nas crianças desde que nascem para que não reajam. Fidel não deixa sucessor. Nem mesmo no Partido Comunista, que não passa de um grupo de políticos de carteirinha, mas sem ideologia. Imagine, em dez anos, como seria um Congresso cubano com essas pessoas. Não digo que será amanhã, mas falta pouco para a transição.

O SISTEMA POLÍTICO ATUAL PODE SOBREVIVER SEM FIDEL CASTRO? A saída de Fidel nos traz um otimismo cauteloso, mas ainda restam muitas dúvidas sobre o futuro: Primeiro porque sabemos como ele atua. Enquanto tiver um sopro de vida, poucas decisões importantes poderão ser tomadas sem sua participação. Ele não renunciou ao cargo de primeiro-secretário



ENRIQUE DE LA OSMELUTIBIS

do Partido Comunista, e na Constituição cubana está escrito que o partido é o reitor da sociedade. Portanto, Fidel continua no comando do país. Em segundo lugar, ele já demonstrou que não está disposto a tolerar mudanças no governo. E tem suficiente influência para isso.

O SENHOR ACHA QUE SUA LIBERAÇÃO FOI UM SINAL DE MUDANÇAS NA ILHA? Eu não fui solto. Ainda sou um preso político. Estou na Espanha com licença médica para tratar das graves doenças que adquiri no cárcere. Devo 21 anos de prisão ao governo cubano. Na hora em que eles quiserem devo voltar ao cárcere, sem julgamento nem recursos. Há 250 presos políticos em Cuba, todos inocentes. Nenhuma lei diz que um homem deve ser preso pelo que pensa. A minha

“Não tenho vergonha de ter combatido na revolução. Lutei para implantar a democracia, o que faço até hoje”

história é a de quase todos os opositores. Eu era um agricultor da Serra de Escambray, no centro de Cuba. Foi ali que ouvi falar de revolução pela primeira vez. Participei da guerrilha, pois estava interessado em tudo o que oferecia Fidel Castro. Depois fui me dando conta de que ele me enganava. Não tenho vergonha de ter combatido na revolução. Lutei para implantar a democracia, o que faço até hoje.

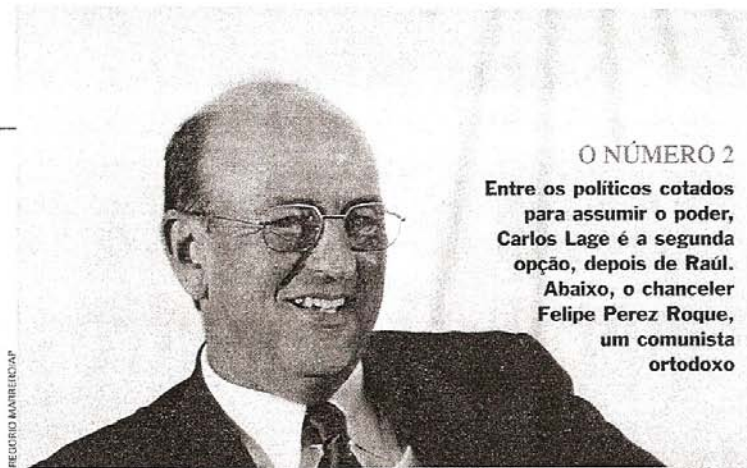
Palácios em Havana, um mês antes de partir para Madri: tortura

QUAIS SÃO OS PROBLEMAS DE SAÚDE QUE O SENHOR ENFRENTA?

Tive um colapso do sistema circulatório da cintura para baixo, fruto de dois anos vivendo em celas "tapadas", como são chamadas. São cubículos muito baixos, fechados com placas de aço. Sem luz nem ventilação, o interior da cela atinge temperaturas entre 45 e 55 graus. As condições de higiene são terríveis. Isso afetou também meu sistema respiratório. Hoje tenho metade da capacidade respiratória normal. Devido a todos esses fatores, minha pressão arterial é altíssima. Recentemente sofri um ataque isquêmico transitório, por falta de oxigenação no cérebro, e caí. Dito isso, espero que você não me pergunte se há tortura em Cuba. Meu caso serve como resposta. Liberaram-me para morrer.

POR QUE OS ESTADOS UNIDOS INSISTEM EM MANTER O EMBARGO A CUBA?

O governo americano cometeu efetivamente muitos erros. A invasão da Baía dos Porcos, em 1961, foi um dos piores. Outro engano incalculável foi ter cortado a cota açucareira de Cuba em 1960, pois isso permitiu a aproximação da União Soviética. Tudo isso ajudou Fidel Castro. O embargo econômico a Cuba não é significativo, pois os Estados Unidos são um dos maiores parceiros comerciais da ilha. Cuba importa dos americanos quase 500 milhões de dólares por ano. As compras incluem produtos agrícolas, subsidiados, que são revendidos por um preço muito mais alto no país. Os Estados Unidos são um grande negócio para Cuba, mas na cabeça das pessoas persiste a idéia de que há um boicote. Ou seja, o embargo americano só dá mais força a Fidel. O verdadeiro embargo é o do governo ao povo cubano. Quem pode imaginar que neste século, na América, onde todos já lutaram pela democracia, possa ainda existir um sistema de partido único?



O NÚMERO 2

Entre os políticos cotados para assumir o poder, Carlos Lage é a segunda opção, depois de Raúl. Abaixo, o chanceler Felipe Perez Roque, um comunista ortodoxo

barris diários a preços subsidiados para Cuba. Nos últimos dois anos, ajudou com 2,3 bilhões de dólares. Graças a Chávez, os cortes de energia elétrica tornaram-se raros. A China também ofereceu crédito farto. No momento, Cuba está trocando sua frota de ônibus e caminhões por veículos pesados. Para completar, o preço internacional do níquel subiu. Nada disso teve reflexo significativo no bolso dos cubanos. O salário médio é de 265 pesos, o equivalente a 10 dólares. Um médico pode ganhar 700 pesos. É o suficiente para comprar uma dúzia de frangos — se é que alguém viveria apenas de comer frangos. Raúl não é um reformista nem um democrata. É comunista desde a adolescência. Mas, ao contrário de Fidel, não tem uma visão ideológica dos problemas sociais. Pragmático, percebeu que o regime não sobrevive sem reformas econômicas e vê com admiração o sucesso da experiência chinesa. Desde 1959 ele dirige as Forças Armadas, instituição que, dentro do caos geral de que padece o país, funciona razoavelmente bem. O Exército transformou-se no pioneiro do capitalismo cubano, investindo na agricultura, no turismo e na indústria. Raúl cuida pessoalmente do turismo. Com 300 praias de areia branca e mar transparente, a ilha atrai 2 milhões de turistas por ano. Se o irmão morrer, ele estará livre para tentar um comunismo à chinesa no Caribe.

O desafio de suceder a Fidel é grande. O regime perdeu a lealdade dos jovens. Num encontro recente, transmitido pela



televisão, dois jovens universitários colocaram Ricardo Alarcón, o presidente da Assembleia Nacional, numa saia-justíssima. Eles fizeram isso com umas poucas perguntas básicas:

■ Por que os cubanos não podem viajar para fora do país?

■ Por que os produtos de consumo são cobrados em pesos conversíveis, que têm seu valor atrelado ao dólar, se os trabalha-

dores cubanos recebem em pesos normais, que não valem quase nada?

■ Por que os cubanos não podem frequentar os hotéis e os restaurantes abertos só para turistas?

■ Que sentido faz realizar eleições para a Assembleia Nacional se os eleitores desconhecem totalmente quem são os candidatos?

É compreensível que Alarcón não tenha conseguido articular respostas inteligíveis. A verdadeira resposta veio dias depois. Os jovens foram forçados a se retratar diante das câmeras da televisão oficial.

Nesse quadro tormentoso, surpreende como ainda se repete que "é preciso preservar as conquistas da revolução". O mito propagandista sugere que Fidel tomou o poder em Uganda e agora o está devolvendo na Suíça. Na verdade, os indicadores sociais cubanos pré-Fidel eram excelentes nos quesitos educação e saúde. A contribuição castrista consiste sobretudo na destruição da infra-estrutura física e humana da ilha, que já foi rica em escritores, artistas e músicos e hoje é um deserto de idéias. O motivo da tolerância existente em relação a Cuba é de difícil

Fidel e o golpe da revolução operada por outros meios

A semente do mensalão está na pistola com que Che Guevara executou um guerrilheiro que roubara um pedaço de pão. O dossiê dos aloprados foi planejado em Sierra Maestra. O aparelhamento do estado e a farrá dos cartões desfilaram com Fidel Castro em Havana, em 1959. Isso é história de mentalidades, não de nexos pobremente causais. O assalto ao Erário, à ordem legal e à administração do estado seria apenas a revolução operada por outros meios. Os criminosos precisam dessa mitologia para reivindicar seu exclusivismo moral. É coerente que propagandistas do PT como o arquiteto Oscar Niemeyer, o cantor Chico Buarque e Frei Betto sejam também embaixadores (i)morais da ditadura cubana.

Fidel, vê-se, é uma figura marcante na história do Brasil. A justificativa nada imprecendente do golpe militar de 1964 foi impedir a “cubanização” do país. Figuras que transitam neste governo têm sua folha corrida ou sua lenda pessoal ligadas à trajetória do “comandante”. José Dirceu, por exemplo, ganhou seu caráter e uma de suas caras treinando guerrilha na Cuba revolucionária. Há quem jure que nunca deu um tiro. O sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, que estreou no anticomunismo, aproximou-se do castrismo por razões, acredite!, pragmáticas. Derrotados de 64 forneceram ao dito então “novo sindicalismo” a vértebra política que ele não tinha e lhe emprestaram aquela mitologia da “resistência”. Na versão mítica, os derrotados do comunismo que voltaram do exílio tentariam construir o socialismo recor-

“A mitologia da resistência é uma trapaça ideológica a emprestar a homicidas compulsivos a dignidade de utopistas. Hoje, os nossos ‘cubanófilos’ estão empenhados em assaltar os cofres. E é bom lembrar: os ladrões vulgares não desistiram de solapar a democracia”

rendo aos instrumentos que a própria “burguesia” lhes forneceria. Padres de passeata aspergiram na mistura um pouco da pervertida água benta anticapitalista, e pronto! Estava criado o PT. Para quê?

As esquerdas, diz um amigo, não têm uma teologia, só uma demonologia. Ainda não definiram as virtudes pelas quais lutam, mas têm claros os valores contra os quais conspiram, e o mais importante de seus alvos é a liberdade.

O alemão Karl Marx (1818-1883), pai intelectual dos comunistas, tinha certa atração pelo demônio — o próprio filho o chamava de “diabo”; devia ter lá seus motivos. Em Marx e acólitos, o novo homem se faz da destruição do patrimônio cultural que herdamos, não de uma nova resposta às demandas geradas por essa herança. Por isso o marxismo tentou apagar no “cérebro dos vivos” o “pesadelo das gerações mortas”. Eliminar a memória é condição essencial do totalitarismo. As revoluções e golpes comunistas sempre foram exímios na destruição de sistemas, mas incapazes de criar alternativas: caracterizam-se por longos processos de depuração, expurgos, retratações e purgações inquisitoriais. Como diria o cubanófilo Chico Buarque, inventaram o pecado, mas não o perdão.

Num ambiente em que se articulam “teologia”, “demonologia” e “esquerdas”, uma voz autorizada é a de Frei Betto, o mais pio dos nossos “cubanos”, eventualmente ímpio, já que é um religioso. O homem é de uma cora-

gem moral admirável na amizade que mantém com Fidel. Em seu convicto repúdio ao inferno capitalista, jamais se deixou impressionar por execuções sumárias. Como diria Padre Vieira (1608-1697), a coragem moral é de Betto, mas o risco é dos outros. Ele já tem seu veredicto: “Não há nenhum sintoma em Cuba de que o país possa retornar ao capitalismo”. Betto esconjura o demônio. Trata-se da reza macabra habitual: justificar ou ignorar crimes, sejam fuzilamentos ou mensalões, em nome de amanhã sorridentes. É o que tem feito outro renitente apologista do comunismo. Oscar Niemeyer, com o peso dos seus 100 anos — a União Soviética não resistiu mais do que 74... Na carta de renúncia, Fidel citou o arquiteto, afirmando que é preciso “ser consequente até o final”. Até o fim de quem?

Ocorrem-me, diante de Niemeyer, as palavras do poeta português Antero de Quental (1842-1891) ao responder a um adversário intelectual: “Levanto-me quando os cabelos brancos de V. Exa. passam diante de mim. Mas o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas coisas que saem dele, confesso, não me

Fidel e Dirceu: quem disse que a história os julgará?



CLAUDIA DAUTREUIL/TEJES

merecem nem admiração nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. Exa. precisa menos cinquenta anos de idade, ou então mais cinquenta de reflexão”.

E há Chico Buarque, o terror da propriedade e dos casamentos privados do Leblon. Sim, a nossa Palas Athena da MPB tem até um retrato no Museu da Revolução de Cuba, tal é a admiração que lhe devota o “comandante”. O povo prefere Nelson Ned e a novela *Escrava Isaura*. Entendo: deve identificar o dono da ilha com Leôncio, o bandidão senhor de escravos. “Chico”, essa entidade acima da moral e, quiçá, dos bons costumes, faz lirismo voluntário com o sangue involuntário das vítimas de Fidel. Um talentoso idiota moral.

Boa parte da imprensa não fugiu a esse clima de leniência (ou “leninência”: não resisti ao trocadilho, perdoe-me) com o “comandante”. Sua renúncia assanhou as células do ódio à democracia e à economia de mercado. Sob o pretexto da isenção, atribuíram ao facínora uma herança “ambígua”. Num rasgo de covardia intelectual, decretou-se: “Só a história poderá julgá-lo”.

Fidel mandou matar em julgamentos sumários 9479 pessoas. Estima-se que os mortos do regime cheguem a 17000. Dois milhões de pessoas fugiram do país — 15% dos 13 milhões de cubanos. Isso corresponderia a 27 milhões de brasileiros no exílio. Ele matou 130,76 indivíduos por 100000 habitantes: Pinochet, o facínora chileno, “apenas” 24; a ditadura brasileira, “só” 0,3. O comandante é 435,86 vezes mais assassino do que os generais brasileiros, que encheram de metáforas humanistas a conta bancária de Chico Buarque. A história dirá quem foi Fidel? Já disse! Permaneceu 49 anos no poder; no período, passaram pela Casa Branca. Lá no “Império” detestado por Niemeyer, dez presidentes!

Cadê a ambigüidade? A mitologia da resistência é uma trapaça ideológica a emprestar a homicidas compulsivos a dignidade de utopistas. Hoje, os nossos “cubanófilos” estão empenhados em assaltar os cofres. O problema não está nas duas caras que eles têm, mas na moral que eles não têm. E é bom lembrar: os ladrões vulgares não desistiram de solapar a democracia.



PHILIP GONDREAU/GETTY IMAGES/LATIN STOCK

explicação. O ensaísta argentino Mariano Grondona atribui esse fascínio pelo ditador caribenho ao realismo fantástico que domina não apenas na literatura, mas também no campo minado da política latino-americana. Esse pensamento se traduz basicamente pela crença de que nossos fracassos não são produto de nossos erros, mas uma consequência de algo maior, a opressão americana. Seria a utopia cubana como uma terra a salvo dos americanos que entusiasma políticos e intelectuais que, em sua própria terra, fazem questão de viver num regime democrático.

Os índices sociais de Cuba são razoáveis para uma ilha do Caribe. O país não reproduz os altos índices de criminalidade da vizinha Jamaica ou a pobreza abjeta do Haiti. Sem Fidel talvez o país fosse socialmente mais desigual. Mas implantar uma realidade de zoológico — ou seja, aquela em que todos têm comida, escola e saúde, mas vive enjaulado — não paga o preço do atraso, da falta de liberdade e da pequenez intelectual. Sobretudo por ser falsa a existência de uma dicotomia entre democracia e justiça social. A Costa Rica desfruta uma posição melhor que a de Cuba no IDH, sem ter para isso abolido as eleições livres, prendido opositores ou impedido seus cidadãos de viajar para o exterior. Entre os mitos mais divulgados por Havana está o de que a pobreza cubana é uma consequência direta do embargo comercial decretado pelos Estados Unidos nos anos 60. Trata-se de uma balela, visto que o restante do mundo está ávido por negociar com Cuba. O próprio embargo não é tão fechado quanto parece. Os cubanos compram 500 milhões de dólares em alimentos e remédios americanos. Outro 1 bilhão de dólares, uma das três maiores fontes de renda da ilha, é enviado pelos

A CUBA DE BATISTA

Cena de um café em Havana, anos antes da revolução: uma ditadura substituída por outra

cubanos que vivem nos Estados Unidos a seus parentes em Cuba.

Muitos políticos americanos acreditam que o embargo é contraproducente e fornece uma desculpa para o fracasso econômico e social de Fidel Castro. Melhor seria revogá-lo e afogar o regime comunista num banho de dólares. Não é má idéia. Mas há razões para tanta hostilidade. O embargo foi uma resposta direta ao confisco de propriedades americanas no valor de 2 bilhões de dólares no início da revolução. Além do mais, é bom lembrar, num momento de absoluto fanatismo, Fidel tentou deflagrar a III Guerra Mundial. Em 1962, ele conseguiu que Nikita Kruchev instalasse mísseis nucleares em Cuba. Nos treze dias febris que se seguiram, a humanidade esteve perto da aniquilação. Por fim, Moscou aceitou retirar o armamento em troca da promessa de que a ilha não seria invadida. Sabe-se que Fidel tentou empurrar a União Soviética a levar o confronto até o limite do inimaginável. Assustados com a gravidade do que tinham vivido, John Kennedy e Kruchev deram início ao processo de coexistência pacífica entre as superpotências. Vamos ver a figura por este ângulo: Fidel Castro é um sobrevivente daqueles tempos tenebrosos. Já vai tarde. ■

Com reportagem de Alexandre Salvador, Duda Teixeira, Thomaz Favaro e Vanessa Vieira

veja.com PERGUNTAS E RESPOSTAS:
CUBA SEM FIDEL EM
www.veja.com.br/perguntas



O tamanho de Fidel, a pele de Obama...

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

*...e ainda:
Kosovo a
caminho
de produzir a
balcanização
em seu
mais puro
e acabado
estado*

Muitos acreditaram na notícia da renúncia de Fidel Castro. Talvez até o próprio Fidel tenha acreditado. Eis, no entanto, algo que nem querendo ele poderia realizar, pelo simples motivo de que, tirante a hipótese de suicídio, está fora de seu alcance renunciar a si mesmo. O Fidel Castro pessoa física, ao qual é sempre preciso acrescentar as várias toneladas de peso da pessoa mítica, é muito maior do que os cargos que ocupa. Não se imagina que enquanto estiver vivo (e por enquanto aparentemente está) e por perto (e não há indício de que pretenda fugir para Miami) algo de substancial possa ser feito em Cuba sem, pelo menos, o seu conhecimento, ocupe o cargo que ocupar, ou não ocupe cargo algum.

A visão que se tem de Fidel Castro estará sempre prejudicada para quem não tem presente a distorção de escala que envolve sua figura. Ela não é apenas maior do que os cargos que ocupa. É também maior do que Cuba. E, no plano internacional, maior do que deveria ser a do líder de um país de pouco mais 100.000 quilômetros quadrados, 11 milhões de habitantes e PIB de 45 bilhões de dólares. Aplicada contra o mapa de Cuba, sua figura é a de um adulto corpulento numa banheira de criança. Transborda água para todo lado. Aplicada contra o mapa-múndi, é a de um corpo que projeta sombra desproporcional às suas dimensões por causa do ângulo do qual lhe lançam luz. O inflado espaço que ocupa se deve em parte à mística do guerrilheiro, semeada na época romântica em que se acreditava que tudo era possível, e em parte às peculiaridades da política americana, cujos terrores infantis acabaram por emprestar-lhe importância maior do que tinha. Alguém desse tamanho está muito acima do cargo de presidente (a que renunciou) ou de primeiro-secretário do partido (a que não renunciou). Enquanto estiver vivo será sempre a suprema instância, e sabe-se lá se não continuará sendo depois de morto.



Kosovo era uma província da Sérvia de maioria albanesa. Em nome dessa composição étnica lutou por sua independência e na semana passada a proclamou, com o apoio dos EUA, da Inglaterra e de outros países. No norte de Kosovo, concentra-se uma minoria sérvia. Eles perfazem 5% dos 2 milhões de habitantes do novo

país, e não estão satisfeitos com a nova situação. Se o critério étnico de construção de estados soberanos é para valer, nada mais justo do que lhes conceder, a eles também, a independência.

Sendo, no entanto, as fronteiras étnicas nem sempre tão bem traçadas, ainda mais num espaço apertado como o dos Balcãs, é de supor que, nesse mesmo norte de Kosovo de maioria sérvia, haja uma aldeia onde a maioria seja, digamos, de croatas. Nada mais justo que, por sua vez, essa aldeia conquiste sua independência. Ocorre que, teimosamente imperfeitas como continuam sendo as fronteiras étnicas, se descobre que, dentro da aldeia de maioria croata, há um quarteirão em que a maioria é macedônia. Por que não? Independência para eles também. E também, na etapa seguinte, para a família que, embora habitando o quarteirão de maioria macedônia, é de etnia húngara. Sobre que, dentro dessa família, há um cunhado que é esloveno. Nenhuma família é perfeita, como se sabe. A lógica seguida até agora impõe que, claro, se dê soberania também ao cunhado. E assim chegamos à balcanização em sua mais pura e acabada forma: o estado de uma pessoa só.



Barack Obama é inspirado orador, tem idéias arejadas, ostenta bom currículo etc., mas o melhor que tem a oferecer, aos EUA e ao mundo, é mesmo sua pele escura. Um presidente com voz fina de mulher e batom nos lábios também seria bom, mas um de pele escura é muito mais espetacular, para o efeito de chacoalhar os pressupostos e os gostos reinantes. Quando Obama estender a mão para outro chefe de estado, é a sua mão preta que estenderá, e não se trata do presidente de um país africano, mas o da maior potência do mundo.

Uma das atitudes racistas mais canalhas é a do branco que, numa disputa com o negro, aponta no próprio braço a cor da pele, para dizer como sua cor é superior à do outro. Um jogador de futebol fez isso, não faz muito, numa partida no Rio Grande do Sul. Essa pessoa que se sente tão superior porque tem a mão branca terá de aprender a viver num mundo (desconcertante, para ela) em que uma mão preta é que assina as ordens que farão a diferença entre a paz e a guerra, o progresso e a crise, ao redor do planeta, além de ter ao seu alcance os botões nucleares. A cara preta de Obama é que aparecerá todo dia nos vídeos do mundo inteiro. O cabelo duro de Obama e os lábios grossos de Obama é que dominarão a cena. A figura negra de Michelle, a mulher de Obama, é que estará a seu lado, nas recepções na Casa Branca e nas visitas a outros países. Isso fará uma enorme diferença no mundo. Fará uma enorme diferença no Brasil.